

O BRASIL AGRÍCOLA

JANEIRO/2010 - Nº 733- ANO 66 - R\$ 11,90 - www.agranja.com

agranja



65

anos

SAIBA QUEM SÃO OS
65 FORA DE SÉRIE DO AGRONEGÓCIO



Os 65 Fora de Série do Agronegócio

- | | | |
|--|---|---|
| 22 Aaron Wetzel e Ademar Shardong | Gilson Trennepohl | 56 Marcos de Oliveira e Marcos Jank |
| 24 Alessandro Teixeira e Alexandre Kireeff | 40 Glauber Silveira e Haroldo Cunha | 58 Marcus Vinicius Pratini de Moraes e Mário Barbosa Neto |
| 25 Alfredo Lang e Amauri Cavalheiro | 42 Hugo Carvalho e Hugo Zattera | 60 Maurício Fischer e Max Fabiani |
| 26 Alysson Paolinelli e Anastácio Fernandes Filho | 44 Ivan Zurita e Iwao Miyamoto | 62 Odacir Klein e Onyx Lorenzoni |
| 28 André Carioba e Antonio Roberto Cortes | 45 João Carlos Machado e João César Rando | 64 Pedro Arraes Pereira e Raul Randon |
| 30 Arlindo Moura e Blairo Maggi | 46 João Sampaio e João Sereno Lammel | 65 Reinhold Stephanes e Renato Rocha |
| 32 Carlo Lovatelli e Carlos Sperotto | 48 José Aroldo Galassini e José Olavo Borges | 66 Ricardo de Castro Merola e Roberto Giannetti da Fonseca |
| 33 Cesário Ramalho e Claudio Gerdau Johannpeter | 50 Kátia Abreu e Knut Karlsen | 68 Roberto Rissi e Roberto Rodrigues |
| 34 Darcy Miolo e Dilvo Grolli | 52 Laércio Giampani e Luís Carlos Guedes Pinto | 70 Roberto Rossato e Shunji Nishimura |
| 36 Eduardo Daher e Erni Orlando Roos | 54 Luis Carlos Heinze e Marcelo Borges Lopes | 72 Valentino Rizzoli e Walter Horita |
| 38 Fábio Meirelles e Fernando Lemos | 55 Márcio Lopes de Freitas e Marconi Pascoali | 73 Wilson Zanatta |
| 39 Gilberto Junqueira Zancopé e | | 74 Hours Concours |

SEÇÕES

4 O SEGREDO DE QUEM FAZ

Pedro Arraes, diretor-presidente da Embrapa

84 LINHA DE FRENTE

Unica, a sustentabilidade em primeiro lugar

- | | |
|---------------------------------|---|
| 8 Vitrine | 92 Agribusiness |
| 10 Primeira Mão | 96 Flash |
| 12 Aqui Está a Solução | 98 Biodiesel |
| 14 Cartas, Fax, E-mails | 100 Novidades no Mercado |
| 16 Na Hora H | 102 Escolha seu Trator e sua Colheitadeira |
| 86 Agricultura Familiar | 107 Agroguia |
| 88 Notícias da Argentina | 114 Eduardo Almeida Reis |
| 89 Plantio Direto | |

Fitossanidade
em destaque

76 SOJA
MIP, pense sempre nele antes de pulverizar

80 FEIJÃO
Murcha de curtobacterium é uma ameaça nacional

82 GENTE EM AÇÃO

EMBRAPA, A MULTINACIONAL DA PESQUISA



Pedro Antônio Arraes Pereira, 56 anos, não gosta muito da definição, mas a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) se tornou uma multinacional. A empresa pública que é orgulho do país rompeu fronteiras e passou a atuar com laboratórios na Europa e Coreia do Sul, além de montar escritórios de pesquisa em países da África e no Panamá. Mas o Brasil não foi esquecido, e vêm aí novas unidades, como revela o diretor-presidente da Embrapa nesta entrevista em que anuncia os planos da instituição para 2010. Agrônomo, formado pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Arraes foi pesquisador da Embrapa Arroz e Feijão por 29 anos, onde chegou à chefia-geral. É mestre e doutor em melhoramento e genética de plantas pela universidade americana de Wisconsin e pós-doutor em genética molecular e marcadores em feijoeiro comum, pela Universidade da Califórnia.

Leandro Mariani Mittmann
leandro@agranja.com

A Granja — A Embrapa terá um orçamento de R\$ 1,8 bilhão em 2010, R\$ 300 milhões a mais que em 2009. Quais serão as prioridades na pesquisa em 2010?

Pedro Arraes — A Embrapa tem um processo todo de aprovação de projetos. Resolvemos colocar uma prioridade para o ano que vem. Tínhamos um projeto, que era até um projeto do Banco Interamericano, e que estava muito pulverizado. Então, fizemos um reordenamento conversando com o próprio banco, e é o que vamos realizar em 2010, o ano da biodiversidade da ONU. Dentro desse aspecto, estamos chamando 2010 de “o ano dos recursos genéticos vegetais da Embrapa”. Vamos fazer uma série de eventos, além de alocar um valor em torno dos US\$ 10 milhões para reestruturação dos recursos genéticos da Embrapa. Porque isso, na verdade, é o futuro... Já temos aqui a maior biodiversidade dos trópicos, então temos que ter um sistema muito bem organizado, com informação. Não adianta nada guardar os recursos genéticos e não ter agilidade para utilizá-los. É preciso usar esses recursos tanto morfológica como molecularmente. Isso é uma grande coisa que deve ser divulgada e já está tendo uma repercussão muito favorável.

A Granja — Quais são as outras metas?

Arraes — Temos uma série de metas associadas a esta questão toda do meio ambiente. E não poderia ser de outra maneira. Vamos ter que trabalhar projetos estru-

rentes que nos deem indicadores dessa questão toda de Reserva Legal, de quanto da margem dos rios tem que deixar preservado, dependendo do tipo de solo, da declividade, do tamanho do corpo de água e uma série de coisas desse tipo. Estamos alavancando uma série de pesquisas e tentando ter uma plataforma desse tipo de atuação na Embrapa no sentido de fornecer dados de maneira geral para a sociedade, que sejam dados isentos, baseados única e exclusivamente no processo científico. Obviamente que isso é uma coisa de médio prazo. Mas, de qualquer maneira, vamos fazer um grande esforço de organização de todas as nossas ações no sentido de termos uma plataforma com um banco de dados para informar os indicadores para contar com a ciência e não com algum “achismo”, que é o que permeia mais os noticiários.

A Granja — E as pesquisas nas unidades espalhadas pelo país?

Arraes — Bom, nós temos uma série de projetos de pesquisa, uma programação imensa. Há a questão do feijão transgênico resistente a vírus (*do mosaico dourado*). É possível que não saia em 2010 ainda, mas vai estar bem adiantado. É uma tecnologia nossa, nacional, da Embrapa, que vai evitar a aplicação de defensivos. E que vai atingir os pequenos produtores, que foram banidos da produção de feijão por essa doença. Em 2010 traçaremos toda uma estratégia de comunicação para mostrar que essa tecnologia, que já foi meio demonizada, pode ser

benéfica para o Brasil e para os pequenos produtores. Também haverá uma série de consolidações. Foi implantada a Embrapa Agrosilvopastoril, em Sinop, no Mato Grosso. Foi lançada a pedra fundamental, e o projeto do centro está pronto. Há uma expectativa imensa para essa unidade. Outro que vai ter um impacto imenso na Embrapa é o centro Pesca, Aquicultura e Sistemas Agrícolas, no Tocantins. Nós temos já uma imensa estrutura de pesca e aquicultura montada no país, mas que carece de uma ordenação maior, de uma agregação maior, a fim de gerar essas tecnologias para alavancar mais esse setor que cresce 25% ao ano. Há outro centro que está desenhado agora, também no Tocantins, e a equipe já foi nomeada. E tem ainda outro centro, já aprovado pelo nosso centro de administração, o do Maranhão, que vai ser a Embrapa Cacaís e Planícies Inundadas. É aquele componente de 3 milhões de hectares, onde há uma pobreza imensa, aquelas mulheres que trabalham com babaçu... Vai ser um centro com foco nessa área e também em pequenas máquinas, e esperamos que venha a ser de referência dentro da Embrapa para pequenas máquinas para pequenas propriedades, ligado principalmente à agricultura familiar. Lá a agricultura não é nem familiar, na verdade é uma agricultura de subsistência. Talvez seja o local mais pobre do Brasil. Tem outro centro que é muito importante que está sendo desenhado aqui na Embrapa Sede, que estamos chamando Embrapa Estudos Estratégicos e Capacitação em Agricultura Tropical.

Está sendo criada a Embrapa Estudos Estratégicos e Capacitação em Agricultura Tropical, um centro de referência da agricultura nacional

A questão de estudos estratégicos é também para ser um centro de referência da agricultura nacional no sentido de prever cenários para o futuro. O que vai acontecer com a agricultura no cerrado daqui a 20 anos? O que vai acontecer com a questão de mudanças climáticas, por exemplo, na Região Nordeste? Quer dizer, esses são alguns estudos de cenários, e esses estudos são encomendados. O centro tem a capacitação de fazer os termos de referência. E aí vêm os melhores especialistas do mundo para realizar esses estudos e nos dar os parâmetros, norteando nossas pesquisas para o futuro. Nós tivemos, há muito pouco tempo, por exemplo, a surpresa com o aumento do preço dos alimentos. Se tivéssemos um centro montado, talvez pudéssemos ter antecipado esse problema. Outro componente muito importante está ligado à nossa questão internacional. Esse centro vai ser capacitador tanto das nossas parcerias internacionais, na África e América Central, e nos países desenvolvidos.

A Granja — Por que a Embrapa está procurando expandir-se para outros países, sobretudo na África? Qual a finalidade destas atuações além-fronteiras? Inclusive já estão chamando a Embrapa de “multinacional”...

Arraes — Eu não gosto desse nome não... é meio gasto (*risos*)... A gente tem que criar outro nome (*risos*)... Temos focos bem claros na atuação internacional. Um deles é o que já estamos fazendo há 12 anos e cada vez se consolida mais, que são os três laboratórios virtuais no exterior (Labex). Um está localizado nos Estados Unidos, cuja coordenação fica em Washington. Um colega está na área de agroenergia, pesquisando as novas tecnologias de transformação da celulose; outro colega trabalha a questão do inventário flo-

restal; e uma colega está mexendo com a parte de sanidade animal, principalmente sobre a gripe suína. E também há um Labex na Europa, com a coordenação em Montpellier (*França*). São dois colegas que trabalham com alimentos funcionais. Tem uma pessoa mexendo com a parte de biologia avançada em frutas tropicais em Wageningen, na Holanda, e agora está indo um colega nosso para trabalhar com a parte de interação patógeno-plantas em nível molecular em Rothamsted, que é a estação experimental na Inglaterra mais antiga do mundo. E recentemente estive na Coreia do Sul nas instituições coreanas de pesquisa, inaugurando o Labex Coreia.

A Granja — Quais os objetivos dos Labex?

Arraes — O foco desses laboratórios virtuais é buscar o top do conhecimento, quer dizer, buscar o que há de mais avançado nessas áreas que elegemos como prioritárias. Isso é feito por concurso dentro da Embrapa, é baseado na competência das pessoas, que são selecionadas pelo currículo e alocadas nesses laboratórios, sob uma coordenação, no sentido de fazer pesquisa e, principalmente, prospectar oportunidades naquela área para interação e projetos colaborativos com o Brasil. O outro é um foco mais na transferência de tecnologia e de negócios. Temos, por exemplo, um escritório na Venezuela, que tem um contorno muito diferente, pois temos um superávit de quase US\$ 5 bilhões no comércio com a Venezuela, e há contratos de empresas brasileiras de construção civil em torno de US\$ 3,8 bilhões. Então, estas empresas atuam também na parte agrícola, nos projetos de irrigação, etc. Esse escritório é praticamente autossustentável porque recebe recursos desses contratos maiores que firmamos.

A Granja — E a atuação na África?

Arraes — Nosso escritório central está em Gana, mas temos dois projetos bastante interessantes. O primeiro, que está iniciando agora, é em Moçambique, para onde está indo um colega ligado ao escritório de Gana. É a primeira parceria sul-sul-norte, porque envolve Brasil-Moçambique-Japão, por meio da Jica - Japan International Cooperation Agency. A Jica, há 35 anos, junto com a Embrapa, fez essa revolução aqui, que é o cerrado. E Moçambique possui uma área ao norte que tem de 2 milhões a 3 milhões de hectares com todas as características do nosso cerrado. Os japoneses estão fazendo um investimento bastante grande em in-

fra-estrutura, entre outras coisas. E nós entramos com um componente de pesquisa e tentamos auxiliar a empresa de pesquisa local a se organizar melhor e a levar essas tecnologias aqui do mundo tropical, que é muito parecido com a situação que eles têm lá. Então, esse é um projeto bastante estruturante e interessante, e esperamos que chegue a ser um exemplo. Na briga do Brasil contra os Estados Unidos na Organização Mundial do Comércio (OMC) em relação ao algodão, houve o chamado Cotton-Four, e um desses países foi Mali. Por isso, em Mali, fizemos um campo de demonstração enorme de algodão, milho, feijão que causou um impacto imenso. O Governo brasileiro está até montando um pequeno escritório lá. É também é um projeto muito interessante e estruturante. O Brasil está dando a contrapartida pelo fato desses países estarem nos apoiando na OMC. Um colega nosso em breve irá substituir quem está voltando. E temos outra série de atividades. São 35 projetos hoje negociados com a África, dos quais nove já estão aprovados. Isso é tudo por meio da ABC, que é a Agência Brasileira de Cooperação, ligada ao Ministério das Relações Exteriores. Há esse componente de solidariedade, e também tem um componente negocial, pois muitos destes países já pedem pra gente interceder, por exemplo, indicando plantas de sementes, plantas de produção de álcool... Agora, recentemente, estamos instalando um outro centro que é totalmente diferente da África, que se chama Embrapa Américas, no Panamá. Vai lidar com toda aquela América Central, Caribe, a Colômbia... Essa é uma região de biodiversidade alta, de alto interesse para a gente. E eles são um pouco melhor estruturados em termos de pesquisa do que os países africanos. Até fevereiro uns dois colegas nossos vão ficar no Panamá, no que é chamado a Cidade do Saber, onde estão todas essas fundações, como a Bill Gates e universidades. ■

O foco dos laboratórios virtuais no exterior é buscar o top do conhecimento, o que há de mais avançado nas áreas eleitas pela Embrapa



Diretor-Presidente
Hugo Hoffmann



MATRIZ

Av. Getúlio Vargas, 1.526 – Menino Deus
CEP 90150-004 – Porto Alegre/RS
Fone/Fax: (51) 3233-1822
E-mail: mail@agranja.com
Homepage: www.agranja.com

SUCURSAL SÃO PAULO

Praça da República, 473 – 10º andar
CEP 01045-001 – São Paulo/SP
Fone/Fax: (11) 3331-0488/(11) 3331-0686
E-mail: mailsp@agranja.com
Homepage: www.agranja.com

DIREÇÃO-EXECUTIVA

Eduardo Hoffmann
Gustavo Hoffmann

REDAÇÃO

Editor
Leandro Mariani Mittmann
Reportagem
Denise Saueressig
Editoração
Jair Marmet e Gustavo Meneghetti
Produção da Capa
Gustavo Meneghetti
Revisão
Jorge Sant'Ana
Estagiário
Luís Henrique Vieira

ASSINATURAS

Gerente de Operações
Amália Severino Bueno
Gerente de RH
Fabrício dos Santos
Circulação
Jaderson Alberto Domingues Soares

COMERCIALIZAÇÃO

São Paulo – José Geraldo Silvani Caetano (gerente)
Porto Alegre – Maria Cristina Centeno (gerente RS/SC)
Agroguia – Kátia Torres

REPRESENTANTES

Minas Gerais – José Maria Neves
Rua Dr. Juvenal dos Santos, 222
Conj. 105 – Luxemburgo – CEP 30380-530
Belo Horizonte/MG – Fone/Fax: (31) 3297-8194 – Fone: (31) 3344-9100
Celular: (31) 9993-0066
E-mail: josemarianeves@uol.com.br
Brasília – Armazém de Comunicação, Publicidade e Representações Ltda.
SCS – Quadra 1 – Bloco K – Ed. Denasa
13º andar – Sala 1.301 – CEP 70398-900
Brasília/DF – Fone/Fax: (61) 3321-3440
Celular: (61) 9618-1134
E-mail: armazem@armazemdecomunicacao.com.br

Convênio Editorial: Chacra (Argentina)

A Granja é uma publicação da Editora Centaurus, registrada no DCDP sob nº 088, p. 209/73. Redação, Publicidade, Correspondência e Distribuição:
Av. Getúlio Vargas, 1.526 – Menino Deus
CEP 90150-004 – Porto Alegre/RS
Fone/Fax: (51) 3233-1822
Exemplar atrasado: R\$ 13,00

O PAÍS DA AGRICULTURA É FEITO DE HISTÓRIAS FORA DE SÉRIE

“Um país é feito de homens e livros”, disse o escritor Monteiro Lobato. Sim, nada como a leitura e a boa – e empreendedora – vontade humana para que uma nação cresça e faça seus filhos felizes. A agricultura brasileira, uma “pátria” à parte dentro do Brasil, com PIB e número de trabalhadores maiores que muitos países, cresceu, evoluiu, tornou-se uma potência porque sempre teve homens e mulheres determinados a torná-la gigante. E estes tiveram nos últimos 65 anos uma parceira de fé, uma companheira para safras boas e safras ruins, esta publicação que está em suas mãos. Portanto, esta edição é mais que especial, é de prestação de homenagem, pois é a edição que celebra o 65º aniversário da revista comercial mais antiga do Brasil em todos os segmentos e 65 pessoas que são, definitivamente, diferenciadas. Que são fora de série.

Há muitas semelhanças entre a trajetória das 65 pessoas, que chamamos de “Os 65 Fora de Série do Agronegócio”, e a revista **A Granja**. Todos construíram histórias que justificam as posições em que se encontram. Enfrentaram inúmeras dificuldades e, é claro, que as superaram – senão não estariam nesta edição. Aliás, esta edição não existiria se a trajetória d’**A Granja** não fosse de superação e sucesso. Nas páginas seguintes estão narrativas exemplares – e inspiradoras – para o ano que se inicia. E não há dúvida de que as páginas desta revista constituem-se em lugares providenciais

para abrigá-las. Os 65 personagens estão “em casa”.

Mas a edição, que é especial, diferenciada, também segue sua proposta de sempre informar e prestar serviços. Em **O Segredo de Quem Faz**, Pedro Arraes, diretor-presidente da Embrapa, deixa claro que a instituição tornou-se uma multinacional e fala sobre as novas unidades de pesquisa que serão construídas. E na seção Fitossanidade em Destaque, atenção para a murcha de curtobacterium que ataca o feijão e a importância do MIP na hora de defender a lavoura de soja.

Boa leitura!



Para assinar: (51) 3232-2288

PRIMEIRA MÃO

Apoio generoso

O orçamento do Governo Federal para compras e subsídios diretos à produção agrícola será recorde em 2010. Os recursos da Política de Garantia de Preços Mínimos devem somar R\$ 6 bilhões, enquanto o orçamento do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) para a compra de produtos da agricultura familiar e assentados terá R\$ 753 milhões. É o maior orçamento de apoio ao setor rural desde o fim da chamada conta movimento, pela qual o Governo podia intervir diretamente no mercado sem limitação de recursos até 1986.



SOJA COM ÔMEGA 3

Considerada segura para o consumo humano pela Administração de Remédios e Alimentos dos Estados Unidos (FDA na sigla em inglês), a soja geneticamente modificada para produzir naturalmente o ômega 3 poderá trazer muitos benefícios para a saúde da população. No Brasil, a nova soja ainda não está disponível, mas nos EUA em breve a indústria alimentícia poderá testá-la em alguns produtos, como na margarina, por exemplo. A soja com alto teor de ômega 3 faz parte da chamada segunda geração de transgênicos.

SEGURO MENOR

Os produtores terão em 2010 R\$ 230 milhões do Governo para subsidiar o seguro agrícola. O valor é R\$ 40 milhões inferior ao disponibilizado em 2009. Mas segundo cálculos do próprio ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes, seriam necessários R\$ 400 milhões para o total subsídio ao prêmio.

PIB recua R\$ 55 bilhões...

O PIB do campo em 2009 deverá recuar 7,5% em razão da crise financeira mundial iniciada há pouco mais de um ano. A estimativa é da CNA, baseada em levantamentos do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) da USP. A soma de todas as riquezas geradas pelo setor rural, projetada em R\$ 709,3 bilhões, sofrerá uma redução de R\$ 55,3 bilhões em apenas um ano – R\$ 16 bilhões na pecuária e R\$ 39,3 bilhões na agricultura.

... mas 2010 será melhor

Já para 2010 a previsão é de aumento da oferta com a safra maior, faturamento em alta e crescimento da receita do setor. O PIB deve voltar aos níveis de 2007, quando chegou a R\$ 715 bilhões. A CNA prevê uma elevação no faturamento das principais atividades agropecuárias neste ano. O Valor Bruto da Produção (VBP) deverá saltar de R\$ 233,2 bilhões para R\$ 245,2 bilhões, crescimento de 5%. Os preços serão melhores, haverá aumento da área plantada e recuperação da pecuária, segundo a instituição.



ARROZ VIRA LUZ

Um subproduto agrícola vai virar energia elétrica. Investidores alemães estão em processo de implantação de usinas em três municípios gaúchos, Itaqui, São Sepé e São Borja, que transformarão a casca do arroz em energia limpa. Apenas em Itaqui, principal polo de beneficiamento do cereal do país, devem ser aproveitadas cerca de 100 mil toneladas por ano de casca de arroz. As três usinas reúnem investimentos de R\$ 55 milhões.



Bom pra natureza, melhor pro bolso

Até 2020 o país gastaria entre US\$ 7 bilhões e US\$ 18 bilhões para zerar o desmatamento da floresta amazônica do lado brasileiro, segundo cálculos do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (Ipam). Mas, segundo previsões do próprio Ipam, a preservação dessa floresta poderia render entre US\$ 70 bilhões e US\$ 110 bilhões nos próximos dez anos no caso da geração de créditos de carbono. Para se ter uma ideia do tamanho do negócio, no ano passado, os negócios com crédito de carbono movimentaram em todo o mundo US\$ 128 bilhões.

TERRA DO AÇÚCAR

O Brasil produz um em cada cinco quilos de açúcar consumidos no mundo. A produção brasileira deverá ter na safra 2009/2010 crescimento de 10%, com estimativa de 34 milhões de toneladas – o que representa 20% da produção mundial. A previsão é do coordenador do Departamento de Açúcar e Alcool do Ministério da Agricultura, Luís Carlos Job. “No mercado futuro, a tendência é de queda gradativa no preço do açúcar até 2011. O açúcar bruto deverá passar dos atuais US\$ 480/tonelada para US\$ 390/tonelada e o refinado, de US\$ 540/tonelada para US\$ 490/tonelada”, prevê.

Boi devastador

Metade das emissões brasileiras de gases do efeito estufa é causada pela pecuária bovina, segundo estudo do Instituto Nacional de Pesquisa Espaciais (Inpe) divulgado na Conferência do Clima, em Copenhague. A principal causa é o desmatamento para a abertura das pastagens na Amazônia e no Cerrado. Mas o metano exalado pelos bois e as queimadas nas áreas de pastagem aumentam o problema. A pecuária é responsável em média por 75% do desmate na Amazônia e 56% no Cerrado, estimativa referente a 2003 a 2008. Em 2008 a emissão de gases-estufa pela pecuária foi equivalente a 813 milhões de toneladas de CO₂.

AFIRMAÇÃO E RUPTURA

A presidente da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), senadora Kátia Abreu, lançou o livro “2 palavras + 11 argumentos”, um ano depois de assumir o comando da entidade, em dezembro de 2008, com duas palavras emblemáticas: “Afirmação & Ruptura” – o título do seu discurso de posse. A obra reúne uma série de 11 artigos de autoria da senadora publicados em jornais brasileiros. “Essas duas palavras se transformaram em mestre-sala e porta-bandeira do nosso enredo. São uma espécie de marca do nosso trabalho, o que pode ser demonstrado com ações que desenvolvemos em 12 meses de trabalho intenso”, argumentou.

Código Florestal adiado

Foi prorrogado por dois anos a entrada em vigor do Código Florestal Brasileiro, que passaria a valer no último dia 11 de dezembro, para que os produtores se adaptem quanto à preservação de florestas em suas propriedades. “O decreto e outras medidas vão facilitar a regularização da terra”, argumentou o ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes. Os cinco itens básicos que precisam ser mudados no código continuam sendo analisados até este mês, quando sairá um documento final com tais alterações.

OLIVEIRA EM MINAS GERAIS

Sou produtor de hortigranjeiros e frutas em Minas Gerais e tenho interesse em saber como está a evolução do cultivo de oliveira no meu estado. Obrigado.

Ruy Machado
Três Corações/MG

R- Olá, Ruy. Os pesquisadores da Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (Epamig) trabalham com experimentos com sete variedades de oliveira em diversas regiões do estado, inclusive em condições antagônicas às encontradas na área de origem da planta, o Mediterrâneo. É o caso do plantio de 200 oliveiras na Fazenda Experimental Acauã, da Epamig, em Leme do Prado, no Alto Jequitinhonha, onde as plantas estão demonstrando resistência às condições adversas e estão se desenvolvendo e florescendo, apesar da pouca idade. O pesquisador Adelson Francisco de Oliveira explica que nesta região, ao contrário do Mediterrâneo, o inverno não chega a ter temperaturas abaixo de 10°, a não ser ocasionalmente. A oliveira, originalmente, exige calor e tempo seco para crescer, e temperaturas baixas para frutificar. Para substituir as baixas temperaturas, a exemplo

do que é feito com a manga, no Vale do São Francisco, os pesquisadores irrigam em abundância e aplicam um regulador de crescimento. Com a manga deu certo e a produção da fruta está ocorrendo até fora da temporada tradicional. As conclusões, embora preliminares, em função de ser um período curto para as oliveiras, que exigem quatro anos para frutificar, indicam que as plantas estão se desenvolvendo bem e florescendo. Já em Três Corações, no sul de Minas, com condições mais favoráveis, o florescimento é abundante e a expectativa de produção nos primeiros meses de 2010 é bastante positiva. Temperaturas mais baixas são mais frequentes na região que também apresenta períodos de calor intenso. O técnico agrícola Enilson Ribeiro de Oliveira, responsável pelo cultivo de 200 oliveiras na Fazenda Dafé, em Três Corações, explica que 60 dessas plantas já estão com quatro anos e floresceram. Hoje, o Brasil é dependente das importações para suprir seu consumo comercial de azeite e azeitona. A Epamig produz anualmente 20



Fotos: Divulgação

mil mudas de oliveiras e iniciou suas pesquisas com a cultura há três décadas, em Maria da Fé/MG. No núcleo de produção existente no município, será feita, no início deste ano, a extração do azeite para comercialização. A previsão é de colher 50 toneladas de azeitonas que renderão 20 mil litros de azeite. No início de 2009 foi feita a extração de forma experimental.

CAFÉ COM MAIS SEGURANÇA

Ouvi falar em um programa chamado Café Seguro e gostaria de saber do que se trata. Grato pela atenção.

Carlos Henrique Picoli
Itaituba/PA

R- Prezado Carlos, o Programa Café Seguro foi lançado em outubro de 2009 e tem o objetivo de conscientizar os produtores sobre a importância das boas práticas agrícolas e, em especial, sobre o uso correto dos agroquímicos aplicados nas lavouras. As ações do programa estão sendo estudadas por técnicos de várias instituições desde junho, quando o Japão, um dos maiores importadores do produto brasileiro, detectou, em contêineres do produto que haviam chegado ao território japonês, resíduos acima do permitido por aquele país de dois produtos químicos usados no combate à ferrugem do café. Entre as iniciativas desenvolvidas pelo programa está a realização de dias de campo e minicursos e a distribuição de material informativo aos agricultores. No site www.cafeseguro.com.br, os produtores podem acessar informações sobre as ações previstas para os próximos meses, os limites máximos de resíduos e as legislações dos principais países importadores do café brasileiro, além de notícias, eventos e publicações sobre o assunto. O programa tem a participação de técnicos de diferentes instituições do país, como Embrapa, Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (Cecafé), Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Agrícola (Sindag), Associação Brasileira da Indústria de Café (Abic), Associação Brasileira da Indústria de Café Solúvel (Abics) e Conselho Nacional do Café (CNC).



SOLO PARA A BANANA

Qual é a profundidade do solo indicada para o cultivo da bananeira e os melhores solos para o plantio comercial dessa fruta? Muito obrigado.

Valter Borges Morales

Euclides da Cunha/BA

R- Apesar de a maioria das raízes da bananeira localizar-se entre 20 cm e 40 cm de profundidade, é importante que o solo seja profundo, com mais de 75 cm, sem qualquer impedimento. Por isso, os pesquisadores da Embrapa dizem que é importante observar o perfil do solo como um todo e não apenas as camadas superficiais. Solos com profundidade inferior a 25 cm são considerados inadequados para a cultura. Em solos rasos, a pequena quantidade de raízes que cresce em profundidade não consegue penetrar muito no solo, fazendo com que as plantas fiquem sujeitas a tombamento. O solo ideal para a bananeira

é o aluvial profundo, rico em matéria orgânica, bem drenado e com boa capacidade de retenção de água. Mas a bananeira é cultivada e se adapta em diferentes tipos de solos. Os muito arenosos devem ser evitados, pois geralmente apresentam baixos teores de nutrientes e baixa capacidade de retenção de água, aumentando os custos de produção, pela necessidade de adubações mais frequentes e de práticas visando a melhorar o suprimento de água. Por outro lado, os muito argilosos podem dificultar o crescimento das raízes da planta, além de prejudicá-las pela má drenagem e aeração deficiente.



O BRASIL AGRÍCOLA **agranja** À sua disposição

ASSINATURAS Call Center

Ligue grátis
0800-5410526
Grande Porto Alegre
Fone/Fax: (51) 3232-2288
Segunda a sexta, das 8h30 às 19h30
Sábado, das 9h às 14h

INTERNET **www.agranja.com**

Para edições atrasadas, edições anteriores, mudança de endereço, troca de forma de pagamento, ligue para os mesmos números acima.

NEWSLETTER

Cadastre-se e receba toda a semana: 0800.541.0526
ou no site: www.agranja.com

FALE COM A REDAÇÃO

Por e-mail:
mail@agranja.com

Fax:
(51) 3233-1822

Cartas:
Av. Getúlio Vargas, 1.526
Porto Alegre/RS
CEP 90150-004

As cartas devem conter assinatura, RG e telefone do autor. Por motivo de espaço ou clareza, as cartas poderão ser publicadas de forma reduzida. Só poderão ser publicadas na edição seguinte as cartas que chegarem até o dia 18.

PRESENTEIE UM AMIGO COM UMA ASSINATURA

Ligue grátis
0800.5410526

Grande Porto Alegre (51) 3232-2288
amalia@agranja.com
ou www.agranja.com

PARA ANUNCIAR LIGUE

(11) 3331-0488
mailsp@agranja.com
(51) 3233-1822
mail@agranja.com



MANIFESTAÇÕES PELO 65º ANIVERSÁRIO DA A GRANJA

Dinâmica, atual e sempre com informações relevantes para o produtor rural e aos profissionais que atuam no setor agrícola. A Bayer CropScience parabeniza a revista **A Granja** por seus 65 anos de trabalho intenso, profissional e competente para levar as notícias sobre o que está acontecendo na agricultura, novas tecnologias, sustentabilidade, contribuindo assim para o desenvolvimento do agronegócio brasileiro.

Gerhard Bohne

diretor de Operações de Negócios Brasil da Bayer CropScience

Virando páginas da vida, levando conhecimento ao homem do campo, na pauta do nosso tempo, esta é a revista **A Granja**. Nas reportagens que mostram um Brasil que não desiste jamais, **A Granja** edita todos os meses a esperança de colher uma safra de realizações, faça chuva ou faça sol. É o retrato do homem que planta, cria e luta por um sonho, de alimentar um mundo cada vez mais urbano, mais tecnológico, mais digital. O tempo não para e segue empurrando todos nós a um futuro cada vez mais surpreendente. Um futuro que Hugo Hoffmann vislumbrou anos atrás e continua olhando para ele anos à frente. Tudo o que precisamos é um sonho. E lutar todos os dias para realizá-lo.

Léo Togashi,

Cyro Leão e Farid Fares, da F3 – A Agência Agro do Brasil

A agricultura brasileira foi um dos principais suportes usados pelo Governo para superar a crise econômica que atingiu o mundo inteiro. Isso só foi possível porque a nossa agricultura tem evoluído muito nos últimos anos. Os produtores rurais estão cada vez mais profissionais, investindo muito em tecnologia e informação. E um dos grandes aliados dos produtores são os meios de comunicação focados no agronegócio. É por isso que **A Granja** é tão respeitada no meio rural. Ela tem um papel muito importante na difusão das novas tecnologias, das novidades do mercado. É um prazer ser leitor d'**A Granja**.

Luiz Traldi

diretor comercial da Milenia Agrocíncias

Os 65 anos da revista **A Granja** nos oportunizou acompanhar, em todo o período, a história agropecuária do Brasil sob uma ótica inteligente e crítica. Parabéns aos diretores, editores, fotógrafos e repórteres por nos presentear todos os meses com o que de mais importante acontece nesse setor. Um brinde à revista **A Granja**!

Darcy Miolo

sócio da Miolo Wine Group



A revista **A Granja** simboliza o nosso amor pela tradição agropecuária no Rio Grande do Sul. Agora, com 65 anos, cada vez mais e com a sabedoria do tempo, continua oferecendo informação, análises e tendências importantes para os produtores rurais. A Secretaria da Agricultura cumprimenta seus proprietários, editores, jornalistas e todos os colaboradores por esta data, desejando que este trabalho seja crescente em prol do desenvolvimento do agronegócio brasileiro. Parabéns!

João Carlos Fagundes Machado

Secretário da Agricultura, Pecuária, Pesca e Agronegócio do Rio Grande do Sul

A Granja é uma publicação atualizada, que informa o produtor rural e forma a opinião dos líderes do campo. Os seus leitores tam-

bém são nossos clientes há mais de cinco décadas em que atuamos no Brasil. Desejamos que essa publicação respeitada seja a cada dia mais inovadora e cumpra o seu papel junto à sociedade brasileira, principalmente para os setores produtivos nacionais.

Valentino Rizzioli

presidente da Case New Holland para a América Latina e Vice-Presidente Executivo do Grupo Fiat

A Granja é um veículo fundamental na história da agropecuária moderna e profissionalizada brasileira. Em 65 anos, **A Granja** acompanhou a transição do modelo rural da primeira metade do século XX para a moderna agricultura mecanizada, de precisão e da biotecnologia, com que convive-

Acesse www.agranja.com ou mail@agranja.com

mos no presente, sempre atenta às necessidades do produtor. Sua trajetória é exemplar para o jornalismo especializado que demandamos neste princípio de século XXI.

Milton Rego

diretor de Comunicações e Relações Externas
da Case New Holland para a América Latina

A Granja é uma revista de tradição. Importante ferramenta de conhecimento para o homem do campo, está comprometida com a informação precisa. Para nós que atuamos no setor agrícola brasileiro, uma área fundamental no desenvolvimento social e econômico do país, é um orgulho ter um veículo de comunicação como a revista **A Granja**. Parabéns e vida longa.

Francesco Pallaro

vice-presidente da New Holland para América Latina

O desenvolvimento social, econômico e cultural do Brasil passa pela atividade agrícola. Assim como a agricultura é importante para o nosso país, a revista **A Granja** vem sendo para o setor agrícola. Com notícias de interesse do produtor rural, ela vem ajudando no planejamento do negócio de cada agricultor brasileiro. Parabéns pelos 65 anos de um trabalho benfeito!

Sérgio Ferreira

diretor-geral da Case IH para América Latina

Em 65 anos, a revista **A Granja** sempre esteve ao lado dos produtores de todo o país, informando e auxiliando no direcionamento de seu negócio e, como consequência, impulsionando o agronegócio brasileiro. A Arysta LifeScience orgulha-se de ter feito parte desta trajetória e espera continuar esta parceria por muitos outros anos, tendo a revista como elo de comunicação entre a empresa e seus clientes. É nas páginas da revista **A Granja** que a Arysta continuará apresentando soluções e orientando os produtores na busca pela excelência de seu negócios, comprometida com uma produção de qualidade e que respeita o meio ambiente.

Antônio Carlos Costa

diretor de Marketing da Arysta LifeScience

A Granja testemunhou todos os avanços da agricultura brasileira em mais de seis décadas de vida, registrando o quanto este setor evoluiu em produção, produtividade e tecnologia. Parabéns!

Eduardo Leduc

diretor da Unidade de Proteção de Cultivos da
BASF Brasil

A revista **A Granja**, nos seus mais de 60 anos de vida, tem prestado um enorme serviço para a agricultura brasileira. A qualidade e abrangência das matérias publicadas e que atingem milhares de pessoas ligadas a esta tão importante

cadeia produtiva agrícola contribuem para mantê-las informadas e “antenas” com os principais fatos ocorridos no Brasil. Esta qualidade e importância estão estampadas na matéria publicada na edição de número 731, sob o título “Um Exemplo da Agricultura Brasileira”, na qual se dá o devido destaque ao trabalho exemplar que agricultores, distribuidores—cooperativas, com apoio dos órgãos públicos, fazem para a preservação ambiental e produção sustentável. Congratulações e muito obrigado pelo apoio que dedica à nossa causa ambiental.

João César Rando

presidente do Instituto Nacional de Processamento de Embalagens Vazias (inpEV)

Os 65 anos da revista **A Granja** é um marco importante e motivo de grande orgulho para o Rio Grande do Sul e para todo o país. A publicação acompanhou e relatou muitos dos mais significativos momentos da história do setor agrícola brasileiro e toda a trajetória que transformou o Brasil em um dos maiores produtores do mundo, com avançada tecnologia e destacada qualidade. Para nós da Agrale, a **A Granja** é exemplo de determinação, competência e amor pelos seus ideais. Inspiração para seguirmos sempre buscando a nossa superação.

Hugo Zattera

diretor-presidente da Agrale



Stara

Gladiador, o único autopropelido do Brasil com pacote tecnológico direto de fábrica



Stara S/A Indústria de Implementos Agrícolas
Av. Stara, 519 - Cx. Postal 53 - Não Me Toque / RS
Fone/Fax 54 3332-2800 - CEP 99470-000
e-mail: stara@stara.com.br



SUBLIME AMOR

Festas de fim de ano e celebração do Ano-Novo são, invariavelmente, ocasiões em que todo mundo faz promessas para melhorar a vida e planos embalados em alguma forma de amor: à família, aos amigos ou simplesmente no mais difícil deles, que é o amor ao próximo.

Mas há um profissional que tem um amor diferente e único: é o produtor rural que ama a sua terra, sua atividade, sua luta incessante.

Esta forma de amar, muito próxima à paixão, jamais será compreendida por quem nunca a sentiu. Vale até tema para estudos sociológicos: muitas vezes, quando um funcionário de governo ouve as reivindicações legítimas de algum agricultor, raciocina com a óbvia convicção de que “ele vai plantar de qualquer jeito, de modo que não precisa ser atendido em suas súplicas; ele não sabe fazer outra coisa mesmo”... Mas, ao pensar assim, o burocrata urbano sublima um outro pensamento, ainda mais cruel: “Como pode este sujeito ficar agarrado à sua atividade rural se ela é tão inglória, sem renda, sem horizonte?”

Assim pensa muita gente, sem entender o profundo amor à terra e à atividade, já decantado ao longo dos séculos por autores, filósofos ou simples estudiosos desta relação que faz o produtor rural acreditar sempre que o “ano que vem vai ser melhor”.

Gregory David Roberts escreveu em seu romance “Shantaram” um pensamento notável a este respeito.

“Levei muito tempo para perceber que os agricultores, em todo lugar, estão sempre cansados, preocupados, orgulhosos e tristes: o solo que preparam e a semente que semeiam é tudo que realmente têm quando se vive e se trabalha a terra. E, às vezes, muito frequentemente, não há nada mais que isso – a silenciosa, a secreta alegria de tirar o fôlego que Deus coloca nas coisas que florescem e crescem – para ajudar a

enfrentar o medo da fome e o pavor da maldade.”

Que missão extraordinária esta: só o amor ao coletivo a justifica.

Na seção de Agricultura do Museu de Ciências de Londres, há referências ao pensamento de Nicolai Gogol:

“O passar dos tempos mostrou que o homem que trabalha na terra é mais puro, mais nobre, mais altaneiro e mais ético. A agricultura deveria ser a base de tudo.”

Em seu ensaio “A necessidade da agricultura”, publicado na Harper’s Magazine de dezembro, Wendell Berry resalta a importância deste estranho amor. E afirma: “Não há dúvida de que existem agricultores que trabalham sem ele, mas sem ele ninguém será um bom fazendeiro ou um bom companheiro da

Há um profissional que tem um amor diferente e único: é o produtor rural que ama a sua terra, sua atividade, sua luta incessante

terra. Está chegando o tempo em que teremos que reconhecer o amor de produzir no campo como uma necessidade econômica”. E mais adiante ironiza os baldados esforços de alguns governos para trazerem jovens das cidades para a zona rural, onde não aguentam a tarefa: “Para sua surpresa, evidentemente, cultivar a terra envolve trabalho duro, horas longas e sujeira – para não mencionar habilidades que as pessoas da cidade não têm”.

Em trechos de seu Credo do Engenheiro Agrônomo, Victor André de Aragollo Ferrão Netto declara:

“Amo os amplos horizontes da paisagem rural,

A alegria do dia amanhecendo

E o sol se pondo por detrás da montanha escarpada.

Amo o fustigar da primeira chuva

sobre a gleba seca,

A dança do riacho entre as pedras escorrendo

E o cheiro da terra fértil quando arada

Amo o romper da terra pelas sementes,

O marulhar das searas balançando

E o manto branco da florada no cafezal.

Amo o vicejar das plantas,

O cheiro do capim se regenerando”

Ou ainda, como disse um ex-ministro da agricultura em seu discurso de renúncia:

“Emociona-me a alvura imaculada dos algodoads em colheita, o rubro-verde dos cafezais em cereja, o galeio mágico que o vento provoca nos canaviais verdejantes ou nos dourados trigais; encanta-me o cheiro adocicado das espigas dos milharais, ou os laranjais carregados, as flores das fruteiras polinizadas pelas abelhas operárias; orgulha-me o progressista ronco das colheadeiras nos sojais e arrozais maduros; admiro os capinzais cultivados – alimentando rebanhos leiteiros e de sadia carne; minha alma se desvanece a cada vez que vejo uma se-

mente germinando no milagre da preservação das espécies.

Amo a agricultura, profunda e reverentemente.

E respeito, admiro e venero os milhões de homens e mulheres que, dia após dia, ano após ano, em comunhão sublime com a natureza e com o Criador, plantam e colhem tudo o que garante a perenidade da existência”.

É este amor, incompreensível quase sempre, que move o agricultor, este homem diferente, e melhor, como assinou G. D. Roberts.

Que Deus dê a ele um feliz 2010! ☑

Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da Fiesp e professor de Economia Rural da Unesp/Jaboticabal; ex-ministro da Agricultura

OS 65 FORA DE SÉRIE

Quando o assunto é agricultura, há muito se diz – e o argumento é de muitos – que o Brasil é um país de sorte. Muita sorte. Mas daquelas bênçãos do destino com a nítida e providencial intervenção divina. Nenhuma nação consegue conciliar tamanha área agricultável com um clima tão diverso e afeito à produção primária como o Brasil. Por aqui é possível realizar duas e até três safras no mesmo ano, no mesmo local – situação impossível em campos nevados da Europa e do Corn Belt americano. E, enquanto os países concorrentes estão no limite da área explorável, com nenhum metro quadrado disponível a mais para plantar, o Brasil ainda dispõe de milhões de hectares aguardando ansiosos por uma possante plantadeira. Realmente, o Brasil é um país de sorte.



IE DO AGRONEGÓCIO

Mas a “sorte” deste país agrícola vai além. Como se verá nas próximas páginas, o Brasil agrícola tem líderes empreendedores que converteram a área gigantesca e fértil e o clima maravilhoso em alimentos para o mundo. Jamais o Brasil teria se transformado numa potência agrícola elogiável se não fossem as pessoas que ocupam as páginas a seguir. São elas e, claro, as que estas sucederam, que ajudaram a fazer deste país um fornecedor mundial de alimentos e bioenergia. O Brasil tem solo, chuva e sol simpáticos à produção agrícola, mas tem, sobretudo, líderes empreendedores que esta edição especial dos 65 anos d’**A Granja** denominou, sem nenhum exagero, de “Os 65 Fora de Série do Agronegócio”. Realmente, o país que dispõe de material humano como o que segue é um país de muita sorte. Uma nação abençoada!



AARON WETZEL, VICE-PRESIDENTE DE VENDAS E MARKETING DA JOHN DEERE NA AMÉRICA LATINA



Divulgação

O norte-americano Aaron Wetzel, 41 anos, tem metade da sua vida ligada ao trabalho na empresa onde começou como estagiário. Formado em Contabilidade pela Faculdade Augustana (Illinois/EUA) e mestre em Administração e Negócios pela Universidade Duke (Carolina do Norte/EUA), ele entrou na Deere & Company em 1988. Dois anos depois, foi contratado como auditor e, mais tarde, assumiu diferentes cargos de gerência e direção na empresa.

Vice-presidente de Vendas e Marketing América Latina – Divisão Agrícola há três anos, o executivo reconhece a importância do investimento no Brasil para o crescimento das operações da John Deere. O período em que ocupa a vice-presidência é marcado pela inauguração, em 2008, da fábrica de tratores em Montenegro/RS, uma das mais modernas da companhia em todo o mundo; e do Centro de Distribuição de Peças em Campinas/SP. Com sua visão de longo prazo, o executivo reforçou o compromisso da John Deere de focar o negócio nas necessidades dos clientes, oferecendo produtos e soluções diferenciadas.

As operações da John Deere na América do Sul estão sediadas no Brasil, em Porto Alegre/RS. Foi no Rio Grande do Sul que a companhia fez seu primeiro investimento, há 30 anos, quando assumiu participação de 20% no capital da Schneider Logemann & Cia (SLC), fábrica de Horizontina/RS. Em 1999, a John Deere

assumiu integralmente o controle da SLC, dando origem à John Deere Brasil. No país, a empresa conta hoje com 3.188 funcionários em três fábricas. A Deere & Company tem mais de 55 mil funcionários ao redor do mundo, 60 fábricas localizadas em 19 países e somou um faturamento de US\$ 25,8 bilhões em 2008.

ADEMAR SCHARDONG, PRESIDENTE-EXECUTIVO DO SICREDI

O gaúcho Ademar Schardong, 54 anos, é o comandante de uma instituição que é exemplo de cooperativismo bem-sucedido no Brasil. O Sistema de Crédito Cooperativo (Sicredi) tem suas origens em 1902, em Nova Petrópolis, no Rio Grande do Sul, por iniciativa do padre suíço Theodor Amstad. Hoje, são mais de 1,5 milhão de associados, 130 cooperativas de crédito e mais de mil pontos de atendimento distribuídos em dez estados brasileiros. Além de presidente-executivo do Sicredi, Schardong exerce as funções de diretor-presidente do Banco Cooperativo Sicredi S.A., desde 1995; de presidente da Fundação Sicredi, desde 2006; e de diretor-presidente da Confederação Sicredi, desde março de 2009.

Para entender ainda mais sobre o seu ramo de atuação, o dirigente, que é bacharel em Direito, fez diversas viagens de estudo para países como Bélgica, Alemanha, França, Holanda, Espanha, Argentina, Uruguai, México e Estados Unidos. Schardong publicou, em 2002, o livro “Cooperativa de Crédito - Instrumento de

Organização Econômica da Sociedade”. Sua dedicação ao cooperativismo rendeu algumas distinções: Prêmio Líderes & Vencedores, categoria Destaque Empresarial, pela Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul e Federação das Associações Comerciais e de Serviços do Rio

Grande do Sul (Federasul), em 2009; Medalha Mérito Farroupilha, pela Assembleia Legislativa gaúcha, em 2005; Executivo de Finanças do Ano pelo Instituto Brasileiro de Executivos de Finanças (Ibef/RS) - Troféu O Equilibrista, em 2004; e Título Destaque pelo Ibef/RS, em 2001.



Divulgação

ALESSANDRO TEIXEIRA, PRESIDENTE DA APEX-BRASIL



Divulgação

Com apenas 38 anos, Alessandro Golombiewski Teixeira, gaúcho nascido em Porto Alegre, tem uma trajetória profissional admirável. Bacharel em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mestre em Economia Latino-Americana pela Universidade de São Paulo e doutor em Economia Industrial e Tecnológica pela Universidade de Sussex, Inglaterra, ele é o presidente da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil) desde maio de 2007. A agência é o órgão responsável pela internacionalização da economia brasileira e pela atração de investimentos produtivos para o país. No ano passado, foi eleita pelo Banco Mundial como uma das melhores agências de promoção de investimentos do mundo e a melhor na área de promoção comercial das Américas.

Desde abril de 2008, Teixeira é também presidente da World Association of Investment Promotion Agencies (Waipa) – entidade que reúne as agências de promoção de investimentos de mais de 160 países. Em agosto de 2008, o executivo foi nomeado “Personalidade do Ano de 2008 – América Latina”, pelo jornal inglês Financial Times. Ele também participou da criação e presidiu a Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI). Foi coordenador de Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior do governo brasileiro, secretário-executivo do Conselho Nacional de Desenvolvimento Industrial (CNDI) e Conselheiro dos Fundos Setoriais do Ministério da Ciência e Tecnologia. Também é conselheiro do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

ALEXANDRE KIREEFF, PRESIDENTE DA SOCIEDADE RURAL DO PARANÁ

Neto de pastores espanhóis e de tricultores russos, Alexandre Lopes Kireeff carrega no sangue o vínculo com a agropecuária. Produtor de grãos e criador de gado em fazendas no Paraná e no Mato Grosso do Sul, esse médico veterinário de 43 anos também é empresário do ramo de comunicação e tem projetos na área dos biocombustíveis. Natural de Marília/SP, Alexandre Kireeff é presidente da Sociedade Rural do Paraná (SRP), entidade que teve suas origens em 1946, quando nasceu a Associação Rural de Londrina, que foi criada pela iniciativa de produtores locais. O crescimento dessa associação fez surgir, em 1965, a Sociedade Rural do Norte do Paraná.

A SRP reúne 1.200 sócios, pessoas físicas e jurídicas, que contam com profissionais e entidades diretamente relacionadas às atividades agrícolas, pecuárias e agroindustriais. A sociedade, que também é apelidada de “Rural” pelos seus membros, promove e patrocina eventos que visam à interação, desenvolvimento e aprimoramento técnico do seu quadro



Divulgação

associativo. Uma das maiores preocupações da entidade é promover a defesa dos direitos e interesses da classe rural perante a sociedade, o poder público e outros segmentos. Do quadro de sócios, cerca de 80% são de Londrina e os demais de diferentes regiões do Paraná,

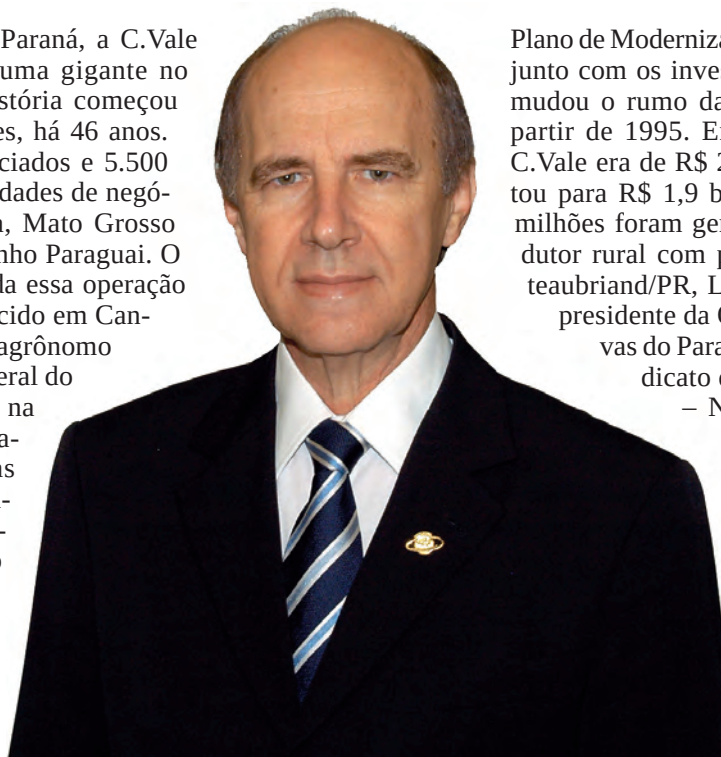
além de representantes de São Paulo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro e Goiás. A Sociedade Rural do Paraná realiza todos os anos a Exposição Agropecuária e Industrial de Londrina (ExpoLondrina), que já se consolidou como uma das maiores do país.

Os 65 FORA DE SÉRIE

ALFREDO LANG, PRESIDENTE DA C. VALE COOPERATIVA AGROINDUSTRIAL

Com sede em Palotina, no Paraná, a C.Vale Cooperativa Agroindustrial é uma gigante no agronegócio brasileiro. Sua história começou com um grupo de 24 produtores, há 46 anos. Hoje, são mais de 10.500 associados e 5.500 funcionários em mais de 90 unidades de negócios no Paraná, Santa Catarina, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso e no vizinho Paraguai. O homem que está à frente de toda essa operação é Alfredo Lang, um gaúcho nascido em Candelária, em 1948. Engenheiro agrônomo formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ingressou na C.Vale como funcionário em janeiro de 1976. Exerceu várias funções dentro da hierarquia administrativa da cooperativa, entre as quais gerente da Divisão Agropecuária por dez anos. Foi eleito presidente pela primeira vez em 1995 e reeleito em 1998, 2001 e, novamente, em 2004.

Lang foi o idealizador do



Divulgação

Plano de Modernização da C.Vale, trabalho que, junto com os investimento na área industrial, mudou o rumo da história da cooperativa a partir de 1995. Em 1998, o faturamento da C.Vale era de R\$ 273 milhões. Em 2008, saltou para R\$ 1,9 bilhão. Desse total, R\$ 570 milhões foram gerados pelas indústrias. Produtor rural com propriedade em Assis Chateaubriand/PR, Lang foi por sete anos vice-presidente da Organização das Cooperativas do Paraná (Ocepar). Presidiu o Sindicato das Cooperativas do Paraná

– Núcleo Oeste e foi diretor financeiro da Federação das Cooperativas do Paraná. Também conselheiro do Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo no Estado do Paraná (Sescoop) e coordenou por sete anos o Núcleo Oeste de Cooperativismo da Ocepar.

AMAURI CAVALHEIRO, DIRETOR DA UNIDADE DE NEGÓCIOS GRANDES ANIMAIS DA MERIAL

Amauri Cavalheiro é um dos comandantes de uma empresa parceira dos pecuaristas brasileiros. O executivo é o diretor da Unidade de Negócios Grandes Animais da Merial, uma gigante mundial em saúde animal que tem operações em mais de 150 países. Engenheiro agrônomo formado pela Unesp/Jaboticabal, Cavalheiro iniciou sua carreira na Rhodia Agro, empresa do grupo francês Rhône Poulenc, onde atuou como coordenador de Desenvolvimento de Mercado. Em 1986 foi incumbido de um projeto especial na Amazônia visando à produção de alimentos para a Mineração Canopus, empresa pertencente ao mesmo grupo.

Em 1988, de volta à Rhodia Agro, assumiu como gerente de Produtos para Cana-de-Açúcar, Soja e Arroz irrigado. Em 1994, depois de receber um prêmio do grupo Rhône Poulenc de Excelência em Inovação e Criatividade, foi expatriado para a França, onde trabalhou na área de Planejamento Estratégico da Rhône Mérieux, braço veterinário do grupo. De volta ao Brasil em 1996, assumiu a direção da operação Grandes Animais da Rhodia Mérieux. Após a fusão da Rhône Mérieux com a Merck, e que originou a Merial, atuou como diretor de Serviços de Marketing, diretor de Marketing de Ruminantes para a América Latina, diretor de e-Business e diretor de TI para a América Latina. Levantamento realizado pela multinacional Kleffmann indica que a área de ruminantes da Merial passou a ocupar o primeiro lugar em 2008 na participação de mercado junto a pecuaristas, com um *market share* de 14,8%. Cerca de 1.700 pecuaristas de corte e leite de todo o Brasil foram entrevistados para a pesquisa.

Divulgação



ALYSSON PAOLINELLI, EX-MINISTRO DA AGRICULTURA



Daniela Barros Paolinelli

Alysson Paolinelli participou ativamente do processo de evolução da agropecuária brasileira. Aos 73 anos, esse mineiro de Bambuí tem uma história recheada de momentos e experiências interessantes. Engenheiro agrônomo formado em 1959 pela Escola Superior de Agricultura de Lavras/MG (hoje Ufla), foi professor universitário, dirigiu faculdades, empresas e associações, foi deputado federal, secretário da Agricultura de Minas Gerais e ministro da Agricultura entre 1974 e 1979, quando foi um dos responsáveis pela estruturação da Embrapa.

Na época da faculdade, já dava sinais de que seria um “fora de série”. Foi o primeiro colocado no vestibular para o curso de Agronomia, orador da turma no dia da formatura e ganhou a medalha de ouro no final do curso. Enquanto esteve no governo mineiro, criou o Programa Integrado de Pesquisas Agropecuárias de Minas Gerais (Pipaemg), hoje Epamig. Também foi responsável pela implantação da Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural (Embrater) e pela criação do Instituto Mineiro de Agropecuária (IMA). Por tanta dedicação ao setor, Paolinelli acumula premiações, homenagens e títulos. Hoje, trabalha como consultor da empresa Listen e cuida da sua fazenda em Baldim/MG, onde faz integração lavoura-pecuária. Casado e pai de cinco filhos, o ex-ministro guarda boas recordações da época em que atuava no Governo Federal. Na opinião dele, a Embrapa conseguiu fazer em 30 anos o que o mundo precisou de quatro milênios, ou seja, uma agricultura moderna e competitiva. Paolinelli considera que a arrancada do agronegócio iniciou com a base tecnológica, quando o país passou a ter conhecimento do seu bioma.

ANASTÁCIO FERNANDES FILHO, PRESIDENTE DA KEPLER WEBER

Em 2006, o executivo Anastácio Fernandes Filho foi contratado pelos acionistas controladores para coordenar os trabalhos de reestruturação do Grupo Kepler Weber, fortemente endividado e sofrendo as consequências da crise que afetou todo o agronegócio. Hoje, a reestruturação, no valor de R\$ 500 milhões, está em fase final e sendo bem recebida pelo mercado em geral, com a participação dos grandes bancos nacionais e acionistas.

Fernandes Filho formou-se em Engenharia Elétrica na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC), em 1973, e fez pós-graduação em Engenharia Econômica na Fundação Dom Cabral, em Belo Horizonte/MG. Sua experiência profissional inclui atuações em diferentes empresas na gestão corporativa das áreas de controle, recursos humanos, finanças, administração, planejamento e relações com investidores. Integram o seu currículo os cargos de vice-presidente Financeiro e de Relações com o Mercado e de diretor-presidente da Companhia Vale do Rio Doce, onde foi responsável pela transição da gestão pós-privatização. Também foi na Vale que o executivo vivenciou a maior parte da sua carreira, exercendo funções no Brasil e no exterior por mais de 20 anos.

A Kepler Weber tem sede administrativa em Porto Alegre/RS e é especialista em soluções completas para armazenagem. A empresa está há 83 anos no mercado e, há 43 anos, é exportadora e líder do setor na América Latina. Suas unidades fabris em Panambi/RS, Bauru/SP e Campo Grande/MS têm capacidade para processar 100 mil toneladas de aço ao ano.



Nabor Coutart

OS 65 FORA DE SÉRIE

ANDRÉ CARIOBA, VICE-PRESIDENTE SÊNIOR E DIRETOR-GERAL DA AGCO AMÉRICA DO SUL

Quando assumiu como vice-presidente sênior e diretor-geral da AGCO América do Sul, em julho de 2006, André Müller Carioba traçou metas e, hoje, com grande parte delas atingidas, comemora os resultados já obtidos. Entre eles, o fortalecimento e a sinergia entre as diferentes marcas da AGCO, visando à padronização das políticas de recursos humanos e da área administrativa. Formado em Economia e Administração de Empresas pela Universidade de Munique/Alemanha, o executivo foi presidente e diretor-geral da BMW Brasil nos últimos anos, presidente da Associação Brasileira de Empresas Importadoras de Veículos Automotivos (Abeiva) e membro do Conselho da Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Alemanha, em São Paulo.

Carioba nasceu no Rio de Janeiro há 58 anos, mas passou a maior parte de sua vida na Alemanha e na Espanha. Hoje trabalhando em São Paulo, viaja muito e, frequentemente, vai para a sede mundial da AGCO nos Estados Unidos. Visita também as unidades da AGCO no Brasil, localizadas no Rio Grande do Sul e em São Paulo. Os produtos da AGCO são vendidos por meio das marcas principais Challenger, Fendt, Massey Ferguson e Valtra, que são distribuídos por mais de 2.800 concessionárias e distribuidores independentes em mais de 140 países. São cerca de 15 mil profissionais trabalhando em todo o mundo. A companhia oferece uma linha completa de produtos que inclui tratores, colheitadeiras, equipamentos para fenação, forragem e preparo de solo, pulverizadores, implementos e peças de reposição.



José Luiz Oliveira

ANTONIO ROBERTO CORTES, PRESIDENTE DA VOLKSWAGEN CAMINHÕES E ÔNIBUS

Antonio Roberto Cortes, 54 anos, foi o primeiro brasileiro a presidir uma operação do Grupo Volkswagen na América do Sul e, agora, é o primeiro latino-americano a fazer parte do *Management Board* do grupo alemão MAN. Com experiência em cinco empresas multinacionais, é economista formado pela Universidade Mackenzie, pós-graduado em Finanças pelo Instituto Mauá de Tecnologia e tem especialização pelo Insead, escola de negócios com sede em Fontainebleau, na França.

Cortes começou a trabalhar na indústria automotiva em 1979, chegando a executivo com apenas 28 anos. Em 1986,

participou da criação da Autolatina, *joint venture* entre a Ford e a Volkswagen, e de 1989 a 1990 trabalhou como gerente-executivo de Estratégia de Negócios na matriz da Ford em Detroit/EUA. Com o fim da Autolatina em 1994, foi convidado pela Volkswagen da Alemanha a assumir a posição de *Controller* Corporativo na América do Sul.

Tornou-se presidente da Volkswagen Caminhões e Ônibus em 2007 e, em 2009, passou a acumular a presidência da MAN Latin America. O executivo é um dos principais incentivadores do Formare, programa que oferece educação profissional para jovens de famílias de baixa renda. Os cursos oferecem formação inicial para o mercado de trabalho, e as aulas são ministradas pelos próprios empregados nas instalações da MAN Latin America. Além de ministrar aulas inaugurais em diversas instituições de ensino, Cortes reúne-se frequentemente com as mesmas tanto em seu escritório de São Paulo quanto na fábrica de caminhões e ônibus em Resende/RJ. O objetivo é cooperar em pesquisas e estudos acadêmicos na área automotiva.



Divulgação

ARLINDO MOURA, DIRETOR-PRESIDENTE DA SLC AGRÍCOLA



Divulgação SLC

Arlindo de Azevedo Moura tem 60 anos de vida e mais de 25 anos de experiência na administração de companhias de médio e grande porte no Rio Grande do Sul e em São Paulo. Hoje, ele é o comandante da SLC Agrícola, uma empresa com 11

unidades produtivas estrategicamente localizadas em seis estados brasileiros e que responderam, na safra 2008/2009, pelo cultivo de 220,8 mil hectares, principalmente algodão, soja e milho. Graduado em Administração de Empresas pela Uni-

versidade de Ijuí/RS, o executivo tem Pós-Graduação em Administração Financeira, foi professor universitário e realizou diversas viagens na busca de modernos sistemas de gestão empresarial, principalmente na Europa, Estados Unidos, China, Índia e Japão.

Arlindo Moura foi diretor-presidente da Kepler Weber, diretor do Banco John Deere e diretor financeiro para a América do Sul da John Deere. Atualmente também é presidente da Associação Maranhense dos Produtores de Algodão (Amapa) e diretor da Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (Abrapa). A SLC Agrícola faz parte do Grupo SLC, que foi fundado em 1945, em Horizontina/RS, por três famílias de imigrantes alemães, e que criou a primeira indústria nacional de colheitadeiras automotrizas de grãos do Brasil. Em 1977, a SLC Agrícola iniciou suas atividades com o nome Agropecuária Schneider Logemann Ltda., com a compra da Fazenda Paineira, no município de Coronel Bicaco/RS, voltada ao cultivo de soja e trigo. Em 1980, a empresa decidiu aproveitar o potencial agrícola do Centro-Oeste, com a aquisição da Fazenda Pamplona, em Goiás.

BLAIRO MAGGI, GOVERNADOR DO ESTADO DE MATO GROSSO

O governador do Mato Grosso, Blairo Borges Maggi, nasceu em São Miguel do Iguaçu/PR, em 1956. Formado em Agronomia pela Universidade Federal do Paraná, na década de 1980 chegou a Mato Grosso, acompanhando os pais, pequenos produtores que decidiram investir no potencial agrícola do Cerrado, até então uma região inóspita e pouco ocupada. Em 1973 a família fundou no Paraná a empresa Sementes Maggi, de produção de sementes de soja, cultura que começava a avançar pelo Cerrado. O negócio prosperou, dando origem ao atual Grupo André Maggi (nome do pai do governador), maior produtor e exportador de soja do país, com atuação em diversas atividades econômicas, incluindo logística de transportes e produção de energia elétrica. Em 2008, as vendas do conglomerado, que ainda tem operações com importantes companhias internacionais, alcançaram US\$ 2 bilhões.

Como herdou a vocação empresarial do pai, Blairo Maggi assumiu a administração do grupo e ganhou projeção no mundo dos negócios e da política. Tornou-se, então, candidato a governador de Mato Grosso, em 2002, e foi eleito no primeiro turno. Em 2006, foi reeleito com 65,39% dos votos. No início da sua gestão, o governador enfrentou problemas com organizações ambientalistas, que o acusavam de ser um defensor da derrubada da floresta em favor dos produtores. Mas as relações mudaram e, em 2006, ele foi um dos incentivadores da Moratória da Soja, um acordo em que as indústrias esmagadoras se comprometem a não adquirir grãos oriundos de áreas desmatadas no Bioma Amazônia a partir de julho de 2006. No ano passado, Blairo Maggi entrou na lista das pessoas mais poderosas do mundo da revista americana Forbes.



Marcos Bergamasco/Agência Phocus

CARLO LOVATELLI, PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE AGRIBUSINESS

Ele é descendente de nobres italianos e herdou o título de conde da sua família. Mas esse fato é apenas um detalhe perto de todas as funções que ele exerce em defesa do agronegócio nacional. Carlo Filippo Massimiliano Lovatelli é presidente da Associação Brasileira de Agribusiness (Abag), da Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove) e do Instituto para o Agronegócio Responsável (Ares).

Na Abag, o dirigente assumiu a presidência em 2002, sendo reeleito em 2009 pela terceira vez. A associação tem 16 anos de atuação e vem projetando o agronegócio junto ao Governo, iniciativa privada, entidades de classe e universidades. No Ares, Lovatelli comanda um trabalho que iniciou em 2007 com um grupo de 19 associações do agronegócio que se uniram no objetivo de contribuir para o desenvolvimento da sustentabilidade.



Junto à Abiove, que foi fundada em 1981, o executivo ajuda a representar um universo de nove empresas que são responsáveis por mais de 70% do volume de soja processada no Brasil.

Bacharel em Física pela Universidade de São Paulo e pós-graduado em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas, Lovatelli também é vice-presidente da Fundação Bunge – empresa na qual começou a trabalhar em 1978, da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), da Associação Brasileira das Indústrias de Alimentação (Abia) e do Conselho do RTRS (*Round Table on Responsible Soy*). Lovatelli ainda é membro do Conselho Diretor do Conselho de Empresários da América Latina (Ceal), do Conselho Superior do Agronegócio (Cosag/Fiesp) e do Comitê do Agronegócio da BM&F.

Divulgação

CARLOS SPEROTTO, PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO DA AGRICULTURA DO RIO GRANDE DO SUL

Ele pode ser admirado ou contestado, mas nunca passa despercebido nas suas andanças como liderança do agronegócio. Aos 71 anos, Carlos Rivaci Sperotto faz jus ao seu signo de nascimento e é um leão quando se trata de defender a causa dos ruralistas. No ano passado, foi eleito pela quinta vez como presidente da Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul), uma das entidades rurais mais poderosas do país. Em dezembro de 2012, quando o atual mandato terminar, ele terá completado um período de quase 16 anos à frente da federação. Nesse período, foi testemunha e protagonista de momentos históricos da agricultura. Enfrentou o drama da febre aftosa no rebanho bovino, defendeu a liberação do plantio de transgênicos e por inúmeras vezes encarou governantes e se colocou em embates contra o MST.

Nascido em Palmeira das Missões/RS, o líder dos produtores gaúchos é médico veterinário e tem propriedade rural em Santo Augusto/RS, onde produz grãos e sementes. Também foi criador de gado e de ovelhas, se destacando como um dos precursores da ovinocultura de corte no estado. Hoje, além de presidente da Farsul, Sperotto é presidente do Conselho Administrativo do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar/RS), presidente do Conselho de Administração da Casa Rural/RS, vice-presidente da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e diretor de Comércio Exterior da CNA. É o representante da CNA na Câmara Temática de Negociações Agrícolas Internacionais do Ministério da Agricultura e membro de diversas entidades, como o Grupo Farm (Federações das Associações Rurais do Mercosul).



Divulgação

OS 65 FORA DE SÉRIE

CESÁRIO RAMALHO, PRESIDENTE DA SOCIEDADE RURAL BRASILEIRA

Cesário Ramalho da Silva, 65, é o presidente de uma das instituições mais tradicionais e respeitadas da agricultura brasileira, a Sociedade Rural Brasileira (SRB). Produtor de grãos e pecuarista, Ramalho é filho, neto e bisneto de fazendeiros. Ou seja, o agronegócio está no sangue deste dirigente rural. Cesário Ramalho é sócio da entidade desde 1963, mas passou a ter participação ativa a partir da década de 1980. E o auge de seu envolvimento deu-se a partir de janeiro de 2008, quando assumiu a presidência, mandato que vai até 2011. Além de conduzir a SRB, Ramalho é diretor do departamento de agronegócio da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), integrante da Federação das Associações Rurais do Mercosul (Farm) e diretor da Associação Comercial de São Paulo.

A entidade dirigida por Cesário Ramalho é uma das maiores defensoras das causas do campo e das bandeiras de seus protagonistas desde sua fundação, há 90 anos. Na virada do século XIX para o XX, a agricultura brasileira passava por grandes transformações que levaram, em 1918, o empresário rural Eduardo da Fonseca Cotching a uma viagem pelo mundo para buscar ideias para o agronegócio brasileiro. Na Argentina, ficou entusiasmado com a Sociedade Rural Argentina, entidade que influenciava governos e era a base da economia daquele país. Baseada na coirmã portenha, em 1919 nasceu a Sociedade Rural Brasileira, cujo desejo de seus sócios foi de transformar uma sociedade, à época baseada na lavoura, para investir na agroindústria da pecuária, a princípio.



J. Reis

CLAUDIO GERDAU JOHANNPETER, COORDENADOR-GERAL DO PRÊMIO GERDAU MELHORES DA TERRA



Leonid Streliaev

O empresário Claudio Gerdau Johannpeter, 46 anos, diretor-geral de Operações da Gerdau, um dos maiores produtores mundiais de aço, é o coordenador-geral de uma das principais e mais desejadas premiações da indústria de máquinas e equipamentos agrícolas: o Prêmio Gerdau Melhores da Terra. Criado há 27 anos, a láurea acompanha a indústria de máquinas e equipamentos agrícolas e aponta aqueles mais modernos e eficientes do setor. A equipe do prêmio percorre a cada ano milhares e milhares de quilômetros pelo interior do Brasil e dos países vizinhos para avaliar a campo, em ação, e entrevistar agricultores e operadores sobre o desempenho das máquinas e equipamentos. Os eleitos são anunciados no início de cada Expointer, em Esteio/RS.

Desde 2007, Claudio, que trabalha na Gerdau desde 1982, é o coordenador-geral do Prêmio Gerdau Melhores da Terra. No início de 2008, também passou a integrar o Conselho de Administração da empresa. É graduado em Engenharia Metalúrgica pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e realizou diversos cursos de formação no exterior como o Operations Management, na University of London (Canadá), Executive Development, na Penn State (Estados Unidos), e Advanced Management Program, em Harvard (Estados Unidos). A Gerdau é líder na produção de aços longos nas Américas e uma das maiores fornecedoras de aços longos especiais do mundo, sendo que possui presença industrial em 14 países, com operações nas Américas, na Europa e na Ásia.

Os 65 FORA DE SÉRIE



Cris Berger

DARCY MIOLO, SÓCIO DO MIOLO WINE GROUP

Darcy Miolo é um dos nomes mais conhecidos – e reconhecidos – no meio vitivinícola brasileiro – e também mundial. Ele é dirigente do Miolo Wine Group, a maior produtora de vinhos do Brasil. O envolvimento dele com a Miolo começou com a própria criação da vinícola. Seu Darcy está à frente da vinícola com o filho Adriano e integra o Conselho de Administração da Miolo Wine Group com os dois irmãos e sócios, Antônio e Paulo. Mais do que viver o mundo dos vinhos, outras de suas paixões no campo são os cavalos, ovelhas, a criação em

geral. Num dos projetos do grupo, a Vinícola Fortaleza do Seival, que fica em Candiota/RS, há uma fazenda com a criação desses animais. Um lugar de muito trabalho e, claro, prazer.

Os Miolo têm uma ligação histórica com vinhos. A família Miolo começou a trabalhar com a viticultura em 1897, mas a produção de vinhos só foi iniciada quase um século depois, em 1990. Hoje, a Miolo é detentora de 25% do mercado de vinho fino entre as empresas brasileiras. Sua meta é ser líder de mercado com o *brandy* e também figurar en-

tre os três principais produtores de espumantes no Brasil, além de manter o posto de maior exportador de vinhos. Em 2006, a Miolo passou a se chamar Miolo Wine Group, que hoje reúne uma linha de mais de 70 produtos elaborados a partir de parcerias nacionais e internacionais. Formado por Miolo, Lovara, a chilena Via Wine, a espanhola Osborne e a argentina Bodega Septima, tem por objetivo atuar no mercado mundial com uma variedade de vinhos de qualidade que agradem aos mais diferentes paladares.



Divulgação

DILVO GROLLI, DIRETOR-PRESIDENTE DA COOPAVEL COOPERATIVA AGROINDUSTRIAL

Toda grande instituição precisa de pessoas comprometidas para se manter no topo. A Coopavel Cooperativa Agroindustrial, uma das mais eficientes cooperativas do Paraná e do Brasil, sediada em Cascavel e que vai completar 40 anos em 2010, tem no administrador de empresas e pós-graduado em gestão empresarial e logística Dilvo Grolli, 56 anos, o seu comandante. O diretor-presidente da cooperativa também exerce a mesma função na Cooperativa de Crédito Rural Coopavel, é vice-presidente para a Agricultura da Associação Comercial e Industrial de Cascavel (Acic) e integrante do Conselho Diretivo da Associação Brasileira de Produtores de Frangos (Abef).

Grolli ingressou na Coopavel em 1985, como diretor-secretário e integrante de um grupo de associados que assumiram a cooperativa com o objetivo de restaurá-la da crise econômica. A dívida era maior que o capital e os salários dos funcionários estavam atrasados, enquanto os associados mantinham seus cereais depositados nos armazéns sem poder receber. Em 1989 Grolli assumiu a vice-presidência e seis anos depois, a presidência, cargo em que está pelo terceiro mandato. Nesse período a cooperativa incorporou novas filiais, novas agroindústrias e completou o ciclo na produção de aves. Hoje, possui 3 mil famílias associadas, 24 filiais instaladas em 17 municípios em diferentes regiões paranaenses. Grolli também é o idealizador do Show Rural Coopavel, megafeira anual que reúne milhares de pessoas, centenas de expositores e movimenta milhões de reais.



Divulgação

EDUARDO DAHER, DIRETOR-EXECUTIVO DA ANDA

Um dos segmentos mais importantes para o desenvolvimento da agricultura brasileira – e responsável diretamente por tornar o país uma potência agrícola – é o de adubos e fertilizantes. E este setor tem uma instituição cuja missão desde seu início é promover e convencer os agricultores do custo-benefício da utilização dos fertilizantes: a Associação Nacional para Difusão dos Adubos (Anda), que tem como diretor-executivo desde 2003 Eduardo Daher, 59 anos. De longa experiência no meio empresarial e acadêmico, Daher dirige a instituição que vai completar 43 anos em 2010 e reúne 122 empresas, desde grandes produtoras de matéria-prima a pequenas misturadoras regionais.

Daher possui graduação em Economia e Administração de Empresas e pós-graduação em Marketing pela Fundação Getúlio Vargas. Além de seu envolvimento com a Anda, o executivo atua em outros segmentos. É sócio da Uniprofissional da Uieba Consultoria Empresarial, fundador, ex-presidente e atual conselheiro da Associação Brasileira de Marketing Rural e Agronegócios, ex-vice-presidente do Sindicato da Indústria de Adubos e Corretivos Agrícolas no Estado de São Paulo, conselheiro efetivo do Conselho Superior do Agronegócio da Fiesp e conselheiro da Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa do Agronegócio (Fundepag). Também já atuou na Norton Publicidade, hoje Publicis Norton, e foi assistente da diretoria comercial e diretor-executivo da Copas – Cia. Paulista de Fertilizantes e Ferticap.

ERNI ORLANDO ROOS, DIRETOR- PRESIDENTE DA E. ORLANDO ROOS

Erni Orlando Roos, um dos maiores produtores, comerciantes e produtores de sementes do Rio Grande do Sul, nasceu de Carazinho/RS, em 1931. Viveu no início no distrito de Arroio Bonito, neste município, numa área de 24 hectares, onde trabalhava com os pais e seis irmãos como pequenos agricultores. Como primeiro emprego, foi motorista de caminhão de transporte de madeira em Lagoa Vermelha/RS. Depois, em 1963, criou a empresa E. Orlando Roos & Cia. Ltda., que iniciou suas atividades na produção de sementes de trigo. E a ascensão do Seu Erni nunca mais cessou. Em 1967, adquiriu a primeira automotriz para colheita de trigo, um marco na sua trajetória.

Em seguida vieram muitas outras conquistas. Fundada em janeiro de 1963, em Não-Me-Toque/RS, a empresa E. Orlando Roos & Cia Ltda. se constituiu num grupo empresarial de origem familiar e com atuações na agricultura, comercialização de grãos de soja, milho e trigo e na produção de sementes de soja e trigo. Sua estrutura operacional constitui-se de capacidade estática para armazenagem de 420 mil toneladas de grãos (7 milhões de sacas). Ele também é produtor rural e agropecuarista há mais de 46 anos. Hoje, detém a maior área irrigada de soja e milho do estado do Rio Grande do Sul, aproximadamente 2.000 hectares. Erni Roos também foi sócio-fundador e até hoje é associado ativo da Associação dos Produtores de Sementes e Mudanças do Rio Grande do Sul, onde por cinco anos foi seu 1º vice-presidente. Participou também da criação da Fundação Pró-Sementes.



Divulgação

FÁBIO DE SALLES MEIRELLES, PRESIDENTE DA FAESP

Foi a partir de uma crise devastadora para o então principal produto agrícola do país, o café, em 1929, que começou a surgir uma das instituições mais representativas e atuantes do agronegócio brasileiro: a Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de São Paulo (Faesp). À época, a necessidade da união de interesses de lideranças agrícolas pela defesa e representatividade foram os primeiros movimentos para a criação da Federação das Associações Rurais do Estado de São Paulo (Faresp), pouco antes da década de 1950, que, a partir de 1965, passou à denominação Faesp. E muitas das conquistas históricas da instituição têm participação direta do advogado Fábio de Salles Meirelles, 81 anos, seu presidente desde 1975. Portanto, são 35 anos de dedicação – um marco singular entre as inúmeras instituições do agronegócio brasileiro.

Mas sua liderança junto à Faesp não é a única atividade institucional de Meirelles. Seu currículo é vasto. Entre muitas outras atividades, já presidiu a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), o Conselho Deliberativo do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar), o Conselho Deliberativo do Sebrae/SP, além de ocupar cargos públicos como as presidências do Banco Nacional de Crédito Cooperativo, em 1964, e do Instituto do Café do Estado de São Paulo, de 1973 a 1979, e a vice-presidência do Grupo Executivo para o Desenvolvimento do Programa Estadual do Alcool, em 1979. Ainda foi diretor de Operações Rurais e Agroindustriais do Banco do Desenvolvimento do Estado de São Paulo (Badesp) e deputado federal por São Paulo no início dos anos 1990. Fez tudo isso sem jamais deixar de lado sua atuação empresarial privada, pois é agropecuarista desde 1947, seguindo tradição familiar.

FERNANDO LEMOS, PRESIDENTE DO BANRISUL

Não existe prosperidade no campo sem crédito. E impulsionar o produtor rural, independentemente do tamanho, é uma das missões mais nobres do Banrisul, personificado na figura de seu presidente, Fernando Lemos, 50 anos, presidente da instituição gaúcha desde 2003, ano em que o Patrimônio Líquido (PL) do Banco era de R\$ 692 milhões. Em setembro de 2009, o PL alcançou R\$ 3,3 bilhões. Numa das principais ações de Lemos junto ao Banrisul está a sua liderança, em 2007, na bem-sucedida operação internacional de oferta de ações preferenciais no mercado primário, de R\$ 800 milhões, e, no mercado secundário, de R\$ 1,28 bilhão.

Graduado em Ciências Jurídicas, Lemos exerceu diversos cargos, como presidente da Caixa Econômica Estadual do Rio Grande do Sul, de 1990 a 1991, conselheiro de Administração da Banrisul S/A Corretora de Valores Mobiliários e Câmbio em 1995, subchefe da Casa Civil do Governo do RS, de 1995 a 1996, diretor do Banrisul de 1996 a 1999 e nos últimos anos presidente do Banrisul. Lemos ainda foi presidente da Associação de Bancos no RS e do Sindicato dos Bancos no RS de 2005 a 2009. Focado no ganho de escala, com os recursos da capitalização, o banco, que é o esteio para milhares de produtores gaúchos, na gestão de Lemos, reforçou a expansão da carteira de crédito e implementou estratégias comerciais e de investimentos em tecnologia da informação.





OS 65 FORA DE SÉRIE



Divulgação

GILBERTO ZANCOPE, DIRETOR-PRESIDENTE DA MONTANA

Uma das mais bem-sucedidas empresas de máquinas e implementos agrícolas tem dois diferenciais nos mercados em que atua: é legitimamente brasileira e bastante jovem em comparação às demais. A Montana, sediada em São José dos Pinhais, Região Metropolitana de Curitiba/PR, foi fundada em 1996 por Gilberto Zancopé, 49 anos, paulista de Orlândia, formado em economia na USP. A princípio, a empresa de Zancopé era uma fabricante de pulverizadores acoplados e de arrasto. Em 2001 a empresa lançou o seu primeiro autopropeleto, a Parruda. Depois destes, vieram muitos outros produtos, como a Parrudinha, o Boxer e a colhedora de algodão com unidade de colheita de cinco linhas, motor de 280cv e cesto com capacidade de 33 metros cúbicos.

Mas foi o sucesso da Parruda que colocou a empresa em outro patamar, e a experiência em motorizados levou a Montana a buscar outros produtos, como tratores e colheitadeiras. A migração para tratores se deu através de *joint-venture* com a Landini, em 2006, tradicional fabricante italiano de tratores e colheitadeiras. Atualmente, a Montana está montando a sua própria rede de distribuidores no Brasil e conta com cerca de 400 funcionários para um orçamento de vendas de R\$ 200 milhões. Mais do que liderar esta empresa, Zancopé é escritor. Ele lançou o livro “O Brasil que Deu Certo – A Saga da Soja Brasileira”, onde narra as aventuras dos pioneiros agricultores e pesquisadores na expansão da cultura da soja no Brasil, da Região Sul para a Centro-Oeste e Nordeste.

GILSON TRENNEPOHL, DIRETOR-PRESIDENTE DA STARA

“A evolução e o crescimento são possíveis com muita motivação, dedicação e trabalho.” Foi assim que Gilson Lari Trennepohl traçou seu caminho e conquistas, seja na sua vida pessoal, onde construiu uma família com princípios de amor e partilha, seja na vida profissional, na qual se destacou como diretor-comercial da Stara e hoje atua como diretor-presidente. Nasceu em Ibirubá/RS, teve uma infância humilde e feliz e uma adolescência de vários trabalhos. Na juventude chegou a Não-Me-Toque/RS em busca de uma vida melhor e foi então que conheceu a esposa Susana, filha de Franciscus Stapelbroek, sócio da Stara, até então uma empresa de médio porte sem grande representatividade no cenário nacional.

Trennepohl atuou ainda em outras atividades, como locutor de rádio, mas foi pela área de vendas que sempre mostrou maior interesse. A sua carreira na Stara começou em 1984 como demonstrador, numa época mais difícil, pois a empresa não era conhecida. Sua função era desbravar o Brasil levando os produtos Stara em um caminhão e fazendo demonstrações nas fazendas. Foi então que a Stara percebeu a tamanha importância do cliente participar do processo de criação de novos produtos, com sugestões e avaliações, e hoje esse é um dos grandes diferenciais da Stara. Após uma atuação competente no comando das vendas da Stara, Trennepohl passou o comando das vendas para seu filho Fernando, e hoje ele atua na presidência. Com a Stara prestes a completar 50 anos, ele sente enorme orgulho de umas das empresas mais respeitadas no agro-negócio brasileiro.



Divulgação

Os 65 FORA DE SÉRIE



Divulgação

GLAUBER SILVEIRA DA SILVA, PRESIDENTE APROSOJA/MT

O produtor Glauber Silveira da Silva, presidente da Associação dos Produtores de Soja e Milho de Mato Grosso (Aprosoja/MT), tem marcado sua trajetória como liderança agrícola pela forma arrojada na representação do produtor de soja e milho mato-grossense. Uma das características marcantes do jovem líder é a quebra de paradigmas. Glauber tem mostrado isso nas ações à frente da entidade, ampliando o foco na produção sustentável. Como exemplo, participou da fundação e mantém ativa a atuação no Instituto para o Agronegócio Responsável (Ares), Aliança Internacional dos Produtores de Soja (ISGA, sigla em inglês), e no Instituto Ação Verde.

Glauber desempenhou importante papel na reestruturação do Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária (Imea), que passou a ser referência em dados e análises agropecuárias, e da Aprosoja Brasil. Além da ISGA, entre as parcerias internacionais também destacam-se acordos de cooperação realizados com a Associação dos Produtores de Soja e a Universidade de Illinois. Em 2009 liderou a criação do Movimento Pró-Logística em Mato Grosso e mobilizou entidades da agropecuária e dos setores industrial, comercial e prestação de serviço, da sociedade civil organizada e o legislativo a trabalharem juntos para tirar o estado do gargalo causado pela falta de infraestrutura de transporte. O executivo é agrônomo e está no segundo mandato consecutivo na presidência da Aprosoja/MT, entidade que ajudou a fundar em fevereiro de 2005, e é vice-presidente da Aprosoja Brasil.

HAROLDO CUNHA, PRESIDENTE DA ABRAPA

Se dependesse de seu pai, ele seria engenheiro civil. Talvez aí o Brasil tivesse mais obras neste setor que não agredissem o meio ambiente. Afinal, a bandeira da sustentabilidade está sempre presente em seus projetos. Mas, também, o país perderia um grande parceiro na agricultura. O fato é que este mineiro, de apenas 42 anos, nascido em Uberaba e criado em Goiânia, hoje é um personagem reconhecido e respeitado no cenário do agribusiness brasileiro. Há quase dois anos na presidência da Associação Brasileira de Produtores de Algodão (Abrapa), o agrônomo Haroldo Rodrigues da Cunha, casado há 15 anos com Fernanda e pai de Laura, 12 anos, Júlia, 9, e Caio, 6, foge daquele esteriótipo “filho de fazendeiro”, quando os herdeiros paravam de estudar para tomar conta das fazendas.

Fluente em inglês e francês, em 1989, ano em que se formou na Escola de Agronomia da Universidade Federal de Goiás, a instituição firmou um convênio com a Escola de Agronomia da França. Depois de fazer um intensivo de três meses de francês, veio a prova oral com o cônsul francês e o carimbo no passaporte para um estágio de seis meses na cidade de Angers, no Vale do Loire. Quando chegou à fazenda da família, depois de administrar por dois anos uma usina de cana-de-açúcar em Goianésia/GO, seu pai havia acabado de iniciar a cultura do algodão. Começava aí uma história de engajamento com o setor que o levou em 1999 à Fundação Goiás. Em 2002, à vice-presidência da Associação Goiana dos Produtores de Algodão (Agopa), depois a dois mandatos na presidência da Agopa.



Carlos Rudiney/Abrapa

Os 65 FORA DE SÉRIE

HUGO CARVALHO, PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO MT

Um dos orgulhos do Mato Grosso, instituição de elevada relevância para o aprimoramento técnico e tecnológico das produções agrícolas do estado, a Fundação de Apoio à Pesquisa Agropecuária de Mato Grosso, mais conhecida por Fundação MT, tem Hugo de Carvalho Ribeiro como presidente. Mineiro de Alterosa, 58 anos, engenheiro civil, aprendeu a gostar do campo na pequena propriedade do pai onde se criava gado e se plantava milho. Com a família, mudou-se para o Paraná, mas, a convite de André Maggi, fundador do grupo que leva o seu nome, Ribeiro mudou-se para Rondonópolis, em 1976, para trabalhar na empresa. Há oito anos faz parte do conselho da empresa, onde ocupa o cargo de vice-presidente do conselho. Ribeiro também é produtor rural no município de Sapezal/MT, onde planta soja.

Há seis anos ele preside a instituição que é responsável pelo desenvolvimento de pesquisas das culturas de soja e algodão e contribui com o desenvolvimento do agronegócio no estado. Em 15 anos de pesquisas, a fundação contribuiu de forma decisiva para tornar o Mato Grosso num dos dois maiores produtores de grãos do Brasil. Entre as colaborações da instituição, já disponibilizou ao produtor 30 cultivares de soja entre convencionais e transgênicas. E para atender as necessidades dos produtores quanto à fitossanidade da soja, nutrição e adubação e tratamento de sementes, seus pesquisadores realizam diagnóstico preciso nas lavouras de soja e algodão, fazem acompanhamento das safras ano a ano, elaboram relatórios e pesquisam sobre as atividades de sojicultura e cotonicultura no Mato Grosso.



Divulgação

HUGO ZATTERA, DIRETOR-PRESIDENTE DA AGRALE

Entre as gigantes indústrias de tratores que mecanizam as lavouras brasileiras está uma que é 100% brasileira. A Agrale, sediada em Caxias do Sul/RS, distribui suas máquinas e equipamentos pelo Brasil e também ao mercado internacional. São milhares os tratores e caminhões da Agrale, sobretudo de pequeno porte, e, por coincidência, o líder desta empresa também é filho de pequenos agricultores, do interior do mesmo município da Agrale: Hugo Zattera, 69 anos, graduado em economia, pai de Adriano, Túlio e Beatriz, começou a sua carreira como *office-boy* de um banco e tornou-se o diretor-presidente da Agrale e suas subsidiárias.

Hugo Zattera também fundou, juntamente com o seu sogro, Francisco Stedile, e seus cunhados, a Lavrale, outra tradicional indústria de implementos agrícolas e revendedora de maquinário agrícola, pioneira na mecanização das pequenas propriedades rurais da Serra Gaúcha, empresa que vem dirigindo desde sua fundação, em 1969. Essa companhia teve, recentemente, sua denominação alterada para Agritech Lavrale, após a aquisição da fábrica do grupo japonês Yanmar. Em 1996, após participar das negociações que conduziram à reestruturação do grupo Francisco Stedile, Zattera assumiu a Superintendência da Agrale. A empresa dirigida por Zattera oferece ao mercado produtos com tecnologia na medida certa para as necessidades dos produtores. Com mais de 40 anos de tradição e solidez, é a única empresa de capital e controle 100% nacional que atua na produção de veículos, tratores e motores a diesel.



Divulgação



Divulgação

IVAN ZURITA, PRESIDENTE DA NESTLÉ BRASIL

Ivan Fábio Zurita nasceu em Araras/SP, a mesma cidade onde a Nestlé instalou a sua primeira unidade no Brasil, em 1921. Passou a infância sentindo o cheiro de algumas das delícias fabricadas pela empresa e não foi à toa que começou a trabalhar na multinacional suíça em 1973, como estagiário. Zurita já foi o presidente da companhia nas unidades do México, Costa Rica, El Salvador, Nicarágua, Guatemala e Honduras. Desde 2001, é o comandante das operações no Brasil, onde a Nestlé está presente em 98% dos lares, segundo pesquisa da LatinPanel. Maior empresa mundial de nutrição, saúde e bem-estar, a Nestlé vende suas marcas para 86 países. No Brasil, a companhia tem 30 unidades industriais, emprega 18 mil colaboradores diretos e gera outros 220 mil empregos indiretos na fabricação, comercialização e distribuição de mais de mil itens.

Graduado em Economia pela Universidade Mackenzie, Ivan Zurita tem especialização em Marketing pela New York University e se formou pelo IMD (Lausanne, Suíça) em Alta Gerência. É membro da Academia Brasileira de Marketing, do Conselho Estratégico Superior da Indústria da Fiesp, da Academia Latino-Americana de Nutrologia, do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, do Grupo de Líderes Empresariais (Lide) e da Associação dos Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil (ADVB). Neto e filho de empreendedores, o executivo também teve contato logo cedo com o trabalho no campo, na produção de leite da fazenda do pai em Araras. Hoje, sua vocação rural é colocada em prática na Agropecuária Zurita (AgroZurita), em Araras, onde ele é criador de linhagens sul-africanas da raça Simental.

IWAO MIYAMOTO, PRESIDENTE DA ABRASEM

A principal entidade brasileira que reúne os produtores de sementes sempre teve entre as suas bandeiras a legalidade. Defender a utilização de sementes e mudas certificadas, com garantia de origem, sempre foi uma das obsessões do presidente de quarto mandato da Associação Brasileira de Sementes e Mudas (AbraseM), o engenheiro agrônomo Iwao Miyamoto, também diretor-presidente do Grupo Sementes Mauá, sediado na região de Mauá da Serra, no Paraná. A AbraseM foi fundada em 1972 e hoje congrega 13 associações – desde a pesquisa para o desenvolvimento de cultivares, passando pelos produtores de sementes, comerciantes, técnicos, pesquisadores, etc. Por ano, as 600 associadas geram 2 milhões de toneladas de sementes e faturam R\$ 8 bilhões.

Iwao Miyamoto tem uma extensa ligação a entidades relevantes ao agronegócio brasileiro e não apenas às de sementes. Com especialização em Planejamento pela USP e MBA em Agribusiness pela mesma instituição, Miyamoto já ocupou os cargos de diretor de Operações e diretor de Planejamento de Política Agrícola da Conab, além de ter sido chefe de gabinete da presidência do Incra. Também já foi presidente da Associação Paranaense de Produtores de Sementes (Apasem) e da Associação Brasileira de Produtores de Soja (Aprosoja), enquanto na Federación Latino Americana de Asociaciones de Semillas (Felas) exerce o segundo mandato. Também é diretor-tesoureiro da Fundação Meridional de Apoio à Pesquisa Agropecuária e integrante do Conselho de Agronegócios do Ministro da Agricultura.



Divulgação



**JOÃO CARLOS MACHADO,
SECRETÁRIO DA AGRICULTURA DO RIO
GRANDE DO SUL**

Produtor rural desde os 17 anos de idade, o secretário da Agricultura, Pecuária, Pesca e Agronegócio do Rio Grande do Sul, João Carlos Machado, é natural de Camaquã/RS. Aos 62 anos, planta arroz e cria gado em sua propriedade, no 6º Distrito da Pacheca, no interior do município. Convidado pela governadora Yeda Crusius para assumir a Secretaria, Machado teve de renunciar ao seu mandato de prefeito pelo PP em Camaquã, para o qual foi eleito na administração 2001-2004 e, recentemente, reeleito para os anos de 2005-2008.

Machado é um típico líder de seu setor. Antes de ocupar cargos políticos, serviu a entidades como a Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul (Farsul), da qual foi vice-presidente na gestão 1997/2000 e diretor nos períodos 1991/1994, 1994/1997 e 2000/2003. Esta condição foi obtida no trabalho que desenvolveu antes em sua terra natal. Foi sócio-fundador do Sindicato Rural de Camaquã, entidade que presidiu de 1985 a 1988.

O secretário da Agricultura gaúcho foi também sócio-fundador do CITE 10 – Clube de Integração e Troca de Experiências e coordenador, pelo estado, da Região Sul, no movimento Acordo Rural, em Brasília. Ainda no Rio Grande do Sul, foi diretor do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar), tendo feito parte dos conselhos Diretor e Fiscal da entidade.

JOÃO CÉSAR RANDO, DIRETOR- PRESIDENTE DO inpEV

O Instituto Nacional de Processamento de Embalagens Vazias (inpEV) representa a indústria de defensivos agrícolas em sua responsabilidade de destinar as embalagens vazias de agroquímicos. A lei atribui a cada elo da cadeia (agricultores, fabricantes, canais de distribuição e poder público) diferentes responsabilidades. O instituto entrou em funcionamento em 2002 e tem 79 empresas e sete entidades de classe do setor agrícola como associadas.

O engenheiro agrônomo João César Meneghel Rando acumula 28 anos de trabalho no setor de defensivos e é o fundador e diretor-presidente do inpEV. Ele tem cursos de pós-graduação em defesa fitossanitária, administração rural e no Programa de Gestão Avançada realizado na França no Insead/FDC. Fazem parte da sua experiência profissional os cargos de diretor-geral Brasil da Rhodia Agro-Rhone-Poulenc e diretor mundial do Projeto de Implantação SAP em 35 países pelo Grupo Rhone-Poulenc e Aventis, com sede em Lyon, na França.

Rando foi vice-presidente do Conselho Diretor da Associação Nacional de Defesa Vegetal (Andef) e diretor do Sindicato Nacional dos Defensivos Agrícolas (Sindag). Ele também é o diretor-presidente e fundador da Empresa Campo Limpo Reciclagem e Transformação de Plástico S/A.

O trabalho realizado pelo inpEV é exemplo de ecoeficiência para o mundo todo. Em novembro do ano passado, o sistema foi reconhecido na Inglaterra como melhor programa sustentável da cadeia agrícola. O prêmio, concedido pela revista britânica Agrow, é um dos principais do agronegócio mundial. As campanhas do inpEV levam o Brasil a destinar 94% das embalagens vazias à reciclagem, contra índices de 73% do Canadá, 65% da Alemanha e 20% dos Estados Unidos.



JOÃO DE ALMEIDA SAMPAIO, SECRETÁRIO DA AGRICULTURA DE SÃO PAULO



Antes de assumir a Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, em janeiro de 2007, convidado pelo governador José Serra, o economista João de Almeida Sampaio Filho, 44 anos, esteve à frente de diversas entidades ligadas ao agronegócio. Natural da Capital paulista, é produtor rural em São Paulo, no Mato Grosso e no Paraná. Com naturalidade, passou a liderar o segmento. Foi presidente da Associação dos Produtores de Borracha do Estado do Mato Grosso e é vice-presidente da associação paulista do setor. Sampaio Filho ocupou também a presidência da Câmara Setorial Nacional de Borracha e da Comissão Nacional da Borracha da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). É vice-presidente da Associação Comercial do Estado de São Paulo e conselheiro da Associação Brasileira do Agronegócio de Ribeirão Preto/SP. Também ocupou a presidência da Sociedade Rural Brasileira de 2002 a 2007.

Na secretaria, ampliou a atuação do Feap – o financiamento a produtores rurais –, dando acesso a este crédito de 3% de juros ao ano para a classe média rural, alterando o perfil do beneficiário para aqueles com renda bruta anual de até R\$ 400 mil. Lançou pacotes regionais de agricultura com medidas focadas nas vocações regionais agrícolas, como no Vale do Ribeira e Sudoeste Paulista e criou o Pro-

grama Pró-Trator – de financiamento de tratores a juro zero. O secretário inovou na subvenção do prêmio do seguro rural ao produtor paulista, dando mais agilidade ao processo de benefício, pagando diretamente ao agricultor.

JOÃO SERENO LAMMEL, PRESIDENTE DO CONSELHO DIRETOR DA ANDEF

O agrônomo João Sereno Lammel, eleito presidente do Conselho Diretor da Associação Nacional de Defesa Vegetal (Andef) em dezembro, é um obstinado pela área. Desde cedo, encarou o caminho que seria trilhado ao longo de sua vida profissional. Ainda adolescente, cursou o ginásio agrícola, no município paranaense de Clevelândia. E, no colegial, estudou técnicas agrícolas em Ponta Grossa, também no Paraná. Mais tarde, confirmou a decisão ao formar-se na Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, da Universidade Federal de Pelotas, no Rio Grande do Sul. Tal obstinação o acompanhou ao ingressar no campo profissional. Com apenas 21 anos de idade, Lammel ingressou na DuPont, empresa global com mais de 200 anos e presente no Brasil desde 1937.

Ao longo dos 33 anos de trabalho na empresa – algo raro nas companhias diante dos inúmeros processos de reestruturação, fusões e aquisições, Lammel atuou em diversas áreas estratégicas da empresa, como vendas, desenvolvimento e marketing, até ocupar o cargo atual, de diretor de Desenvolvimento de Negócios e Portfólio para a América Latina. Ao assumir a presidência do Conselho Diretor da Andef, o executivo revela-se familiarizado com a economia e com o setor. A entidade que ele dirige tem como missão criar condições favoráveis ao desenvolvimento do setor de produtos fitossanitários no Brasil e atuar na defesa das empresas associadas, com respeito ao homem e ao ambiente, além de promover o uso correto e seguro dos produtos.



Os 65 FORA DE SÉRIE

JOSÉ AROLDO GALASSINI, PRESIDENTE DA COAMO AGROINDUSTRIAL COOPERATIVA

A história da agricultura e do cooperativismo na região de Campo Mourão/PR confunde-se com a trajetória do agrônomo José Aroldo Gallassini, idealizador e presidente da Coamo Agroindustrial Cooperativa. Nascido em Brusque/SC, em 3 de maio de 1941, começou a trabalhar com 13 anos na sua cidade natal, de onde seguiu para Curitiba/PR, aos 18 anos, para o serviço militar. Mesmo residindo numa região montanhosa, sempre gostou da agricultura. Como agrônomo formado iniciou suas atividades na Associação de Crédito e Assistência Rural do Paraná (Acarpa) entre 1968 e 1971 em Campo Mourão, onde criou a família e se realizou profissionalmente.

Gallassini é reconhecido como um homem simples, humilde e carismático. Descendente de italianos, trabalha com agricultura e pecuária, é cooperativista e construiu a sua trajetória com disciplina e determinação. Entre 1968 e 1970, foi mentor e idealizador da fundação da Coamo, que no início representava o sonho de 79 agricultores da região. Hoje, é presidente de um conglomerado com 22 mil cooperados, cuja receita global chegou a R\$ 4,7 bilhões em 2008 e o patrimônio líquido, a R\$ 1,69 bilhão. Galassini simplesmente dirige a maior cooperativa agrícola da América Latina.

O orgulho do dirigente é de conceder benefícios diretos para 100 mil pessoas (cooperados, funcionários e familiares). A cooperativa tem 4.423 funcionários diretos, com média mensal de 1.576 colaboradores (temporários e terceirizados). Possui 92 unidades para recebimento de produtos agrícolas em 55 municípios do Paraná, de Santa Catarina e do Mato Grosso do Sul, com capacidade de armazenagem estática de 3,83 milhões de toneladas. Recebe 5,01 milhões de toneladas de produtos agrícolas, o que representa 3,5% da produção agrícola do Brasil e 16% da produção paranaense.



Divulgação

JOSÉ OLAVO BORGES, PRESIDENTE DA ABCZ

Nascido em Conquista/MG, o médico e selecionador de Nelore José Olavo Borges Mendes dedica-se há 40 anos à pecuária zebuína. Formado pela Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro (FMTM, hoje UFTM), em 1970, Borges encontrou na lida com o gado indiano, antes mesmo da formatura, a sua verdadeira vocação. É tão reconhecido que hoje preside novamente a Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ). No final da década de 1960, já se dedicava à pecuária. Começou a criação de gado de corte em parceria com a avó Maria de Castro Mendes. Em 1968, após o casamento com a filha do selecionador de Nelore Torres Homem Rodrigues da Cunha, detentor da marca VR, Borges começou efetivamente o trabalho de seleção com zebu na fazenda Matinha, em Uberaba/MG.

Hoje, o trabalho iniciado há quatro décadas tem prosseguimento com a marca VRJO. Ele conta com o apoio dos três filhos para administrar um plantel de Nelore PO

com aproximadamente 1.200 animais, nas fazendas Primavera, Estância VRJO e Fazenda Santa Helena, localizadas em Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e Mato Grosso, respectivamente. Assim como na ligação com zebu, a relação com a ABCZ é antiga. Seu bisavô, Elieser Mendes dos Santos, criador de gado na região de Uberaba, foi um dos fundadores da Sociedade Rural do Triângulo Mineiro, que décadas depois se transformaria em ABCZ. Depois de duas bem-sucedidas gestões como presidente da entidade em 1995/1998 e em 2001/2004, Borges retornou à liderança da maior associação de pecuária zebuína do mundo em agosto de 2007, devendo cumprir mandato até 2010.

Maurício Farias

OS 65 FORA DE SÉRIE

KÁTIA ABREU, PRESIDENTE DA CNA

Psicóloga por formação, a goiana Kátia Abreu ingressou no setor rural por força do destino. Tornou-se chefe de família e empresária rural aos 25 anos de idade, com a morte do marido. Em 1994, disputou e venceu a eleição para presidir o Sindicato Rural de Gurupi – terceira maior cidade do Tocantins, tornando-se a primeira mulher a comandar a entidade. Formada pela Universidade Católica de Goiás, teve carreiras classista e política meteóricas até assumir o comando da poderosa Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e eleger-se senadora.

Kátia assumiu a presidência da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado do Tocantins, cargo que exerceu por quatro mandatos consecutivos (1995 a 2005). Destacou-se como a primeira – e única – mulher a comandar uma entidade dessa natureza no país. Presidiu a Comissão Nacional da Amazônia Legal, da CNA. Em 2006, ocupou uma vice-presidência da CNA, entrando para a história da confederação como a primeira mulher a compor a diretoria da entidade.

Ela foi além: elegeu-se, em 2008, a primeira mulher presidente da entidade que reúne 27 federações estaduais, 2.142 sindicatos rurais e mais de 1 milhão de produtores sindicalizados. Em 1998, disputou pela primeira vez uma cadeira na Câmara Federal, ficando como primeira suplente com quase 23 mil votos. Assumiu a vaga em 2000 e, em 2001, foi escolhida para presidir a Frente Parlamentar da Agricultura no Congresso, sendo a primeira mulher a presidir esta Frente na história do Congresso brasileiro. Em 2002, foi reeleita numa votação histórica, conseguindo 76.170 votos (12,91% dos votos), e em outubro de 2006 tornou-se a primeira senadora do Tocantins.



Divulgação

KNUT KARLSEN, DIRETOR-PRESIDENTE DA YARA BRASIL FERTILIZANTES

O comando da Yara Brasil Fertilizantes, com sede em Porto Alegre/RS, é exercido por um novato na empresa, mas experiente na sua área de atuação. Knut Arne Karlsen, norueguês e administrador de empresas, é o diretor-presidente do grupo e membro do Conselho desde junho de 2009. Seu currículo é vasto: possui MBA em Gestão Internacional - IMD Switzerland, e mestrado em Economia Industrial - Norwegian Institute of Technology and Science. Karlsen foi sócio da PricewaterhouseCoopers Advisory, diretor da empresa holandesa Indesit Company, e possui ampla experiência como consultor de empresas da área industrial, de óleo e gás, petroquímica e de telecomunicação, tanto na América Latina quanto na Europa e Estados Unidos.



Divulgação

Esta experiência o fez ingressar na multinacional norueguesa líder mundial de fornecimento de fertilizantes minerais. Atualmente, o grupo conta com escritórios em cerca de 60 países, tem 160 pontos de infraestrutura – fábricas, escritórios, terminais e silos de armazenamento – espalhados pelo mundo e conta com cerca de 8 mil colaboradores. Seus produtos estão disponíveis em mais de 120 países, alcançando a posição de empresa mais globalizada do setor de fertilizantes. A Yara conta com mais de um século de especialização em fertilizantes, de evolução num processo que alimenta o mundo. A empresa se orgulha de sua tradição em inovações tecnológicas, de sua liderança internacional e das suas fortes parcerias de sucesso.

OS 65 FORA DE SÉRIE



Divulgação

LAÉRCIO GIAMPANI, PRESIDENTE DA SYNGENTA

No currículo do agrônomo Laércio Giampani constam passagens por empresas líderes na área de defensivos agrícolas. Antes de chegar à presidência da Syngenta Proteção de Cultivos, o profissional formado pela Escola Superior de Agronomia de Paraguaçu Paulista (ESAPP) trabalhou em empresas precursoras do grupo: Ciga Geiby (1993/1997) e Novartis (1998/2000). Experiência e conhecimento não lhe faltam. Ele tem MBA em Marketing pela USP e pós-graduação em Marketing Financeiro pela Kellogg's University.

Além da Syngenta, Giampani ocupa também a presidência do Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Agrícola (Sindag) e é vice-presidente do Conselho da Associação Nacional de Defesa Vegetal (Andef). A projeção foi garantida graças à atuação na Syngenta, que conta com mais de 24 mil funcionários em 90 países e é uma das líderes mundiais na área de agribusiness, comprometida com a agricultura sustentável através de inovação em pesquisa e tecnologia.

No Brasil, o grupo seguidamente é reconhecido por premiações. Sob a batuta de Giampani, o grupo vem obtendo prêmios como fornecedor agropecuário de ponta, onde se destacam a qualidade de atendimento na venda, as ações para criar demanda de produto, a qualidade de atendimento na pós-venda, a pontualidade na entrega de produtos, apoio no ponto de vendas, as condições de compra e o suporte técnico e treinamento da revenda. É líder no recebimento do Prêmio Andef Mérito Fitossanitário, na categoria Melhores Empresas, concedido pela Associação Nacional de Defesa Vegetal.

LUÍS CARLOS GUEDES PINTO, VICE-PRESIDENTE DE AGRONEGÓCIOS DO BANCO DO BRASIL

A presença do agrônomo e professor Luís Carlos Guedes Pinto na vice-presidência de Agronegócios do Banco do Brasil é uma garantia para a instituição e para a clientela espalhada pelo Brasil. Antes de chegar ao cargo, ocupou diversos cargos na academia e em órgãos públicos. A função de maior luminosidade foi a de ministro da Agricultura, entre junho de 2006 e março de 2007, mas Guedes Pinto começou a brilhar ao formar-se agrônomo pela USP (em 1965) e doutorar-se pela mesma escola em 1973.

A partir daí, sua carreira foi alavancada: livre docente em 1979, professor adjunto em 1987 e professor titular de Economia Agrícola em 1993 da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), fez estudos de pós-doutorado na Universidade de Cór-



Divulgação

doba (Espanha) em 1991. Além de tornar-se professor da Unicamp de 1983 a 2003, foi docente na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1966/1969) e na Universidade de Brasília (1976/1982).

Foi na Capital federal que seu dom como negociador foi premiado. Nos anos 1972 e 1973 foi assessor do ministro da Agricultura. A partir deste ano e até 1982 prestou serviços para a Embrapa e foi pró-reitor de Desenvolvimento Universitário da Unicamp de 1998 a 2001, presidente da Conab de janeiro de 2003 a dezembro de 2004 e secretário-executivo do Ministério da Agricultura. Tanta experiência garantiu-lhe o posto máximo no ministério em 2006 e 2007. Quando saiu do ministério, Guedes Pinto passou a ocupar o cargo de vice-presidente de Agronegócios do Banco do Brasil.

OS 65 FORA DE SÉRIE

LUIS CARLOS HEINZE, VICE-PRESIDENTE DA FRENTE PARLAMENTAR DA AGROPECUÁRIA

O produtor Luis Carlos Heinze é natural de Candelária, região central do Rio Grande do Sul, mas desenvolveu sua aptidão pelo setor primário na fronteira. Reside em São Borja desde 1973, onde desenvolve a atividade orizícola e a pecuária. Agrônomo, Heinze é deputado federal pelo terceiro mandato. Sua veia política começou desde cedo, em 1988, quando fundou a Associação dos Arrozeiros de São Borja. Um ano depois, participou da criação da Federação dos Arrozeiros do Rio Grande do Sul (Federarroz) e assumiu o cargo de vice-presidente da entidade. Durante as manifestações em defesa do setor ao longo dos anos, transformou-se em um reconhecido líder no estado.

Este trabalho o credenciou a assumir o cargo de prefeito. Administrou o município de São Borja na gestão 93/96, período marcado pela construção da ponte internacional que liga São Borja a Santo Tomé, na Argentina. Em 1998, foi lançado candidato a deputado federal com apoio do segmento rural, eleito com 63.606 votos, e integrou a Comissão de Agricultura da Câmara dos Deputados, onde tornou-se mais tarde presidente. Entre as atividades que Heinze desenvolveu, destacam-se a investigação que fez sobre a forma com que os recursos públicos foram aplicados na reforma agrária, o trabalho pela renegociação das dívidas agrícolas. Desde março de 2008, Heinze atua como vice-presidente da Frente Parlamentar da Agropecuária. Trata-se de uma das bancadas mais unidas e respeitadas do Congresso Nacional, com 233 deputados e 33 senadores.



Divulgação

MARCELO BORGES LOPES, DIRETOR-PRESIDENTE DA VALMONT

Cinco anos de experiência atuando na área de produção agrícola de usinas no setor sucroalcooleiro, 11 anos de trabalho nas áreas de marketing e comercial de empresas fabricantes de máquinas agrícolas e outros quatro anos no setor de irrigação. Com este currículo na bagagem, o agrônomo Marcelo Borges Lopes tomou posse como diretor-presidente da Valmont em janeiro de 2006. As duas décadas de dedicação a segmentos da agropecuária brasileira começaram quando ele concluiu o curso de Agronomia pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq), da USP, em 1989.

Tornou-se mestre em Agronomia pela mesma instituição em 1996 e garantiu o MBA pela Fundação Dom Cabral em 2006. Lopes considera uma recompensa dirigir a Valmont, que desde 1954 está presente



Divulgação

no campo irrigando culturas e lavouras mundo afora. E no Brasil não foi diferente. Líder no mercado de irrigação, empresa comemora mais de 30 anos da instalação do primeiro pivô central no Brasil. Hoje, os negócios são puxados pela tecnologia dos Pivots Valley. Além de atuar em empresas do setor, foi chamado a participar das negociações entre segmentos e o Governo. Entre 2007 e 2011, presidirá a Câmara Setorial de Equipamentos de Irrigação (CSEI) da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), e desde 2006 é conselheiro da Associação Brasileira de Irrigação e Drenagem (Abid). Também é integrante da Câmara Temática de Agricultura Sustentável e Irrigação do Ministério da Agricultura e integra o Fórum Agricultura Irrigada do Ministério da Integração Nacional.



Sistema OCB

MÁRCIO LOPES DE FREITAS, PRESIDENTE DA OCB

Ao presidir a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), o administrador de empresas Márcio Lopes de Freitas está confirmando as raízes familiares. Agropecuarista e cooperativista há mais de 20 anos, é natural de Patrocínio Paulista, interior de São Paulo. A paixão pela agricultura e pelo cooperativismo vem de família. A primeira está concretizada em uma propriedade localizada na região de sua cidade natal, onde cultiva café, produção de olerícolas orgânicas, além da criação de gado.

Por acreditar e defender os valores e princípios do cooperativismo, Freitas, com 50 anos, buscou na atividade cooperada uma melhor alternativa de vida. Graduado em Administração de Empresas pela Universidade de Brasília (UnB), teve sua participação direta no cooperativismo iniciada em 1994, nas diretorias da Cooperativa de Cafeicultores e Agropecuaristas (Cocapec) e da Cooperativa de Crédito Rural (Credicocapec), nas quais atuou como presidente.

Sua contribuição para o desenvolvimento do cooperativismo teve continuidade na gestão frente à Organização das Cooperativas do Estado de São Paulo (Ocesp), entre 1997 e 2001. E, agora, como representante máximo do setor, no exercício como presidente da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) e também do Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop), desde 2001. A OCB é o órgão máximo de representação das cooperativas. Foi criada em 1969 e é responsável pela promoção, fomento e defesa do sistema cooperativista. Representa um setor que cresceu muito em 2008, último dado disponível na OCB.

MARCONI PASCOALI, DIRETOR-PRESIDENTE DA INDUSTRIAL PAGÉ

No início da década de 1990, após formar-se engenheiro mecânico pela PUC/RS, Marconi Leonardo Pascoali começou a trabalhar na Industrial Pagé. Exercia a função de estagiário, o que lhe garantia conhecer todo o processo produtivo e administrativo da empresa localizada em Coloninha, Araranguá/SC. Passados quase 20 anos e com 44 anos, ele é diretor-presidente do grupo, que fabrica equipamentos completos para armazenagem, limpeza, transporte e beneficiamento de grãos.

O caminho para chegar ao principal cargo na empresa foi galgado com bastante esforço. Depois de estagiar, passou a dar suporte aos departamentos de engenharia, produção, logística, obras e assistência técnica da empresa. Visando ao aperfeiçoamento em outras línguas e culturas, residiu em Brighton, Inglaterra, por 12

meses. Ao retornar ao Brasil, continuou aprimorando-se na área de metalurgia agrícola e industrial, bem como na administração de empresas através da realização de diversos cursos. Em 1997, formou-se bacharel em Administração e com o afastamento voluntário do sócio-fundador, passou a sócio-proprietário, atuando na administração de to-

das as áreas da empresa, juntamente com sua irmã. Com o desenvolvimento de novos projetos e principalmente preocupação com a satisfação do cliente, Pascoali transformou em gigante a pequena empresa criada em 1964 com apenas um pequeno torno e voltada especialmente ao conserto de peças para tratores e caminhões.



Divulgação

OS 65 FORA DE SÉRIE

MARCOS DE OLIVEIRA, PRESIDENTE DA FORD BRASIL E MERCOSUL

Nascido em São Paulo e tendo vivido muitos anos na região do Grande ABC, Marcos de Oliveira tem sólida experiência em liderar operações em diferentes regiões do mundo. Durante seus 25 anos de trabalho na Ford Motor Company desempenhou diversas tarefas no Brasil, México, Espanha, África do Sul e Estados Unidos. Desde 1º de dezembro de 2006 é o presidente da Ford Brasil e Mercosul. Oliveira iniciou sua carreira como engenheiro, na Divisão de Componentes Automotivos da Ford, em 1984, no Brasil. Ele é formado em Engenharia pela Faculdade de Engenharia Industrial (FEI) e tem pós-graduação em Administração de Empresas, ambos os cursos completados no Brasil.

Para assumir o comando da operação brasileira e do Mercosul, Oliveira deixou a posição de diretor-executivo da Unidade de Plataformas Monobloco, na área de Desenvolvimento de Produto da América do Norte. Dois anos antes de seu retorno ao Brasil, foi responsável pelos processos de planejamento, desenvolvimento e lançamento de uma série de modelos, nos Estados Unidos, inclusive o Ford Fusion, Ford Edge, Mercury Milan, Lincoln MKZ e Lincoln MKX. Também foi responsável por outras linhas de veículo como Ford Focus, Five Hundred, Freestyle, Escape e Mustang. Antes de chegar à sede da empresa em Dearborn, Michigan, foi presidente e CEO da Ford do México, cargo que ele manteve durante três anos e meio. No país, foi responsável por Vendas & Marketing, Manufatura & Montagem, Compras, Desenvolvimento de Produtos, Atendimento Pós-Venda e Peças, Exportações de Veículos e Componentes, Finanças, Recursos Humanos, entre outros.



Divulgação

MARCOS SAWAYA JANK, PRESIDENTE DA UNICA

Há mais de 20 anos o engenheiro agrônomo Marcos Sawaya Jank trabalha com temas ligados ao setor sucroenergético. E tanta experiência deu a ele o aval para presidir, desde 2007, a União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica). Fundada em 1997, a entidade reúne 119 companhias associadas e representa um mercado que cresce no Brasil

e que desperta cada vez mais a atenção de economias por todos os cantos do mundo. Hoje, além de trabalhar pelo desenvolvimento e valorização dos combustíveis renováveis, a Unica tem como um dos seus principais objetivos a busca da sustentabilidade em todas as etapas do processo produtivo.

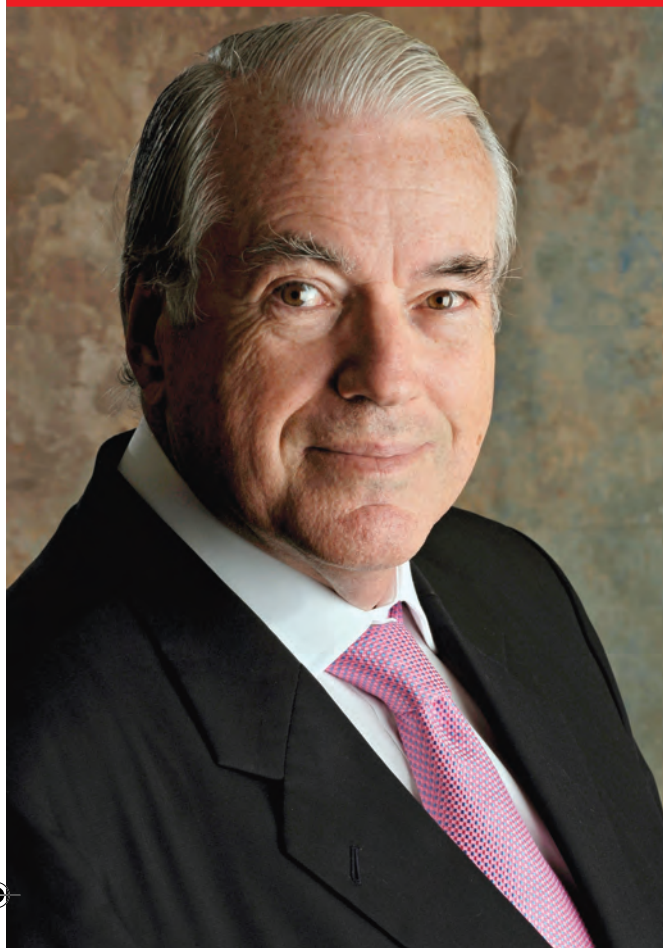
Jank é ex-presidente e idealizador do Instituto de Estudos do Comércio e Negociações Internacionais (Icne) e professor associ-

ado da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA/USP). Também é livre docente e engenheiro agrônomo formado pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq), PhD pela FEA e mestre em Políticas Agrícolas em Montpellier, França. Também integrou a Divisão de Integração, Comércio e Assuntos Hemisféricos do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), em Washington/EUA, e foi professor visitante nas Universidades de Georgetown e Missouri-Columbia, nos EUA. O executivo ainda é consultor e organizador de projetos de diferentes entidades, como Banco Mundial e Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO). Jank também é diretor do Departamento de Agronegócios da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) e tem mais de 200 trabalhos publicados e cerca de 500 palestras realizadas em eventos no Brasil e no exterior.



Niels Andreas/Unica

Os 65 FORA DE SÉRIE



Banco de Imagens JBS

MARCUS VINICIUS PRATINI DE MORAES, EX-MINISTRO DA AGRICULTURA E CONSELHEIRO DO JBS-FRIBOI

Ele é um especialista quando se trata de defender o agronegócio brasileiro. O gaúcho Marcus Vinicius Pratini de Moraes não cansa de ir ao combate para ressaltar a qualidade da produção nacional. Reconhecido e respeitado por produtores e empresários, Pratini foi ministro da Agricultura entre 1999 e 2002. Nesse período, enfrentou os problemas causados pela febre aftosa e se destacou pelo trabalho para recuperar e propagar a sanidade do rebanho. Responsável pelo ingresso da carne brasileira em diversos países, o ex-ministro continua nessa batalha. Entre 2003 e 2008, foi presidente da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec) e, desde 2007, é membro do Conselho de Administração do Grupo JBS-Friboi, onde integra a estratégia de globalização da maior empresa de proteína animal do mundo.

Formado em Economia, tem curso de pós-graduação em Administração Pública e Administração de Empresas na Alemanha e nos Estados Unidos. Foi ministro interino do Planejamento e Coordenação Geral, ministro da Indústria e do Comércio, ministro de Minas e Energia e deputado federal pelo Rio Grande do Sul. Pratini também foi fundador e presidente da Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (Funcex) e presidente da Associação do Comércio Exterior do Brasil (AEB). Participou de diferentes corporações no país e no exterior e hoje é membro de várias entidades, como o Conselho Empresarial Brasil – China e o Conselho Executivo do IMS (International Meat Secretariat). Também é vice-presidente Internacional do Serviço de Informação da Carne (SIC) e presidente do CEAL (Conselho Empresarial da América Latina – Capítulo Brasileiro).

MÁRIO BARBOSA, PRESIDENTE DA BUNGE FERTILIZANTES

Mário Alves Barbosa Neto acumula mais de 20 anos de experiência no mercado brasileiro de fertilizantes. Formado em Engenharia de Produção pela Universidade de São Paulo e pós-graduado em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas, é o presidente da Bunge Fertilizantes desde 1996. Antes, foi superintendente da Fosfertil e CFO da Manah. Atualmente, também acumula os cargos de presidente da Associação Nacional para Difusão de Adubos (Anda) e do Conselho de Administração da Fosbrasil, da Fertifós, da Fosfertil e da Ultrafertil. Longe do ambiente das indústrias, o executivo busca refúgio nas fazendas que mantém em Espírito Santo do Pinhal/SP, onde é criador de cavalos da raça Mangalarga e produtor de café.

A Bunge está no Brasil desde 1905 e atua de forma integrada em toda a cadeia produtiva. Por meio da Bunge Fertilizantes e da Bunge Alimentos, produz fertilizantes e ingredientes para nutrição animal, processa e comercializa soja e outros grãos, fornece matéria-prima para a indústria de alimentos e *food service*, além de produzir alimentos para o consumidor final. Marcas como Serrana, Manah, IAP, Ouro Verde, Salada, Soya, Cyclus, Delícia, Primor e Bunge Pró estão ligadas não apenas à história econômica brasileira, mas também aos costumes, à pesquisa científica e à formação de gerações de profissionais. A empresa tem mais de 300 instalações entre fábricas, portos, centros de distribuição e silos. Está presente em 16 estados e tem cerca de 9 mil colaboradores. O faturamento bruto da companhia em 2008 atingiu a cifra de R\$ 31,7 bilhões.



Divulgação



Divulgação

MAURÍCIO FISCHER, PRESIDENTE DO IRGA

Os produtores gaúchos são responsáveis por mais de 60% da safra brasileira de arroz. A cultura é plantada em cerca de 9 mil propriedades de 133 municípios. Nas regiões produtoras, são gerados 232 mil empregos diretos e indiretos. Para representar e defender o setor, existe o Instituto Rio Grandense do Arroz (Irga), uma autarquia do Governo do Estado do Rio Grande do Sul desde 1940. O trabalho consiste no auxílio aos agricultores com pesquisa, difusão de tecnologias e programas especiais que envolvem desde a pesquisa de novas cultivares até o incentivo ao consumo.

No comando do instituto está um homem que vai completar 30 anos de dedicação à causa orizícola neste ano. Maurício Miguel Fischer começou a trabalhar no Irga em outubro de 1980, como engenheiro mecânico, profissão na qual é formado pela Universidade Federal de Santa Maria/RS, onde também se tornou mestre em Engenharia Agrícola.

Desde 2006 é presidente do instituto, onde já foi, entre outras funções, instrutor de cursos, coordenador do Centro de Treinamento de Mão de Obra Rural, pesquisador, gerente da Divisão de Pesquisa e diretor técnico. O engenheiro também já foi vice-presidente da Confederação Latino-Americana das Entidades Arrozeiras (Celarroz), membro do comitê do Fundo Latino-Americano de Arroz Irrigado (Flar) e presidente da Sociedade Sul-Brasileira de Pesquisadores de Arroz Irrigado (Sosbai).

MAX FABIANI, PRESIDENTE DA TORTUGA

Desde a infância, Max Fabiani frequentava a fazenda da família, no Mato Grosso do Sul. Lá, aprendeu com seu pai, o fundador da Tortuga, o imigrante italiano Fabiano Fabiani, a gostar do trato com os animais. Max é formado em Medicina pela PUC de Campinas/SP, mas sabe que a sua maior vocação está no campo. Ele costuma dizer que muito cedo compreendeu a importância do agronegócio para o Brasil e para as futuras gerações.

Na Tortuga, no ano 2000, o executivo atuou na área de desenvolvimento de produtos e marketing e, depois de algum tempo, assumiu a área de Marketing da Linha Saúde. Ele também gerenciou as fazendas do grupo e, em 2004, assumiu o cargo de vice-presidente, cuidando de todas as estruturas da empresa até 2006.

Hoje, como presidente da companhia que é referência em nutrição e saúde animal, é o comandante das operações da sede em São Paulo e das unidades industriais em Mairinque/SP, Santo Amaro/SP, São Vicente/SP, Lavras/MG e Pecém/CE. Esta última fábrica, no Nordeste brasileiro, foi inaugurada no ano passado e demandou investimentos de R\$ 90 milhões.

A Tortuga Cia. Zootécnica Agrária também atua direta e indiretamente em vários países da América Latina e da Europa, e tem certificações internacionais, como a de Boas Práticas de Fabricação Nível 3, reconhecida pelo GlobalGap. Fundada em 1954, a empresa tem 1.200 funcionários e somou um faturamento de R\$ 723,7 milhões em 2008.



Humberto Franco



ODACIR KLEIN, PRESIDENTE-EXECUTIVO DA UNIÃO BRASILEIRA DO BIODIESEL

Odacir Klein é um entusiasta do agronegócio e conhece de perto os desafios dos produtores do país. Embora acumule experiências em diferentes áreas, suas atuações com o meio rural ficaram marcadas de forma especial. Político filiado ao PMDB, contabilista e advogado, Klein é natural de Erebangó/RS e tem mais de 40 anos de vida pública. Iniciou suas atividades profissionais como auxiliar de despachante e de contabilidade, passando, mais tarde, a trabalhar no escritório da então Cooperativa de Produção de Banha Sant'Ana, no atual município de Estação/RS.

Foi Membro do Conselho da República, ministro dos Transportes, diretor de Recursos Humanos do Banco do Brasil, presidente do Banco do Estado do Rio Grande do Sul, vereador e prefeito de Getúlio Vargas/RS e deputado federal por quatro legislaturas. No Rio Grande do Sul, foi secretário da Agricultura por duas vezes, entre 1987 e 1988, e entre 2003 e 2006.

Klein também foi presidente da Fecotrig e consultor da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB). Atualmente, é presidente-executivo da União Brasileira do Biodiesel (Ubrabio) e representante corporativo da Associação Brasileira dos Produtores de Milho (Abramilho), entidade onde já ocupou o cargo de presidente-executivo. Exerce o Direito como sócio da Klein Assessoria e Consultoria Ltda. e da Klein, Lázaro e Gonçalves Advogados, ambas com sede em Brasília. Odacir já participou de várias publicações e, no ano passado, lançou o livro "Conversando com os Netos".

ONYX LORENZONI, DEPUTADO FEDERAL E INTEGRANTE DA BANCADA RURALISTA

O veterinário e empresário Onyx Dornelles Lorenzoni, 55 anos, é um dos mais ativos representantes dos produtores rurais em Brasília. Está no seu segundo mandato como deputado federal e, até o início de 2009, presidiu a Comissão de Agricultura, Pecuária, Abastecimento e Desenvolvimento Rural da Câmara dos Deputados. Hoje, é vice-presidente da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) do MST.

O parlamentar gaúcho, que vem de uma família de produtores, acha que é preciso mostrar a verdadeira realidade do campo para convencer os homens da cidade sobre as necessidades do setor. Sua primeira filiação política foi no PL, partido onde permaneceu por dez anos. Por discordar dos rumos do partido, na época, e para conservar sua ideologia doutrinária, mudou-se para o então PFL, atual DEM. Foi o primeiro líder do partido na Câmara dos Deputados, em 20 anos, que não pertencia ao eixo Sudeste-Nordeste.

Atualmente, é vice-presidente nacional do Democratas e presidente regional do partido no Rio Grande do Sul. Foi sub-relator da CPMI dos Correios, onde apresentou a proposta de criação de um Sistema Nacional de Combate à Corrupção. Em 2007, foi apontado pelo Departamento Intersindical de Apoio Parlamentar (Diap) como um dos dez parlamentares mais destacados por sua articulação política. Tem dois livros publicados: *Os 500 dias do PT no Governo* são outros 500 e *A Máfia da Estrela*.



Os 65 FORA DE SÉRIE

PEDRO ARRAES, DIRETOR-PRESIDENTE DA EMBRAPA

Em julho de 2009, Pedro Antonio Arraes Pereira, 56 anos, recebeu a missão de comandar uma instituição que tem papel fundamental para a evolução da agricultura brasileira. Mas a sua história com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) começou em 1977, quando ele iniciou sua carreira de pesquisador como bolsista.

Já graduado, ingressou na empresa em 1980 e começou a trilhar o caminho de liderança em pesquisa quando, após seu doutorado, ajudou a Embrapa Arroz e Feijão a implantar a filosofia de melhoramento genético integrado do feijão. Formado em Engenharia Agrônômica pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Arraes tem mestrado e doutorado em Melhoramento e Genética de Plantas pela Universidade de Wisconsin, Madison/EUA. Seu pós-doutorado em Genética Molecular e Marcadores Moleculares no Feijoeiro Comum foi concluído em 1996 na Universidade da Califórnia, Davis.

No retorno do seu pós-doutorado, estruturou o laboratório de marcadores moleculares, essencial para os trabalhos de biotecnologia. Coordenou vários projetos de pesquisa, orientou teses, participou de mais de 80 reuniões científicas nacionais e internacionais, foi bolsista do CNPq de 1989 a 1995 e publicou 50 trabalhos científicos. Como gestor, foi coordenador do Labex dos Estados Unidos, o primeiro dos laboratórios virtuais da Embrapa no exterior, de 2004 a 2007. Na Embrapa Arroz e Feijão, foi chefe geral de 1997 a 2004 e chefe de pesquisa de 1989 a 1995. Era, novamente, o chefe-geral dessa unidade quando assumiu o cargo de diretor-presidente da empresa.



Eraldo Peres/PhotoAgência

RAUL RANDON, PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DAS EMPRESAS RANDON

Raul Anselmo Randon acredita que um “negócio puxa o outro”. Aos 80 anos, esse incansável empreendedor, nascido em Tangará/SC, transforma até seus hobbies em negócios lucrativos. Aos dez anos, ele mudou-se com a família para o Rio Grande do Sul, terra onde os avós, imigrantes italianos, haviam se estabelecido, no interior de Caxias do Sul. Aos 14 anos, ele ajudava o pai, ferreiro, em uma oficina de ferramentas agrícolas. Em 1949, fundou uma ferraria junto com o irmão Hercílio. Começava ali a história das Empresas Randon, um conglomerado que fatura mais de R\$ 4 bilhões por ano e é integrado por nove empresas fornecedoras de soluções em transporte. Pioneiro no segmento de implementos (reboques e semirreboques) no Brasil, o grupo é um dos mais importantes exportadores nacionais.

Longe do ambiente da indústria, os atrativos do trabalho no campo



despertaram a atenção desse empreendedor que, em 1979, fundou a Rasip, hoje uma das maiores produtoras de maçãs do país. Suas atividades rurais ainda envolvem a criação de gado leiteiro e de suínos, a produção de queijo, a lavoura de soja e a plantação de uva, utilizada na fabricação do vinho RAR (as iniciais de Raul Anselmo Randon). Na sede da gigante Randon, em Caxias do Sul, ou entre os pomares de Vacaria/RS, onde está a Rasip, o empresário mostra a mesma dedicação no comando de todos os negócios. Entre os seus sonhos está o de disseminar a educação como o caminho da transformação. Para isso, mantém, com a contribuição espontânea dos 9 mil funcionários, o Programa Florescer, um projeto de responsabilidade social que tem por missão preparar crianças e adolescentes para o exercício da cidadania.

Magrão Scatena



Marcello Casal Jr./ABR

REINHOLD STEPHANES, MINISTRO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO

Uma volta às origens. Assim o economista e deputado federal Reinhold Stephanes (PMDB/PR) definiu sua posse no cargo de ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, em março de 2007. Filho de agricultores nascido numa pequena comunidade rural de Porto União/SC, na divisa com União da Vitória/PR, Stephanes iniciou a carreira profissional justamente na área agrícola, tendo ocupado diversos cargos diretivos no próprio ministério. Na década de 1970, foi diretor do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) e redigiu o decreto que criou o instituto.

Ainda no setor, foi secretário da Agricultura do Paraná e presidente da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (Sober). É especializado em Administração Pública na Alemanha e em Desenvolvimento Econômico, pela Cepal/ONU. A experiência na administração pública federal o credenciou a assumir cargos em outras áreas do Governo, como a Previdência. Presidiu o antigo Instituto Nacional de Previdência Social (INPS) e o extinto Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (Inamps). Foi também ministro do Trabalho e Previdência Social e da Previdência e Assistência Social.

Stephanes se elegeu por seis vezes deputado federal pelo Paraná, entre o final da década de 1970 e o ano de 2007. Na Câmara dos Deputados, presidiu várias comissões e foi integrante titular da Comissão de Agricultura e Política Rural. Hoje, é o comandante do ministério responsável pelas políticas públicas direcionadas a um setor que responde por 36% das exportações do país e cerca de 37% dos empregos no campo e nas cidades.

RENATO ROCHA, PRESIDENTE DA FEDERARROZ

Filho e neto de arrozeiros, Renato Caiaffo da Rocha tornou-se um deles após graduar-se em economia em 1988. Desde então, passou a dividir suas atenções para o trabalho na lavoura com a atuação em entidades e em eventos do setor. Tanto que, em julho de 2007, foi eleito presidente da Federação dos Arrozeiros do Rio Grande do Sul (Fedarroz), entidade que representa 40 entidades associativas regionais ou municipais que congregam cerca de 18 mil produtores de arroz de 133 municípios gaúchos. Trata-se da mais representativa entidade do setor arrozeiro brasileiro e atua permanentemente na defesa dos interesses do setor no âmbito do estado e, geralmente, da classe arrozeira nacional.

Para chegar à presidência, Rocha trilhou todos os caminhos da lavoura no Rio Grande do Sul. Foi



Divulgação

conselheiro do Instituto Riograndense do Arroz por Dom Pedrito, sua cidade natal, de 1994 a 1997 – atualmente ocupa a segunda suplência. Também presidiu a Associação dos Agricultores de Dom Pedrito (AADP) entre 1995 e 1997 e idealizou e coordenou cinco edições do Seminário Lavoura em Evolução. Rocha é também pós-graduado em gestão em Agronegócios em 2006 e representante de um grupo de arrozeiros que se destaca por realizar grandes mobilizações.

A Federarroz liderou o movimento denominado “Caminhonaço”, uma marcha de caminhões de todas as regiões do Brasil até Brasília, em 1995, para protestar por uma falta de ações do Governo em prol da agricultura.



RICARDO MEROLA, PRESIDENTE DA ASSOCON

Ricardo de Castro Merola é o presidente da Associação Nacional dos Confinadores (Assocon), entidade que representa perto de 30% do rebanho bovino confinado do país. São 47 associados nos estados de São Paulo, Paraná, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás e Maranhão. A associação tem como objetivo principal agregar valor ao negócio dos confinadores, buscando melhoria dos custos e remuneração justa dos serviços. Entre os serviços prestados pela Assocon estão as compras em bloco, os acordos comerciais com frigoríficos e varejistas, o acompanhamento de abates e o desenvolvimento de novos projetos. Um dos objetivos da associação para os próximos meses é a criação de uma escola de capacitação para a produção de gado confinado. A ideia é que os funcionários de propriedades e interessados possam aprimorar seus conhecimentos na atividade.

Ricardo Merola é formado no curso de Engenharia Mecânica pela Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro. Trabalhou por muito tempo como gerente da Fazenda Santa Fé, de propriedade de sua família, em Santa Helena de Goiás/GO, onde até hoje se dedica à criação de gado. O dirigente foi sócio-fundador da Sementes Fartura, onde atuou como diretor por 21 anos. Participou da fundação da Associação de Plantio Direto no Cerrado (APDC) e atuou no desenvolvimento e utilização pioneira do sistema Santa Fé de integração lavoura-pecuária, projeto da Embrapa que usa o consórcio de espécies forrageiras com culturas agrícolas. Merola também participou como sócio-fundador da empresa de genética vegetal Mitla.

ROBERTO GIANNETTI DA FONSECA, PRESIDENTE DA ABIEC

Ele acumula uma grande experiência em comércio exterior e, desde 2008, recebeu a missão de presidir a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec). Roberto Giannetti da Fonseca nasceu em Belo Horizonte/MG, em 1º de janeiro de 1950. Formado em Economia pela Universidade de São Paulo, foi diretor e presidente da Cotia Trading e exerceu o cargo de secretário-executivo da Câmara de Comércio Exterior (Camex), órgão vinculado à Presidência da República, entre fevereiro de 2000 até junho de 2002.

Atualmente, é presidente das empresas Sílex Trading, Brex Group, Ethanol Trading e Kaduna Consultoria e Participações Ltda. Foi eleito diretor titular do Departamento de Relações Internacionais e Comércio Exterior (Derex) da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) para o quadriênio 2007-2011.



O executivo também é autor do livro "Memórias de um Trader", livro lançado em 2002 em que ele conta episódios marcantes da economia do Brasil e a evolução das relações do país com os mercados externos.

Na Abiec, Giannetti comanda os trabalhos de um setor que trabalha com o maior rebanho comercial do mundo. A associação foi criada em 1979, quando a participação do Brasil no mercado mundial da carne ainda era incipiente. Hoje, a realidade é outra. O Brasil ocupa, desde 2004, o primeiro lugar no ranking de maior exportador do mundo de carne bovina em volume e, em 2006, pela primeira vez, ocupou o primeiro lugar também em receita cambial. Em 2008 o Brasil atingiu a cifra de US\$ 5,3 bilhões, aumentando em 10 vezes o valor de suas exportações em um período inferior a dez anos.



ROBERTO DE RISSI, DIRETOR-EXECUTIVO DA PIONEER BRASIL

Ele sabe bem o quanto é importante uma semente de qualidade para uma safra produtiva e rentável. Roberto de Rissi é o diretor-executivo da Pioneer no Brasil e é um incansável estudioso do assunto. Engenheiro agrônomo e mestre em Genética e Melhoramento de plantas pela Esalq/USP, ele também é Ph.D em Genética e Melhoramento de plantas pela Iowa State University, nos Estados Unidos. Costuma dizer que a qualidade da semente inicia na pesquisa e termina quando o produtor comercializa seus grãos. Para o executivo, a parceria com o agricultor é fundamental para a indústria elaborar novos e produtivos materiais.

Rissi iniciou sua carreira profissional como melhorista de milho da Sementes Germinal, hoje Syngenta Seeds, onde também ocupou os cargos de gerente e diretor de Pesquisa e de Produção de Sementes. Trabalhou na Sementes Cargill, onde foi gerente de Desenvolvimento de Produtos, Semente Básica e Pesquisa de Produção. Com a aquisição das Sementes Cargill pela Monsanto do Brasil, ocupou o cargo de diretor de Pesquisa de Milho para o Brasil. Em 2000, ingressou na Pioneer como gerente de Pesquisa para o Brasil Central e depois assumiu a posição de coordenador-geral de Pesquisa para o Brasil. Desde 2005, é o diretor-executivo da empresa, que tem sede em Santa Cruz do Sul/RS, cinco unidades de beneficiamento e seis estações de pesquisa em diferentes estados do país. A Pioneer foi fundada em 1926, nos Estados Unidos, e está presente no Brasil desde a safra 1970/1971. Atualmente, a empresa pertence ao Grupo DuPont e lidera o mercado de híbridos de alta tecnologia.

ROBERTO RODRIGUES, EX-MINISTRO, COORDENADOR NA FGV E PRESIDENTE DO CONSELHO SUPERIOR DE AGRONEGÓCIO DA FIESP

A trajetória profissional do agrônomo Roberto Rodrigues é tão extensa que ele divide a sua carreira em três vertentes: área acadêmica, área da agricultura e área do cooperativismo. O “Dr. Roberto”, como é chamado respeitosamente, fez muito pelo agronegócio e é um dos mais requisitados do setor para palestras em eventos no país e no exterior. É um apaixonado pela agricultura e consegue transmitir isso a quem lhe assiste. Rodrigues nasceu em Cordeirópolis/SP, tem 67 anos e é produtor de cana-de-açúcar e grãos em Guariba/SP e Balsas/MA. Fez faculdade na Esalq/USP e tem cursos de aperfeiçoamento em administração rural. É coordenador do Centro de Agronegócio da Fundação Getúlio Vargas, presidente do Conselho Superior do Agronegócio da Fiesp e professor do Departamento de Economia Rural da Unesp/Jaboticabal.

Tem centenas de trabalhos publicados sobre agricultura, cooperativismo e economia rural. É autor de cinco livros e co-autor de diversos outros. Conhece 80 países em todos os continentes e recebeu inúmeras condecorações e honrarias por seu trabalho. Como agricultor, recebeu prêmios nas áreas ambiental, social, de conservação do solo e de produtividade e também a Ordem do Mérito Agrícola, no grau de Cavaleiro, concedido pelo governo da França. Foi ministro da Agricultura entre janeiro de 2003 e junho de 2006, período em que teve que administrar uma forte crise no agronegócio nacional. Quando pediu demissão do cargo, produtores de todo o país lamentaram a sua saída. Por dois mandatos, foi presidente da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB). Presidiu também a Aliança Cooperativa Internacional (ACI), instituição centenária que congrega 800 milhões de pessoas. Foi presidente da Associação Brasileira de Agribusiness (Abag) e da Sociedade Rural Brasileira. Também secretário de Agricultura do Estado de São Paulo e membro de vários conselhos representando o agronegócio, Roberto Rodrigues também é colunista da revista **A Granja**.



ROBERTO ROSSATO, DIRETOR-PRESIDENTE DA SEMEATO



Divulgação

Paulo Rossato fundou a Mecânica Agrícola Rossato em 1965, numa época em que a maior parte do maquinário usado nas lavouras brasileiras era importada. Faltavam peças de reposição e, para suprir essa necessidade, a empresa lançou os primeiros implementos agrícolas fabricados no Brasil, na década de 1970. A economia agrária cresceu e a Mecânica Rossato passou a se chamar Semeato, indústria que hoje é referência na introdução e divulgação do plantio direto no Brasil e líder no segmento de plantadeiras e semeadoras. Com formação em Contabilidade, Roberto Otaviano Rossato começou a trabalhar na empresa desde a fundação, liderada por seu pai. Em 1987 assumiu a presidência da companhia e hoje tem a parceria de seus três filhos na diretoria.

O executivo nasceu em 1943, em Passo Fundo/RS, onde também está a sede da Semeato S/A Indústria e Comércio. A companhia tem cerca de 1.700 colaboradores diretos e filiais em Carazinho/RS, Butiá/RS e Vespasiano/MG. O foco de produção da empresa se concentra em dois segmentos. O primeiro é o agrícola, que produz semeadoras múltiplas, semeadoras para grãos finos, para grãos graúdos, para cana-de-açúcar, fenação e pastagem. O outro é o metal mecânico, com peças destinadas especialmente ao mercado automobilístico, de mineração e hidrelétricas. Com o respaldo e confiança de seus clientes, a empresa também vem se dedicando aos projetos de uma colheitadeira para pequenas e médias propriedades e de um trator de grande porte.

SHUNJI NISHIMURA, FUNDADOR DA JACTO

Shunji Nishimura tem uma história repleta de momentos emocionantes. Imigrante pobre, que veio do Japão em 1932 apenas com sonhos e esperança, ele trabalhou como boia-fria na colheita de café, foi garçom e mecânico. Em 1938, embarcou num trem e foi até o final da linha, em Pompeia/SP, cidade que adotou para morar. Buscou a mulher e a filha, alugou uma casa e fixou na fachada uma tabuleta onde estava escrito: "Conserta-se tudo". Montou uma oficina e passou a fabricar seus próprios produtos, como canecas feitas com latas de óleo. Mecânico inventivo e batalhador, Nishimura criou em 1948 a primeira polvilhadeira nacional. Era o nascimento da Jacto, que em 1956 tinha 12 funcionários e deixou definitivamente de ser uma oficina para se tornar uma empresa. O nome foi inspirado na fumaça deixada no ar pela mais moderna criação de engenharia aeronáutica da época, os aviões a jato.

O primeiro pulverizador montado em trator surgiu em 1958, pouco antes do lançamento do primeiro pulverizador costal. Em 1979, a indústria ficou conhecida no mundo por fabricar a primeira colhedeira de café do mundo. O pioneirismo acompanha até hoje a história da empresa, que em 2008, nas comemorações dos 60 anos, lançou a primeira colhedora de laranja do Brasil. O fundador de uma das maiores fábricas de pulverizadores agrícolas do mundo fez ainda mais pelo futuro do agronegócio e começou a investir na formação de jovens. Em 1979, criou a Fundação Shunji Nishimura de Tecnologia, mantenedora dos colégios Shunji Nishimura (ensino fundamental) e Técnico Agrícola de Pompeia (ensino médio). Em 2005, criou também a Escola Profissionalizante Chieko Nishimura e ainda um museu, onde registra toda a sua trajetória. Hoje, aos 99 anos, Shunji Nishimura continua dizendo a quem lhe ouve: "É preciso, sempre, semear mais vida".



Departamento de Marketing Jacto

OS 65 FORA DE SÉRIE



VALENTINO RIZZIOLI, PRESIDENTE DA CNH PARA AMÉRICA LATINA

A gigante CNH (Case New Holland) faz parte do Grupo Fiat e está presente em 160 países com 39 fábricas e 26 centros de pesquisa e desenvolvimento. São 31 mil funcionários e uma rede de mais de 12 mil concessionários. A companhia faturou US\$ 17,3 bilhões no mundo em 2008. No Brasil, as plantas industriais abastecem o mercado interno, exportam produtos para 80 países e geram mais de 3,5 mil empregos diretos. As unidades de produção e pesquisa estão em Contagem/MG, Curitiba/PR, Piracicaba/SP e Sorocaba/SP.

Valentino Rizzoli, um italiano nascido em 1942 na região do Vêneto, é o principal comandante da CNH na América Latina. Ele fez o curso de Oficial da Aeronáutica e Engenharia na Academia Aeronáutica Militar de Pozzuoli, Nápoli. Na Fiat Spa, sua carreira iniciou em 1961, como técnico do laboratório

central da Fiat Auto. E assumiu em 1991 a vice-presidência da N.H. Geotech, holding do Grupo Fiat para os setores de máquinas rodoviárias e agrícolas, que dois anos mais tarde passou a se chamar New Holland N.V. No Brasil, a New Holland N.V. englobava, além da New Holland Latino-Americana, a Fiat Allis, líder em máquinas de construção.

Com a criação da CNH, a partir da fusão entre duas das maiores fabricantes de máquinas agrícolas e de construção do mundo, New Holland e Case, em 1999, Rizzoli tornou-se presidente da CNH para América Latina. Atualmente, também é vice-presidente do Grupo Fiat para a América Latina e o primeiro vice-presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea). O executivo veio para o Brasil em 1969 e já recebeu os títulos de cidadão honorário de Minas Gerais e de cidadão honorário de Belo Horizonte.

WALTER HORITA, SÓCIO-PROPRIETÁRIO DO GRUPO HORITA

Walter Yukio Horita nasceu em Maringá/PR, em 1963. Formou-se em Engenharia de Produção Mecânica pela Universidade de São Paulo, em 1988. Anos antes, em 1984, interrompeu momentaneamente os estudos ao mudar-se para a região oeste da Bahia, onde foi um dos pioneiros na colonização do cerrado baiano, então nova fronteira do agronegócio nacional. Junto com os irmãos Wilson e Ricardo, Walter é proprietário do Grupo Horita, que atua na produção de algodão, soja e milho, nas fazendas Acalanto, Querubim, Ventura e Sagarana, que somam mais de 40 mil hectares no cerrado baiano.

A história da família com o campo começou com a vinda do Japão, em 1937. Inicialmente, os imigrantes instalaram-se numa fazenda de algodão, passando depois para o café no interior do estado de São Paulo. Em meados da década de 1940, a família trocou as fazendas de café pelo cultivo de hortaliças numa pequena área rural, porém própria, nos

arredores da cidade de Olímpia/SP. Com a renda desse novo empreendimento, em 1950, foram adquiridos 72 hectares de terras virgens no norte do Paraná. Foram comprados os primeiros tratores e implantadas lavouras de soja e, posteriormente, de trigo e milho.

O Grupo Horita chegou a cultivar mais de 500 hectares no Paraná, antes de decidir investir na Bahia, na década de 1980. No início de 2009, Walter Ho-

rita assumiu a presidência da Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia (Aiba). Foi por dois mandatos presidente da Associação Baiana dos Produtores de Algodão (Abapa) e, por três mandatos não consecutivos, presidente da Fundação Bahia. Também é membro do Conselho Diretor da Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (Abra-pa) e presidente da Cooperativa dos Produtores Agrícolas de Roda Velha (Copagro).



OS 65 FORA DE SÉRIE

WILSON ZANATTA, DIRETOR-PRESIDENTE DA LATICÍNIOS BOM GOSTO

Wilson Zanatta, 49 anos, é um empreendedor audacioso. Bisneto de imigrantes italianos e filho de produtor de leite, ele nasceu em Tapejara/RS, onde estudou até 1974. Em 1982, transferiu-se para Bagé/RS e, em 1986, formou-se em Veterinária pela Universidade da Região da Campanha (Urcamp). Em seguida, retornou a Tapejara, onde começou seus negócios com laticínios ao lado da esposa Miria e quatro funcioná-

rios. Por alguns anos, todas as quartas-feiras, Zanatta acordava de madrugada, subia na boleia de um pequeno caminhão e dirigia 350 quilômetros para vender queijos na Capital Porto Alegre. Hoje, com uma frota de 150 caminhões, captando 4 milhões de litros de leite/dia, ele orgulha-se de presidir a Laticínios Bom Gosto, quarta empresa em captação de leite do país.

A empresa comercializa 12 diferen-

tes linhas de produtos que incluem leite UHT, leite em pó, leite condensado, creme de leite, manteiga, queijo, requeijão, iogurte, bebida láctea, bebida à base de soja e sucos de fruta. Em 2009, a Bom Gosto completou 16 anos de atuação no mercado com 24 unidades industriais. São 3,5 mil funcionários e 32 mil produtores integrados. A indústria obteve um expressivo crescimento em 2009, que iniciou com a aquisição de uma nova

unidade industrial em Garanhuns/PE. Também houve a compra de uma unidade industrial em Barra Mansa/RJ e da Laticínios Cedrense, de São José do Cedro/SC. Neste ano, uma nova unidade de leite em pó em Tapejara vai processar 600 mil litros/dia. A Bom Gosto também programa investimentos para a construção de uma fábrica no Uruguai, com capacidade inicial de processamento de 400 mil litros/dia e que será a primeira indústria brasileira de laticínios a se instalar fora do país.



Valdir Frolin



FABRICANTE DO:



www.marini.agr.br

(54) 3316 4100



A **MARINI** parabeniza **A Granja** pelo seus **65 anos** e deseja a todos clientes e parceiros, um **feliz 2010** com muita paz e alegria na lavoura da amizade.

AROS, DISCOS, RODADO DUPLO, ALONGADORES DE EIXOS E PNEUS AGRÍCOLAS

Rua Deometildes Silveira, 292 - Dist. Industrial Invernadinha - Passo Fundo - RS

O TRIO DA REVOLUÇÃO VERDE BRASILEIRA

Os produtores paranaenses Herbert Bartz, Nonô Pereira e Frank Dijkstra foram pioneiros e difusores do Sistema de Plantio Direto na Palha no Brasil

Há explicações para o Brasil ter se tornado esta invejável potência agrícola. A começar pela benevolência divina, que premiou boa parte destes 8,5 milhões de quilômetros quadrados com o melhor clima do planeta para se gerar alimentos. Para compor, a agricultura brasileira sempre foi pródiga em empreendedores e empreendedoras. Alguns se embrenharam país adentro e construíram uma das agriculturas mais eficientes do mundo, amparados, sobretudo, nas décadas mais recentes, em instituições públicas de pesquisa exemplares como a Embrapa. Outros foram e são fundamentais na administração, nas decisões que forjam o dia a dia do nosso agronegócio. Sim, a agricultura se faz na lavoura, sob o sol forte, mas também em escritórios, em salas acarpetadas e refrigeradas, onde relevantes decisões são tomadas.

Esta edição especial da revista **A Granja** com 65 nomes fundamentais do nosso agronegócio reservou um espaço cativo a um trio de produtores paranaenses. Três homens que transformaram a produção agrícola do Brasil lá no

Herbert Bartz conheceu o plantio direto na propriedade pioneira do sistema nos Estados Unidos, país de onde importou uma plantadeira

âmago da lavoura, sob a cobertura vegetal espessa que impede o prejuízo causado pelas gotas da chuva, longe do alcance da erosão e de enxurradas, em meio ao solo e sub-

solo preservado e poroso e imunes aos danos de arados, grades e subsoladores. Herbert Bartz, Manoel “Nonô” Henrique Pereira e Frank Dijkstra foram, há mais de três décadas, os idealizadores e introdutores do plantio direto no Brasil, um sistema de cultivo que evitou que a agricultura brasileira conhecesse o caos da degradação. Foram eles que teimaram em enfrentar a opinião generalizada contrária que decretava ser maluquice plantar sem arações, gradagens e subsolagens.

Bartz foi tratado como o “alemão louco de Rolândia” quando simpatizou com a ideia de plantar sem virar o terreno. Em 1972 ele viajou aos Estados Unidos e visitou a propriedade de Harry Young, pioneiro americano do plantio direto. O “alemão teimoso”, então, convenceu-se de que o siste-



Divulgação

Frank Dijkstra e “Nonô” Pereira: difusores do sistema de plantio direto nos Campos Gerais do Paraná desde meados da década de 1970



Leonardo M. Mittmann

ma tinha futuro e não só o implantou em sua propriedade como se tornou um propagador da proposta. Nos Campos Gerais do Paraná, em 1976, Nonô Pereira adquiriu a pesada plantadeira Rotacaster, inconfundível na cor laranja, que fazia o plantio direto, mas de forma bastante deficiente. Mais tarde, ele e seus funcionários adaptaram, na oficina da fazenda, outra plantadeira para realizar a função de plantar sem revolver o solo. Na mesma época e na mesma região, Dijkstra enfrentava a desconfiança alheia para aplicar o sistema. Muita história ocorreu de lá para cá.

Mas, em síntese, os três foram precursores e difusores do plantio direto no país. Até hoje viajam pelo mundo difundindo o sistema que revolucionou a prática da agricultura no Brasil. Três décadas atrás o plantio direto não foi uma opção ao plantio convencional, mas sim o método que salvou a agricultura brasileira da degradação que já a ameaçava. Sim, Bartz, Dijkstra e Nonô também foram protagonistas de uma revolução verde. 

Fitossanidade

em destaque



CONTROLE DE PRAGAS APENAS COM O **MIP**

Resultados de pesquisas da Embrapa Soja mostram que utilizar o Manejo Integrado de Pragas melhora o controle de pragas e propicia lucro ao produtor

Adeney de Freitas Bueno, da Embrapa Soja, Beatriz S. Corrêa-Ferreira – CNPq/Embrapa Soja, e Regiane Cristina Oliveira de Freitas Bueno – Capes/Fesurv/Embrapa Soja

Lagartas do gênero *Spodoptera* e outras pragas que têm ocorrido nos últimos anos preocupam os produtores de soja





Mosca-branca era considerada sem importância, mas o uso equivocado de inseticidas tem propiciado surtos da praga

No início da década de 1970, antes da criação da Embrapa Soja e da implantação dos programas de Manejo Integrado de Pragas MIP-soja, havia uma média de aproximadamente seis aplicações de inseticidas por ciclo da cultura com produtos de largo

espectro de ação, como o DDT, os monocrotofós, entre outros. Com a criação da Embrapa Soja, em 1975, iniciaram-se, junto com diferentes instituições parceiras, os trabalhos de MIP-soja e esse quadro foi revertido para uma média de duas aplicações por ciclo. Infe-

lizmente, nos últimos anos tem havido um grande retrocesso no MIP-soja e as aplicações voltaram a atingir uma média de quatro a seis aplicações por ciclo ou até mais em algumas localidades. Isso é desastroso e representa mais inseticida à nossa mesa, maior desequilíbrio ambiental e maior custo ao produtor.

Entre os principais equívocos cometidos pelos sojicultores, que têm levado a esse cenário inaceitável, está o uso abusivo e errôneo dos defensivos agrícolas. Principalmente dos inseticidas, o que tem propiciado surtos de pragas anteriormente consideradas sem importância econômica, como, por exemplo, a lagarta falsa-medideira (*Pseudoplusia includes*), a mosca-branca (*Bemisia tabaci*), ácaros, lesmas, caracóis, piolho-de-cobra e o complexo de lagartas do gênero *Spodoptera*, entre outras pragas que têm ocorrido nos últimos anos preocupando os produtores que cultivam a soja.

Um marco importante na sojicultura brasileira foi o aparecimento da ferrugem asiática e a liberação da soja trans-

SISTEMA FARSUL



A ABRH-RS reconheceu porque o programa Alfa, Alfabetizando para Profissionalizar, é a maior conquista do SENAR-RS e do Sistema Farsul: Porque vamos além da alfabetização para aqueles que não tiveram chance de estudar, promovendo a descoberta de cidadãos capazes de mudar sua própria realidade.

ESTA É A NOSSA MAIOR CONQUISTA!



Antonio Correia Barcelos, 56 anos - Aluno Alfa



Lagartas como a falsa-medideira só devem ser combatidas quando o dano causado for maior que o custo com o inseticida

gênica RR®. Aplicações de fungicidas e herbicidas passaram a ser mais frequentes durante o ciclo da soja em épocas mais ou menos preestabelecidas. Muitos agricultores, numa tentativa errônea de tentar otimizar a aplicação de herbicidas em pós-emergência no início do desenvolvimento e posteriormente de fungicidas no período reprodutivo, acabam por adicionar inseticidas em mistura de tanque, sem qualquer consideração com a real infestação de insetos-pragas na lavoura. Dessa forma, não em decorrência direta do uso de herbicida e/ou fungicida, mas sim em decorrência do uso errôneo de inseticidas em mistura com estes produtos, os problemas com pragas têm aumentado nas lavouras de soja nos últimos anos.

Para piorar ainda mais esse cenário, muitas vezes os produtores ou até mesmo a assistência técnica menos prepa-

rada, ao perceberem a baixa infestação de pragas, decidem usar doses de inseticidas abaixo do registrado para uso na cultura – o que é popularmente conhecido como uso do “cheirinho” ou “aproveitamento de operação”, que, segundo a percepção do produtor, é utilizado na tentativa de prevenir o surgimento da praga. Entretanto, é importante salientar que nunca se deve recomendar a aplicação preventiva de produtos químicos para o controle de pragas da soja e nunca se deve utilizar algum tipo de controle quando o custo deste controle for maior que o prejuízo causado pelo inseto. Esse nível de infestação é o que chamamos de nível de ação (NA).

O NA para lagartas ou desfolhadores em geral é de 20 lagartas/metro de linha de soja ou quando a desfolha for igual ou superior a 30% no período vegetativo ou 15% no período reprodutivo da soja. No caso do complexo de percevejos, em qualquer cultivar de soja, somente se deve iniciar o controle quando houver dois percevejos (ninfas ou adultos) maiores que 0,4 centímetro por

metro de fileira de soja, quando o destino for a soja para grão. Esse nível de ação deve ser reduzido pela metade quando a finalidade da soja for semente. A lavoura precisa ser monitorada e a maneira recomendada de se avaliar essas populações na soja é por meio do uso do pano-de-batida.

Resultados obtidos por pesquisas da Embrapa Soja mostram que utilizar o MIP-soja, além de um melhor manejo de pragas, também dá lucro. Quando diferentes manejos foram comparados:

1) Uso exclusivo do controle biológico (CB);

2) Manejo Integrado de Pragas (utilizando-se produtos mais seletivos somente com a infestação atinge o nível de ação);

3) Tratamento pelo produtor (com uso abusivo de piretroides);

4) Testemunha (sem controle) mostrou que o número de aplicações utilizadas em cada tratamento foi variável, e apesar de uma desfolha maior nas áreas com menos aplicação de inseticidas (MIP e CB), a produção foi exatamente a mesma do tratamento com excesso de aplicação de inseticidas. Apenas a produção do tratamento-testemunha, onde não houve nenhum controle de insetos, foi inferior aos demais tratamentos.

Portanto, a retomada da adoção do MIP-soja com a revitalização do uso do pano-de-batida para monitoramento e tomada de decisões de controle apenas quando a população atingir os níveis de ação preconizados pela pesquisa é a única maneira para o sojicultor manter-se competitivo no mercado com redução dos custos e maximização da produtividade. ☒

GPS



Agricultura de Precisão
Pulverização / Mapeamento
Levantamento de Áreas
Distribuição de Fertilizantes e Calcário

ALL COMP
 Equipamentos de Precisão

Av. Pernambuco, 1207
 Fone: (51) **2102.7100** - Porto Alegre/RS
allcomp@allcompgps.com.br

MURCHA DE **CURTOBACTERIUM** SE ESPALHA PELO BRASIL

A correta identificação dos sintomas e do agente causal é uma das principais dificuldades para o controle da doença detectada no Brasil em 1995

Adriane Wendland, pesquisadora da Embrapa Arroz e Feijão

O cultivo do feijoeiro comum está sujeito à incidência de vários fitopatógenos causados por fungos, vírus, nematoides e bactérias que acarretam perdas significativas na produção da cultura. Entretanto, o progresso nos índices de produtividade pode ser alcançado com o controle de doenças por meio do uso de sementes sadi-



as, do manejo integrado, uso de cultivares resistentes e adoção de práticas culturais que incluem rotação de culturas e eliminação dos restos culturais. A murcha de *Curtobacterium* causada pela bactéria *Curtobacterium flaccumfaciens* pv. *flaccumfaciens* (Cff) foi primeiramente relatada nos Estados Unidos, em Dakota do Sul.

Já em território nacional, a sua ocorrência foi identificada no estado de São Paulo, em 1995. Atualmente, já se encontra disseminada em várias regiões produtoras de feijão. O aparecimento da doença no estado de Goiás foi observado em novembro de 2001, no município de Cristalina, e na região do Distrito Federal, em janeiro de 2002. Nos últimos anos, foi encontrada em praticamente todos os locais onde se cultiva feijão no Brasil.

A bactéria infecta as plantas por meio da semente contaminada ou ferimentos/aberturas naturais e coloniza o xilema da planta, obstruindo a passagem de seiva. Os sintomas iniciais correspondem à presença de folhas murchas (flácidas) que ocorrem durante a hora mais quente do dia. A murcha é o resultado da obstrução dos feixes vasculares, os quais ficam repletos de células da bactéria. As folhas podem voltar à turgescência normal durante os períodos de alta umidade e baixa temperatura. Pode ocorrer também a redução do tamanho das plantas e consequente morte da parte aérea do feijoeiro quando o nível de infecção da bactéria é elevado. Esses sintomas podem ser confundidos com a murcha de fusarium, porém não há escurecimento vascular nítido. Nas plantas doentes, as vagens verdes podem apresentar sintomas de encharcamento e, nas sementes, um dos sintomas típicos é a cor amarelada do tegumento.

A doença é disseminada a longa distância principalmente pelas sementes contaminadas, que constituem o inóculo primário e introduzem a doença em novas áreas de plantio. A disseminação a curta distância pode ocorrer pela chuva de granizo, por restos de cultura infectados, plantas que permanecem no campo de um ciclo para o outro e algumas hospedeiras suscetíveis como a soja, ervilha, caupi e várias outras leguminosas.

Não há relatos de disseminação em

campo por meio de respingos de água da chuva ou irrigação, pois a bactéria permanece apenas internamente nos vasos do xilema das plantas. Os ferimentos provocados nas raízes causados por práticas culturais, nematoides e vento podem favorecer a entrada do patógeno. Os fatores ambientais, como temperaturas altas (32°C), estresse hídrico (alternância drástica de períodos úmidos e secos) e chuvas de granizo aumentam a severidade da doença ainda mais no estágio crítico da lavoura, de V3 a R5, principalmente na safra das águas e da seca. O plantio de feijoeiro em áreas com histórico de *curtobacterium*, em sucessão com trigo ou aveia, tem mostrado um agravamento dos sintomas da doença.

As principais dificuldades no seu controle são a correta identificação dos sintomas e do agente causal, a falta de produtos químicos para uso em pulverizações e o restrito número de cultivares resistentes ao patógeno.

Prevenção — Algumas medidas preventivas devem ser adotadas para o controle da murcha de *curtobacterium*, principalmente por não existir controle químico eficiente. Entre as medidas mais eficientes estão o plantio de sementes sadias e de boa qualidade, procedentes de lavouras onde a doença não tenha ocorrido, a rotação de culturas com espécies não suscetíveis, incorporação de restos culturais infectados ao solo e o uso de cultivares resistentes. Dentre as cultivares obtidas e/ou testadas pela Embrapa estão BRS Esplendor, Ouro Branco e IPA 9. Na literatura, são citados também como resistentes à murcha de *curtobacterium* os genótipos Iapar 31, IAC Pyatã, IAC Aruã e IAC Tybatã.

O uso de genótipos resistentes ou tolerantes é a medida mais eficiente e econômica para controlar a murcha de *curtobacterium* na cultura do feijoeiro. O melhoramento genético do feijoeiro comum visando à resistência à moléstia é realizado na Embrapa Arroz e Feijão em associação com outras características agrônômicas como arquitetura de planta ereta, resistência ao acamamento, alta produtividade de grãos, alta qualidade comercial e nutricional do grão e resistência conjunta com outras doenças que afetam a cultura. ☒

PIVÔS • CARRETÉIS • TUBOS
CONEXÕES EM AÇO GALVANIZADO

Krebsfer
agora é
KREBS

A Krebs é uma empresa 100% nacional que há mais de 40 anos auxilia o agricultor com sua ampla linha de soluções em irrigação.

A adoção do nome Krebs une sua tradição com uma visão criativa voltada para a agricultura moderna.



19 3119-4000

krebs@krebs.com.br

www.krebs.com.br

DOW RECEBE PECUARISTAS NA FENAGRO

Para mostrar a nova campanha da Linha Pastagem, trocar informações, fazer negócios e dar visibilidade a seu parceiro Nelore Brasil, a Dow AgroSciences participou da Fenagro 2009, em Salvador/BA, um dos eventos mais importantes do agronegócio brasileiro. Pecuáristas brasileiros e de países como Nova Zelândia, Bélgica, Suécia, Uruguai e Guatemala puderam conferir a nova campanha da Linha Pastagem, cujo slogan é “Soluções além do produto”. Resultados além da conta”.



Dow AgroSciences

Fotos: Divulgação

ARYSTA REALIZA PESQUISA DE CLIMA ORGANIZACIONAL

A Arysta LifeScience realiza há cerca de cinco anos a Pesquisa de Clima Organizacional junto a seus colaboradores, cujo objetivo é avaliar o grau de satisfação de seus funcionários. “Faz parte dos valores da Arysta manter um ambiente de trabalho extremamente positivo, medida que repercute nos resultados do desempenho da equipe e contribui para a valorização de nossos profissionais”, informa o responsável pela Área de Recursos Humanos da Arysta LifeScience, Luiz Augusto Rossini.



Luiz Augusto Rossini

RESPONSABILIDADE SOCIAL DA MILENIA FORMA PROFISSIONAIS

Os alunos da 7ª turma do projeto Formare, da Milenia Agrociências, receberam o diploma de conclusão de curso das mãos do presidente da empresa Luiz Barone. O projeto Formare prepara jovens para o mercado de trabalho. O programa de ensino profissional e a metodologia são registrados no Ministério da Educação e assessorados pela Universidade Tecnológica do Paraná. O curso é gratuito, e 85% dos jovens participantes desde sua criação em Londrina/PR já estão trabalhando.



Luiz Barone

UNIVERSIDADE DA SUSTENTABILIDADE DO CAFÉ DA BAYER



Jedir Fiorelli

A Bayer CropScience iniciou novo ciclo de palestras da “Universidade para Sustentabilidade do Café”, projeto que visa à capacitação e ao treinamento de agrônomos e técnicos de cooperativas de café. As palestras serão ministradas por uma equipe de pesquisadores do Cepea, da Esalq/USP. “Levamos a universidade até eles, falamos a linguagem do agricultor e fornecemos informações especializadas e diferenciadas que contribuem para a maior capacitação dos profissionais”, explica Jedir Fiorelli, coordenador de Projetos e Consultores da empresa.

SYNGENTA: CAMPANHA DO CRUISER PARA O MILHO

A Syngenta lançou a campanha publicitária do tratamento de sementes Cruiser voltada para a cultura do milho na safra 2009/2010. “Hoje o mercado conta com alternativas em milho resistentes a insetos, o que já faz com o que o número de pulverizações reduza. Com o tratamento de sementes Cruiser, a lavoura fica protegida também contra insetos como percevejos desde o momento do plantio. Isso tudo traz conveniência ao manejo do milho”, explica Marconi Dias, gerente de marketing responsável pela campanha.



Marconi Dias

GIRA BRASIL DA FMC PARA 11 MIL EXPECTADORES

Durante quatro meses, um cinema itinerante montado dentro de um caminhão climatizado percorreu cooperativas e usinas agrícolas de São Paulo, Paraná e Santa Catarina, para levar a beleza do cinema. O projeto Gira Brasil, como foi chamado, foi idealizado para semear cultura e entretenimento a uma parcela da população que usualmente não tem acesso a esse tipo de diversão. Hoje, as empresas que promoveram os eventos, a FMC Agricultural Products e Magma Cultura, comemoram o sucesso da empreitada. Foram 95 dias de exibições, 41 cidades visitadas, 10,8 mil quilômetros rodados, 434 sessões e 11.223 expectadores.



COORDENADOR DE COMUNICAÇÃO DA BASF

Daniel Marinho, 42 anos, atual coordenador de Comunicação Social da Basf, é formado em Relações Públicas e possui mais de 19 anos de experiência no Brasil e Estados Unidos. O profissional já atuou em empresas do primeiro, segundo e terceiro setores. É pós-graduado em Marketing pela University of California, Berkeley, e pela Fundação João Pinheiro. Na Basf, Daniel será o responsável pela gestão das estratégias de comunicação interna e externa da Unidade Proteção de Cultivos.



Daniel Marinho

PARABÉNS A GRANJA

Estamos começando nosso 15º ano.

Chegaremos onde v. chegou.



UNICA: SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL E SOCIAL COMO BANDEIRA

Além da defesa dos interesses das 119 companhias associadas, a União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica) tem entre suas diversas missões a propagação da sustentabilidade ambiental e social. Mais do que divulgar pelo mundo as vantagens ambientais do combustível renovável gerado a partir da cana-de-açúcar, a maior organização representativa do setor de açúcar e etanol do Brasil, fundada em 1997,

também prioriza ações que promovam a produção sustentável implementada em lavouras brasileiras. A Aliança Brasileira pelo

Clima: Agricultura, Florestas Plantadas e Bioenergia é a atitude mais recente, com participação da entidade em prol da produção sustentável.

A Unica e 14 das mais relevantes entidades brasileiras que representam o agronegócio,

florestas plantadas e bioenergia pretendem pressionar por metas brasileiras mais ambiciosas nestas áreas. “Queremos mostrar que o etanol de cana é uma das soluções concretas, disponíveis hoje, para enfrentar os desafios das mudanças climáticas. Não é a única, mas sem dúvida a melhor alternativa para o transporte atualmente disponível, certamente um ingrediente importante entre diversas soluções que serão necessárias para enfrentar a situação”, resume o assessor de meio ambiente da Unica, Luiz Fernando do Amaral. No lançamento da Aliança, em novembro, o presidente da Unica, Marcos Jank, justificou sua criação. “Todas as entidades aqui presentes têm o compromisso de eliminar ou reduzir o



IDADE AMBIENTAL

EIRA

desmatamento no Brasil, particularmente na Amazônia”, afirmou. Ainda lembrou que o objetivo “também é incentivar um debate que defenda uma matriz energética limpa para o país”.

Liderança — A Aliança Brasileira pelo Clima: Agricultura, Florestas Plantadas, Bioenergia destaca que, por manter uma das matrizes energéticas mais limpas do mundo, com mais de 40% de seu conteúdo originado de fontes renováveis, o Brasil deveria assumir um papel de liderança nas discussões globais sobre o clima. Jank lembra que estudos esclarecem o quanto o etanol alivia o impacto ambiental e social. “Considerando somente a produção do etanol, são 465 mil empregos diretos criados no país, seis vezes mais do que a indústria do petróleo. O etanol está presente em 1.042 municípios, ante 176 no caso do petróleo, o que se traduz em maior distribuição de renda e interiorização do desenvolvimento”, revela. “Uma simulação feita por professores da USP mostra que 15% de substituição de gasolina por etanol em nível nacional geram 118 mil empregos líquidos, com uma massa salarial adicional de R\$ 236 milhões anuais.”

Segundo Jank, desde 1975 o uso de etanol em substituição à gasolina permitiu uma redução de emissões de 600 milhões de toneladas de CO₂, o equivalente ao plantio de 2 bilhões de árvores. “Especialistas afirmam que, para cada litro de etanol consumido, US\$ 0,20 deixam de ser gastos na mitigação de gases causadores do aquecimento global”, argumenta o executivo. “Um estudo realizado pelo Laboratório de Poluição da Faculdade de Medicina da USP estima que se todos os carros da Região Metropolitana de São Paulo fossem movidos exclusivamente a gasolina haveria um incremento de 400 mortes e mais de 25 mil internações hospitalares por ano, com um custo anual de R\$ 140 milhões para o sistema de saúde”, complementa.

“A Unica trabalha em várias frentes para que a imagem do setor reflita a realidade de uma atividade que vem crescendo e se modernizando”, afirma Marcos Jank

Projeto RenovAção — Antes mesmo da formação da Aliança, a Unica lançou outra iniciativa em benefício da produção sustentável ambiental e social. Pelo Projeto RenovAção, junto à Federação dos Trabalhadores Rurais Assalariados do Estado de São Paulo e algumas empresas multinacionais de defensivos e de maquinários, além do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), serão requalificados 7 mil trabalhadores por ano, a maioria cortadores de cana, visto o avanço da mecanização da colheita e, por consequência, o desemprego. Iniciativas como estas mencionadas e muitas outras têm por objetivo mudar a imagem negativa que muitos têm da atividade sucroalcooleira, esclarece Jank. “Nos últimos anos, particularmente desde 2007, a Unica vem trabalhando em várias frentes para que a imagem do setor sucroenergético brasileiro reflita a realidade de uma atividade que vem crescendo e se modernizando em ritmo acelerado, colocando de lado velhos mitos, cada vez menos alicerçados em fatos, que alguns ainda insistem em atribuir ao setor de maneira generalizada”, destaca Jank. 



Niels Andreas/Unica



De Leo
EQUIPAMENTOS LABORATORIAIS

De Leo, pioneira em equipamentos para laboratório de sementes.



Soprador de Sementes tipo General



Germinador de Sementes



Soprador de Sementes South Dakota



Homogeneizador de Sementes





Consulte nosso site para saber mais sobre outros produtos.

www.deleo.com.br

Porto Alegre - RS
51 3384 6111

O CRÉDITO QUE FAZ CRESCER OS PEQUENOS



Escolha do Leitor



Luís Henrique Vieira

Muitos brasileiros empreendedores têm na falta de crédito a principal dificuldade para realizar seus negócios – e seus sonhos. No caso da agricultura familiar, a cada ano este problema diminui. Apesar de haver milhares de agricultores sem acesso a

linhas de financiamento, já são milhões os agricultores que financiam suas lavouras e a infraestrutura da propriedade com dinheiro emprestado pelo Governo. O crédito mais “popular” é o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), do Minis-

tério do Desenvolvimento Agrário (MDA), que auxilia em muito os pequenos produtores do país há 14 anos.

Para ter acesso ao programa, os agricultores precisam necessariamente ter conta bancária, a documentação exigida e apresentar um projeto de acesso

ao crédito ao MDA, estabelecendo metas de produção, cultivo e ressarcimento. A análise para aprovação do crédito é feita por um agente financeiro de um banco federal. Somente do Pronaf, na safra passada (2008/2009), foram aplicados R\$ 10,79 bilhões, e na atual já foram investidos R\$ 15 bilhões, incluindo-se valores para custeio de safra, assistência técnica e investimentos.

Somente em Santa Catarina, por exemplo, um estado de agricultura predominantemente familiar, foi investido R\$ 1,6 bilhão apenas nesta safra. O presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Santa Catarina (Fetasc), Hilário Goettse, explica que o incentivo ao pequeno agricultor tem ajudado muito o segmento local ano após ano. "Muitos agricultores puderam progredir bastante com o Pronaf. Tivemos um aproveitamento excelente por aqui. O pessoal está pagando as dívidas e ganhando dinheiro", avalia Hilário.

Ele ainda revela que tem havido um

aumento nos financiamentos de custeio, mas aponta a falta de documentação na Região Oeste e os problemas climáticos como empecilhos para receber o financiamento. "Com a seca no Oeste do estado, o crédito por lá ficou escasso em função desses problemas para cultivo, mas o programa está bem distribuído por várias regiões", ressalta o dirigente. No caso catarinense, como em quase todos os estados brasileiros, o acesso maior ao financiamento é para custeio, seguido de investimentos e o Mais Alimentos, que é uma linha especial de crédito que destina recursos para investimentos em infraestrutura da propriedade rural, como aquisição de máquinas e implementos. O Mais Alimentos, com prazo de dez anos para pagar e juros anuais de apenas 2%, foi lançado no segundo semestre de 2008 e já ajudou milhares de pequenos agricultores a comprar o seu primeiro trator.

Já no estado nordestino do Piauí, a realidade é um pouco diferente. De acordo com o presidente da Federação dos

Trabalhadores na Agricultura do Estado do Piauí (Fetag/PI), José Evandro de Araújo Luz, muitos agricultores nordestinos acabam se endividando por meio dos programas de financiamento do Governo Federal. Ele atribui esse endividamento à falta de conhecimentos dos agricultores e à falta de apoio à assistência técnica por parte do MDA. "Os trabalhadores simplesmente não sabem o que fazer com o dinheiro para custeio. Não têm conhecimento e depois não têm como pagar. Não há acompanhamento na hora da aplicação", argumenta Luz. Apesar da reclamação quanto à falta de apoio do ministério, o presidente da Fetag/PI afirma que 70% dos que foram beneficiados com crédito para assistência técnica tiveram bons resultados. ■

Esta reportagem foi escolhida pelo leitor da revista A Granja, que votou por meio da newsletter Agronews. Aproveite agora e escolha entre as três reportagens que estão em votação a que você prefere ver estampada nas páginas de nossa revista.

Caso ainda não receba a newsletter, cadastre-se no site www.agranja.com

Expoagro Afubra 2010

A maior feira do Brasil voltada à agricultura familiar.



3, 4 e 5 de março

BR 471 - Km 143 Rincão del Rey - Rio Pardo / RS

Informações:

(51) 3713-7700 - www.afubra.com.br

Patrocínio:



Apoio:

Ministério do Desenvolvimento Agrário



Entrada gratuita
Venha participar!

GRÃOS: O GENE ARGENTINO



Divulgação

A Bioceres é uma empresa privada dedicada a dar impulso à biotecnologia na Argentina e obter projeção internacional nessa área. Recentemente, a Oficina de Patentes e Marcas dos Estados Unidos concedeu à Bioceres, ao Conselho Nacional de Pesquisas Científicas e Técnicas (Conicet) e à Universidade Nacional do Litoral (UNL) duas novas patentes de invenção, que se somam a outra já obtida pela companhia em agosto. Uma das patentes

está relacionada à utilização do gene Hahb-4 para a obtenção de plantas transgênicas tolerantes à seca e à salinização. Esta tecnologia da Dra. Raquel Chan e sua equipe de pesquisadores é de propriedade do Conicet e da UNL, e a Bioceres tem a exclusividade sobre os direitos de uso. Atualmente, são avaliados no campo os benefícios deste gene sobre plantações de trigo, soja e milho. E países como México, Austrália, Brasil, China e Índia vêm demonstrando interesse na pesquisa. A Bioceres também firmou um acordo de desenvolvimento conjunto com a empresa Advanta para a incorporação desta tecnologia a outras plantas, como sorgo, arroz, canola, mostarda e algodão. A outra patente concedida pelos Estados Unidos é a que compreende a utilização do gene Hahb-10 para obter plantas transgênicas com ciclos de vida encurtados e tolerância ao estresse oxidativo.

PREOCUPAÇÃO

Nas principais províncias produtoras de soja, os agricultores enfrentam complicações para implantar seus cultivos no prazo adequado. A umidade insuficiente para o plantio está afetando principalmente o norte e o centro de Córdoba, o sul de Santa Fé, o Pampa e o sudoeste de Buenos Aires. Por outro lado, o excesso de chuvas impacta o norte de Buenos Aires e Entre Ríos. A estimativa é de que em torno de 40% dos 19 milhões de hectares estimados para a soja enfrentem problemas em função da seca neste momento.

NA ALEMANHA

Cerca de 40 empresas argentinas fabricantes de máquinas agrícolas participaram da última edição da Agritechnica, feira realizada em Hannover, na Alemanha. Em um pavilhão de grandes dimensões, fabricantes de colheitadeiras, semeadoras, pulverizadores, tratores e outros equipamentos agrícolas estabeleceram contatos de extrema importância e também concretizaram negócios. Os representantes argentinos também aproveitaram a feira para divulgar as vantagens do sistema de plantio direto, que ainda é muito pouco difundido na Europa.



Divulgação

TRIGO

A produção para a safra 2009/2010 é estimada em torno de 7,5 milhões de toneladas, quase 20% menos em relação à pobre colheita anterior e 50% abaixo do que se obtia anos atrás.

SOJA

A supercolheita prevista antes do começo do plantio começa a ser colocada em dúvida. Ainda não está clara a intenção dos produtores sobre a área semeada, e existe o temor de que o atraso nessa definição atrapalhe a produtividade das lavouras.

LEITE

Dezembro foi o último mês de pagamento das compensações oficiais que levaram alguma calma ao setor leiteiro. A expectativa é de que a partir de janeiro, as indústrias se encarreguem de pagar por essa diferença sem grandes inconvenientes.

CARNE

Há algumas semanas os valores do gado estão acima dos 4 pesos por quilo vivo no Mercado de Liniers. A tônica positiva parece prenunciar a chegada de tempos mais firmes para o preço do gado.

POLÍTICAS DISTORSIVAS

Está cada vez mais explosiva a medida do Governo de pagar compensações aos confinadores como estratégia para manter baixos os preços da carne bovina ao consumidor. Por um lado, ganha espaço a preocupação por uma possível interrupção abrupta desses pagamentos, o que geraria um verdadeiro desastre na cadeia, especialmente entre os criadores. Paralelamente, sabe-se que, como consequência das políticas oficiais e da última seca, este ano teremos uma oferta de carneiros 25% inferior à normal, o que repercutirá severamente no número de animais terminados para o abate a partir do segundo semestre de 2010. Assim, estima-se uma produção de carne bovina deprimida em relação ao volume habitual em quase 500 mil toneladas. Para muitos, os tempos de preços deprimidos para a pecuária argentina estão chegando ao fim.

EM BUSCA DA QUALIDADE DO SOLO E DE ALTOS RENDIMENTOS

Antônio Luis Santi, Engº. Agrº., Dr., professor adjunto do Cesnors/UFMS, santi_pratica@yahoo.com.br; Claudir José Basso, Engº Agrº, Dr., professor adjunto do Cesnors/UFMS, claudirbasso@gmail.com

O sistema plantio direto idealizado por ingleses e americanos e também conhecido como “zero tillage”, “no tillage” ou “directe drilling” se caracteriza pela semeadura com mínimo revolvimento no solo (somente na linha de plantio) e por preservar a cobertura vegetal na superfície do solo. Esse novo sistema de produção já existente em outras regiões do mundo teve seu início de implementação no Brasil somente a partir da década de 1970 por falta de conhecimento por parte de técnicos e produtores dessa nova tecnologia, vista de forma cautelosa, por haver ainda naquela época certas limitações com relação ao preparo da lavoura (dessecação) e a própria disponibilidade de semeadoras adaptadas a essa nova situação de palhada.

O impulso significativo aos primeiros trabalhos e aos fundamentos de formação da palha, base para o uso do Sistema de Plantio Direto (SPD), só ocorreu com a difusão do controle químico de plantas daninhas dispensando o uso

de cultivos mecânicos, a integração tecnológica entre produtores, profissionais ligados aos setores de equipamentos e herbicidas, profissionais liberais e pesquisadores. Deve-se ressaltar que o sucesso do SPD (que na década de 1970 se iniciava e hoje possui mais de 25 milhões de hectares manejados com a técnica no Brasil) foi fruto da mobilização de produtores pioneiros que procuraram trocar experiênci-



Raízes de nabo forrageiro desenvolvidas em área compactada em locais cuja prática do sistema de plantio direto não é feita com eficiência

Antônio Luis Santi

Tecnologia **AGRIMEC** maximizando a produtividade da sua lavoura

Carreta Graneleira

Força e resistência para transportar sua colheita com segurança e rapidez. Modelos com capacidade para 120, 140, 175 e 200 sacas.



Rolo Faca Arroeiro

Serve para acamar a palha do arroz, evitando o rebrote e a consequente disseminação do arroz vermelho, bem como, para decompor mais rapidamente os restos culturais da planta.



Plaina Niveladora Multilâminas

Com exclusivo conjunto de lâminas que faz duplo serviço em uma única operação: preparo mínimo do solo e aplainamento. Disponível em sete modelos conforme a potência do trator.



Distrito Industrial - Santa Maria - RS - (55) 3222.7710 - www.agrimec.com.br

as e buscar conhecimentos e inovações no país e no exterior.

De um sistema desconhecido a uma tecnologia baseada no conhecimento, de um quadro antes degenerativo a uma agricultura baseada no respeito à natureza, nas quase quatro décadas o SPD têm auxiliado na busca da sustentabilidade. Dos Clubes da Minhoca ao 1º. Encontro Nacional de Plantio Direto em Ponta Grossa/PR, em fevereiro de 1981, e aos Clubes Amigos da Terra. Ações de difusão e transferência de tecnologia em relação ao conhecimento e manejo de herbicidas, as técnicas de pulverização, adubação e calagem, redução da erosão, integração lavoura-pecuária, entre outras, sem as quais o Brasil não seria, hoje, referência internacional em SPD. Da década de 1970 até os dias atuais são indiscutíveis os avanços conquistados. No entanto, ainda perdura o questionamento: o SPD realmente está sendo uma estratégia sustentável ou em muitas lavouras é uma tecnologia pontual?

Uma dessas mudanças observadas em lavouras com longo histórico de manejo em SPD é o acúmulo de nutrientes nas camadas mais superficiais do solo, reflexo do não revolvimento do solo, da ciclagem de nutrientes e manutenção dos resíduos culturais na superfície, bem como pelas menores perdas de nutrientes do sistema. Embora todos os esforços já realizados, ainda são preocupantes os casos de áreas compactadas. A atitude de retirada dos terraços por parte de muitos produtores, associada à baixa produção de palhada, potencializa o escoamento superficial de água limitando o armazenamento no solo, a ausência da rotação de culturas e o surgimento de novas pragas e doenças e algumas ervas daninhas.

O solo é um sistema complexo, dinâmico e heterogêneo, cuja qualidade é a expressão da interação entre os subsistemas minerais, plantas e organismos edáficos. O histórico de manejo pode conduzir, gradualmente, a uma melhoria da qualidade do solo agrícola até alcançar a excelência de qualidade (nível alto). Assim como em sentido oposto pode conduzir a um processo de regressão da qualidade até alcançar a degra-

É preocupante o observado em muitas lavouras no Sul do Brasil onde se retiraram indiscriminadamente os terraços com o objetivo de facilitar o manejo



dação (nível baixo).

Como o solo é heterogêneo, em uma mesma lavoura é possível encontrar subáreas com diferentes níveis de qualidade (organização do sistema), embora as práticas de manejo adotadas tenham sido planejadas para aplicação uniforme. Por exemplo, a eficiência de uma fertilização mineral pode ser comprometida em subáreas compactadas, que restringem o desenvolvimento radicular e a disponibilidade de água. Neste exemplo, somente a análise química do solo não será uma ferramenta apropriada para manejar eficientemente o solo desta subárea. Há necessidade de uma visão holística do solo, principalmente quanto à interação das características químicas, físicas e biológicas que irão determinar a qualidade do solo.

Recentemente, através do uso das ferramentas de agricultura de precisão, tem sido possível a geração de mapas com a distribuição espacial da produtividade das culturas (mapa de colheita) e dos atributos do solo. Isso permite fazer um acompanhamento sobre aspectos ligados à qualidade do solo em áreas

de lavoura e seus impactos no rendimento das culturas. Com isto, pode-se gerar um diagnóstico de problemas específicos dentro de uma lavoura, que poderão demandar intervenções de manejo diferenciadas.

Se no início da adoção do SPD o controle da erosão e a matéria orgânica eram as principais metas perseguidas, nos últimos anos, o fator água no solo tem se mostrado como um novo desafio e comprometido a produtividade das culturas. Nesse sentido, é preocupante o que vem se observando em muitas lavouras no Sul do Brasil onde se retiraram indiscriminadamente os terraços no intuito único de “facilitar o manejo”.

O conceito de terraço por si só acrescenta a importância de interceptar a água que escorre sobre o solo, promovendo sua infiltração. Claro que pensando nas fases da erosão hídrica (desagregação, transporte e deposição) é o impacto da gota da chuva sobre o solo desnudo (sua energia cinética) o maior responsável pelo início da erosão. Mas o sucesso conservacionista só ocorre com a utilização simultânea de técnicas



Antônio Luis Santi

vegetativas (plantas), edáficas (sistemas de cultivo) e mecânicas.

Qualidade não evolui — O que tem se percebido a campo é que a área cultivada no SPD realmente tem aumentado, mas com pouca evolução qualitativa. Vários pesquisadores têm sugerido um modelo contextual da qualidade do SPD, a qual evolui com o tempo de adoção:

a) 0 a 5 anos — fase inicial (rearranjo da estrutura, baixo acúmulo de palhada, restabelecimento da biomassa microbiana, maior exigência de adubos nitrogenados);

b) 5 a 10 anos — fase de transição (reagregação, início do acúmulo de palhada, início do acúmulo de matéria orgânica, imobilização e mineralização);

c) 10 a 20 anos — fase de consolidação (aumento da troca de cátions, acúmulo de palhada, acúmulo de carbono, imobilização < mineralização, ciclagem de nutrientes);

d) > 20 anos — fase de manutenção (fluxo contínuo de carbono e nitrogênio, elevado acúmulo de palhada, ciclagem de nutrientes, < exigência de nutrientes externos).

O que se pretende não é julgar se o plantio direto é uma condição necessária como estratégia para uma agricultura conservacionista, mas se o modelo vigente está sendo eficiente na busca pela qualidade do solo e/ou para atingir altos rendimentos. Embora muitas lavouras tenham mais de 20 anos de adoção do SPD as características são ainda de um sistema em fase inicial ou em fase de transição. Isso é reflexo da falta de compromisso com a adoção plena de um SPD, embora complexo, restringindo-se as ações a uma incipiente rotação de culturas, a uma insuficiente cobertura do solo (menos de 5 tonela-

das/hectare/ano quando a quantidade de fitomassa para manter ou construir a estrutura de um solo gira na ordem de 8 a 12 toneladas/hectare/ano para a maior parte das áreas produtivas do Brasil), ausência de práticas mecânicas para manejo da enxurrada, abandono da semeadura em contorno além de realizações de calagens e adubações mal planejadas.

Nos últimos cinco anos, tem se popularizado a “agricultura de precisão como a fórmula mágica” para o aumento da produtividade e a redução de custos nas lavouras. Acontece que se está adotando uma importante estratégia de manejo em um sistema fragilizado. Para isso, é preciso que técnicos, produtores e a pesquisa voltem a olhar e a discutir o SPD dentro de sua base conceitual aplicada (rotação de cultura, o manejo integrado de pragas, doenças e plantas daninhas, ciclagem de nutrientes e cobertura permanente do solo) como premissa básica. Até porque o processo é dinâmico e exige que nunca paremos de evoluir.



Divulgação

"Embora muitas lavouras tenham mais de 20 anos de adoção do SPD, as características são ainda de um sistema em fase inicial ou em fase de transição", adverte Santi

AÇÚCAR E ÁLCOOL

MESMO COM CHUVAS, ESMAGAMENTO É RECORDE

Fábio Rübenich - fabio@safras.com.br

Apesar das chuvas intensas, principalmente no Centro-Sul do Brasil, a moagem de cana-de-açúcar no país será recorde nesta safra. Conforme levantamento da Companhia Nacional do Abastecimento (Conab), a produção total de cana-de-açúcar a ser esmagada pela indústria sucroalcooleira em 2009 seria de 612,21 milhões de toneladas, de acordo com o terceiro levantamento da safra.

No entanto, a quantidade é menor do que o previsto no último levantamento, de setembro, (629,02 milhões de toneladas), mas cerca de 7% maior que a da safra 2008/09. Já a produtividade média dos canaviais aumentou 0,4% sobre a temporada anterior, chegando a 81.293 quilos por hectare.

Segundo a Conab, a cana ainda estava em fase de colheita até meados de dezembro, e a redução na estimativa deve-se ao excesso de chuvas

Preço do açúcar no interior de São Paulo

(R\$/saca de 50 kg)

junho	42,03
julho	41,37
agosto	44,61
setembro	54,68
outubro	56,95
novembro	56,02
dezembro	55,84

ocorrido entre julho e novembro, principalmente na região Centro-Sul. Por conta das precipitações, muita cana-de-açúcar ficará no campo para a próxima safra (cana bisada). O teor de sacarose também foi prejudicado, e ainda no período mais intenso da moagem.

Do total de cana esmagada, cerca de 54% (336,2 mil toneladas) se destinam à produção de 25,8 milhões de

litros de álcool. Deste volume, 18,2 bilhões de litros são do tipo hidratado e 7,6 milhões do anidro. O etanol (hidratado) tem uma redução de exportação de cerca de 1,5 bilhão de litros em relação à safra passada, que foi de 4,9 bilhões de litros. Mas, segundo a Conab, o mercado interno dá sinais positivos do lado da demanda, em função do aumento da frota de veículos flexíveis.

ALGODÃO

COTAÇÃO SOBE FORTE NO BRASIL

Rodrigo Ramos - rodrigo@safras.com.br

O mercado brasileiro de algodão em pluma fechou a primeira parte de dezembro com boa movimentação, tanto no âmbito spot como nos contratos para entrega programada. Com o cenário interno positivo, os preços mantiveram a tendência de alta e subiram forte. O aperto da oferta doméstica e a menor disponibilidade de tipos finos junto ao produtor deixaram vendedores retraídos, principalmente os comerciantes. No cenário externo, destaque para o relatório de dezembro de oferta e demanda do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), que estimou a produção norte-americana de algodão em 12,59 milhões de fardos para a safra 2009/2010, ante 12,50 milhões no relatório anterior.

As exportações em 2009/2010 foram previstas em 11 milhões de fardos, ante 10,50 milhões da previsão anterior. O consumo interno foi projetado em

Média dos preços do algodão em pluma

(R\$/@ CIF São Paulo Pgto. 8 dias)

junho	39,82
julho	39,07
agosto	38,71
setembro	38,52
outubro	39,99
novembro	41,49
dezembro	42,73

3,40 milhões de fardos em 2009/2010, inalterado. Os estoques finais norte-americanos foram previstos em 4,50 milhões de fardos para a temporada 2009/10, contra 4,90 milhões no relatório anterior. A produção global de algodão deve somar 102,72 milhões de fardos em 2009/10, contra 102,74 milhões de fardos no mês passado. As exportações mundiais foram estimadas

em 33,88 milhões de fardos para 2009/10, contra 33,15 milhões do levantamento anterior. A estimativa para o consumo mundial é de 114,51 milhões de fardos para 2009/10, contra 113,52 milhões no relatório passado. Os estoques finais mundiais foram previstos em 51,81 milhões de fardos para a temporada 2009/10, ante 53,72 milhões de fardos previstos anteriormente.

SOJA

Dylan Della Pasqua - dylan@safras.com.br

USDA REDUZ PROJEÇÃO PARA ESTOQUES FINAIS DOS EUA EM 2009/2010

O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) divulgou no dia 10 de dezembro o relatório de dezembro para oferta e demanda mundial e norte-americana de soja. Foi anunciada a retração nos estoques finais dos Estados Unidos, como projetado pelo mercado. A única outra alteração no quadro ficou por conta da elevação na projeção para as exportações. Para 2009/10, a previsão do USDA é de uma safra de 3,319 bilhões de *bushels*, ou 90,32 milhões de toneladas, mantendo a estimativa do relatório anterior. A produtividade também permaneceu estimada em 43,3 *bushels* por acre.

O Departamento projeta esmagamento de 1,695 bilhão de *bushels* (46,13 milhões de toneladas) e exportação de 1,340 bilhão (36,47 milhões). Em novembro, as projeções eram de 1,695 bilhão (46,13 milhões de toneladas) e 1,325 bilhão (36,06 milhões), respectivamente. Os estoques finais estão estimados em 255 milhões de *bushels* ou 6,94 milhões de toneladas, contra 270 milhões previstos em novembro ou 7,35 milhões de toneladas.

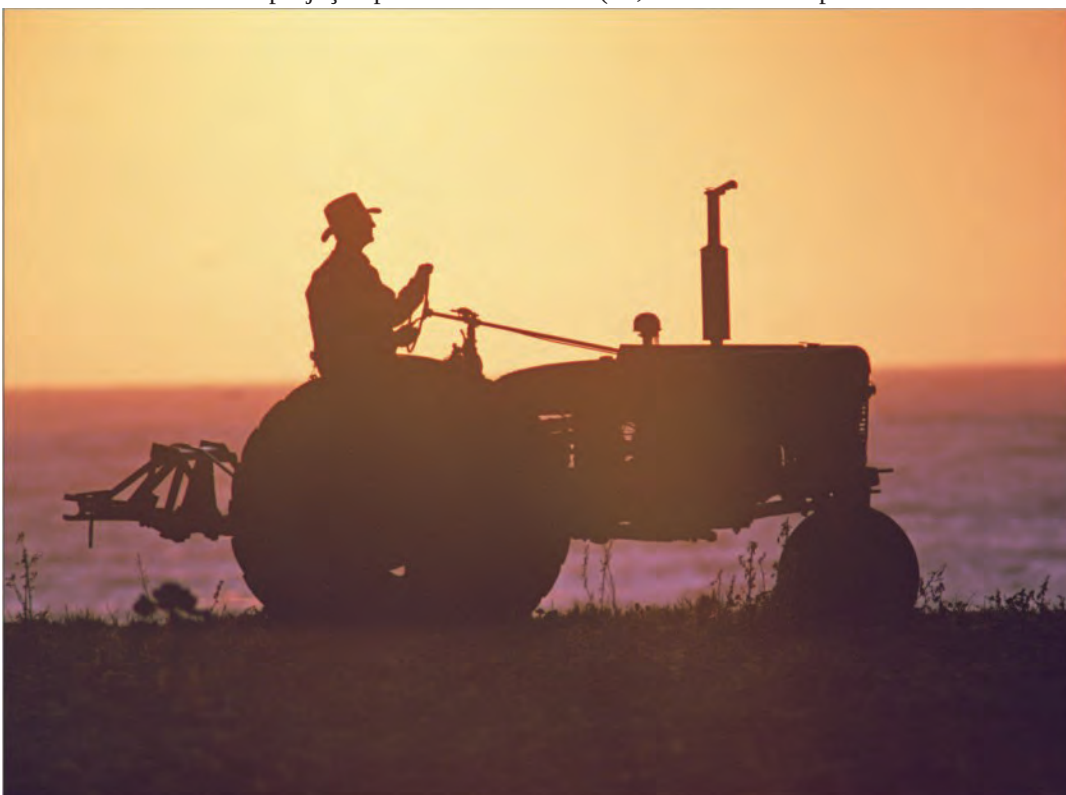
O USDA elevou a estimativa para a safra e reduziu a projeção para os esto-

Soja em Cascavel/PR (R\$/60 kg)	
junho	48,90
julho	47,47
agosto	47,76
setembro	46,69
outubro	45,97
novembro	45,28
dezembro	42,80

ques globais em 2009/10. Para a América do Sul, o USDA manteve as previsões para o Brasil e a Argentina. O quadro para a temporada 2009/10 indica produção mundial de 250,25 milhões de toneladas, com estoques de passagem de 57,09 milhões – frente a 250,23 milhões e 57,39 milhões projetados em novembro, respectivamente. A produção americana está estimada em 90,34 milhões de toneladas, repetindo o relatório anterior. Para a América do Sul, a projeção é de safra de 63 milhões para o Brasil e de 53 milhões para a Argentina. A China deverá produzir 14,5 milhões e importar 41 milhões de toneladas (40,5 milhões foi o previsto em no-

vembro).

Para a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), a produção brasileira de soja deverá totalizar 64,56 milhões de toneladas na temporada 2009/10, aumento sobre o total colhido na temporada anterior, de 57,161 milhões. No relatório anterior, a Conab estimava safra entre 62,502 milhões e 63,595 milhões de toneladas. O levantamento indica aumento de 6% na área plantada, que passaria de 21,741 milhões de hectares para 23,048 milhões de hectares. A produtividade está estimada em 2.801 quilos por hectare, com melhora de 6,5% sobre os 2.629 quilos obtidos no ano anterior.



Uma geração vai,
outra geração vem.

O sol nasce e renasce a cada dia
e todo ano um mesmo desejo
se repete: sol na medida certa,
chuva na dose exata,
terra fértil, sementes boas
e muita produtividade.
São os votos da Mineração
Mônego aos seus funcionários,
clientes e amigos.

Mineração
Mônego
Produtividade na dose certa

0800 9794962

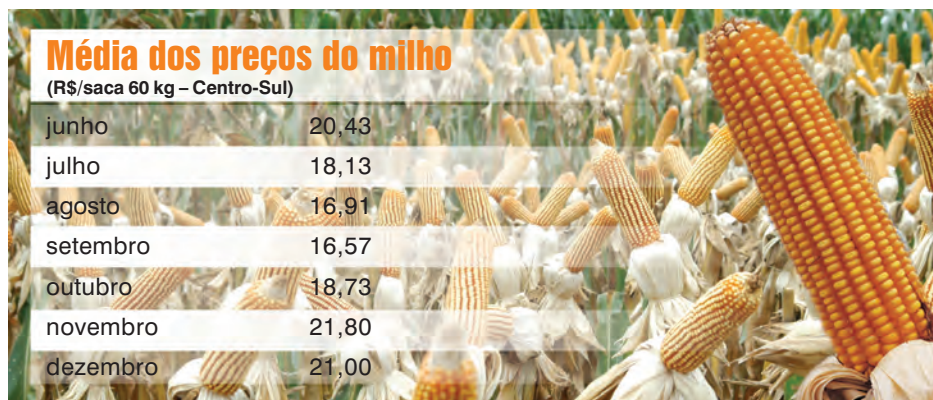
MILHO

CEREAL PODE SOFRER PRESSÃO DE VENDA

Arno Baasch - arno@safras.com.br

O mercado de milho encerrou 2009 com as lavouras da safra verão apresentando boas condições de desenvolvimento em todo Brasil, o que sugere um potencial de produtividade acima do verificado na safra passada. Para o analista de Safras & Mercado Paulo Molinari este é um cenário importante quando se avalia uma retração de área de quase 20% no Centro-Sul do Brasil, pois indica uma safra de 26 milhões de toneladas entrando no mercado interno a partir de janeiro, primeiramente no Rio Grande do Sul. “Com bons volumes ingressando no mercado, a comercialização será fundamental no primeiro trimestre, especialmente até fevereiro, ainda que algumas regiões do país disponham de bons volumes de milho, visto que uma safra recorde de soja está a caminho”, destaca.

Nas últimas semanas os comerciantes buscaram vender o milho a fi-



Média dos preços do milho	
(R\$/saca 60 kg – Centro-Sul)	
junho	20,43
julho	18,13
agosto	16,91
setembro	16,57
outubro	18,73
novembro	21,80
dezembro	21,00

nar, aceitando os preços dos compradores para promover o escoamento dos estoques e, embora com um bom consumo, não está havendo pressa na absorção desses lotes. “Esta situação pode se agravar caso os baixos preços levem o produtor a reter a soja no primeiro semestre, optando pela venda de milho, já que o mercado seguirá procurando uma liquidez”, analisa. Molinari afirma que, mesmo apostan-

do na demanda interna, o milho seguirá dependente da exportação para gerar negócios. “Com o real valorizado frente ao dólar poderá haver um comprometimento das vendas, especialmente com a concorrência da Argentina e dos Estados Unidos, o que deixa uma situação complicada para os preços agrícolas internos, que podem sofrer uma pressão de venda”, finaliza.

CAFÉ

Lessandro Carvalho - lessandro@safras.com.br

PREÇOS SOBEM POR CAUSA DO APERTO NAS OFERTAS

A primeira quinzena de dezembro foi marcada por altas no mercado internacional do café. As cotações tinham avançado nas bolsas internacionais diante, principalmente, das preocupações com o aperto na oferta em relação à demanda, num ano de safra dos principais países produtores com problemas. Brasil e Colômbia, os dois maiores produtores mundiais de café arábica, tiveram safras modestas na temporada e de qualidade prejudicada. A safra brasileira foi menor em 2009 devido ao ciclo bienal da cultura, e as chuvas durante a colheita prejudicaram muito a qualidade da bebida. A produção colombiana também foi afetada por condições climáticas adversas, com o programa de renovação de cafezais também reduzindo a colheita e afetando a disponibilidade dos cafés lavados colombianos.

Além disso, também na América Central houve problemas e a colheita está atrasada para os cafés arábica lavados na região. Ou seja, não é apenas o fato da ofer-



Preço para bica corrida do sul de Minas	
(Bebida Boa – Tipo 6 – R\$/saca de 60 kg)	
junho	254,05
julho	243,30
agosto	254,81
setembro	254,50
outubro	262,71
novembro	272,30
dezembro	282,10

ta de café arábica no momento estar bem menor, mas também porque os cafés arábica de melhor qualidade são os mais prejudicados. E isso vem a gerar maior temor no mercado mundial no momento porque este é o período de consumo acentuado no Hemisfério Norte, que reúne grandes nações desenvolvidas consumidoras. Oferta apertada combinada com demanda crescente tende naturalmente a resultar em aumento nos preços interna-

cionais. E para 2010 já há grande preocupação com a safra brasileira. A produção deve se recuperar porque a temporada é de alto ciclo produtivo na bienalidade. Entretanto, chuvas excessivas no inverno levaram a uma florada desuniforme, o que pode prejudicar a qualidade e produtividade da safra futura. O quadro dos fundamentos no mercado é inequivocamente positivo diante dessas preocupações com aperto na oferta e redução dos estoques.

ARROZ

Rodrigo Ramos - rodrigo@safras.com.br

PREÇOS FIRMES COM OFERTA APERTADA

A primeira quinzena de dezembro encerrou com preços firmes no mercado brasileiro de arroz, respondendo ao quadro de oferta e demanda doméstico apertado e à elevação da paridade de importação. O cereal acumulava até o final da primeira quinzena alta superior a 5%. Em relação ao mesmo período do ano passado (R\$ 32,05), a queda reduziu para 13%. A diferença em relação a dezembro de 2008 continuava sendo o fator cambial. Em dólares, o valor da saca era de 15,94, com alta de 17% em relação aos US\$ 13,62 de 2008. As adversidades climáticas que assolaram as principais regiões produtoras do Mercosul e o início da entressafra no Hemisfério Norte devem manter as cotações aquecidas. Este movimento só não será mais intenso devido à costumeira morosidade da demanda no final do ano. No lado fundamental, contudo, segue clara a alta necessidade de compra internacional. Os números de importação e exportação em novembro mostravam uma maior pre-



junho	25,56
julho	27,82
agosto	27,06
setembro	27,78
outubro	27,72
novembro	26,55
dezembro	27,05

sença compradora no mercado externo. De qualquer forma, o país segue superavitário em 86,5 mil toneladas na balança comercial do cereal. De março a novembro, o volume exportado foi de 746,5 mil toneladas (base casca), contra 650 mil toneladas do mesmo período de 2008. No lado das importações, o montante acumulado era de 660 mil toneladas, o que corresponde a um acréscimo de 271 mil toneladas em relação às 389 mil toneladas adquiridas no mesmo

período da temporada anterior. Considerando o atual saldo comercial, o quadro de oferta e demanda brasileiro, com estoques iniciais de 1,025 milhão de toneladas, produção de 12,7 milhões de toneladas e consumo de 13,05 milhões de toneladas, encerraria com estoques finais de apenas 588 mil toneladas. O normal é que nos últimos três meses da temporada o volume comprado supere o vendido no mercado internacional.

TRIGO

Antenor Savoldi Jr. - antenor@safras.com.br

MERCADO SEGUE COM ALTERAÇÕES E VOLTADO AO PEP

A segunda semana do mês de dezembro encerrou sem alterações no mercado brasileiro de trigo. Em relação ao mês anterior, no Paraná as cotações atuais (R\$ 470/tonelada) apresentavam queda de 2%, e no Rio Grande do Sul se mantêm no mesmo patamar (R\$ 400/tonelada). Em ambos os casos as cotações eram apenas nominais. Isso porque as atenções continuavam voltadas para as operações com Prêmio de Escoamento de Produto (PEP). Os números de oferta e demanda mundial, divulgados pelo USDA, confirmaram a folga no abastecimento global, não deixando espaço para altas mais expressivas das cotações internacionais. Por outro lado, no Brasil o câmbio permanecia abaixo de R\$ 1,80 por dólar. “Neste contexto, a paridade de importação permite aquisições externas a preços baixos e a única forma de viabilizar operações no âmbito interno é pelos leilões de PEP”, explica o



junho	538,00
julho	533,91
agosto	496,24
setembro	468,10
outubro	477,37
novembro	474,50
dezembro	470,00

analista de Safras & Mercado Elcio Bento.

Afora os leilões, o mercado continua movimentado nas importações. Depois da maior aquisição para um mês de outubro (682 mil toneladas), em novembro, de acordo com dados divulgados pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, foram compradas 413,5 mil toneladas no exterior. A principal origem foi a Argenti-

na, com 64% do total, seguida pelo Paraguai (19%), EUA (11%) e Uruguai (3%). No acumulado do ano comercial as importações são de 1,83 milhão de toneladas, sendo o Paraguai o principal fornecedor (26% do total), seguido pelo Canadá (22%), Argentina (21%), Uruguai (19%), EUA 11% e Polônia (1%). Estima-se uma necessidade de importação de 5,5 milhões em grãos nesta temporada.



Gerdan Weley/ObritoNews

A GRANJA CONQUISTA O PRÊMIO CNA DE JORNALISMO

A revista A Granja venceu o IV Prêmio CNA de Jornalismo na categoria Mídia Impressa – Revista. A repórter Denise Saveressig recebeu a premiação pela matéria “Mais pesquisa, mais produção”, publicada em junho de 2009. A importância do trabalho dos pesquisadores para a evolução da agricultura brasileira foi o tema da reportagem. A cerimônia de premiação foi realizada no mês passado, na sede da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), em Brasília. O objetivo do prêmio foi reconhecer o material jornalístico que contribuiu na tarefa de esclarecer a opinião pública sobre a realidade do campo, sensibilizando o homem urbano sobre a importância da atividade agropecuária para toda a sociedade. Na foto, a jornalista Denise Saveressig (ao centro) recebe o prêmio do presidente da Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul), Carlos Sperotto, e da presidente da CNA, senadora Kátia Abreu.

SCANIA TEM BOAS PROJEÇÕES PARA 2010

O ano de 2009, que iniciou com muitos pontos de interrogação para a economia brasileira, foi encerrado com perspectivas promissoras. Essa é a avaliação da diretoria da Scania, que em dezembro reuniu a imprensa nacional para uma confraternização de final de ano na sua fábrica, em São Bernardo do Campo/SP. “O Brasil venceu a crise com a força do seu mercado interno e os indicadores macroeconômicos mostram que o desempenho do país deverá ser ainda melhor em

analisou o diretor-geral da Scania no Brasil, Christopher Podgorski (foto). O executivo justifica sua afirmação lembrando que entre janeiro e setembro de 2009, enquanto no mundo as vendas de caminhões Scania tiveram redução de 50%, no Brasil, a queda foi de apenas 7%. O transporte de produtos associados à agropecuária representa entre 45% e 50% dos negócios de caminhões da Scania no Brasil. Para este ano, a projeção é de uma comercialização positiva entre o setor, principalmente devido às previsões de aumento da safra de grãos e de elevação da oferta de crédito para o campo.



Divulgação

MOTORES HONDA NAS 500 MILHAS GRANJA VIANA

Os motores estacionários Honda impulsionaram os 60 karts da 13ª edição das 500 Milhas da Granja Viana, no mês passado, em Cotia/SP. A competição, considerada a mais tradicional do kartismo brasileiro, reuniu estrelas das pistas internacionais como Felipe Massa, Rubens Barrichello, Tony Kanaan, Christian Fittipaldi e Lucas di Grassi. Foram 644 voltas de uma verdadeira maratona de resistência. A utilização dos motores estacionários Honda nos karts competidores demonstra a qualidade, a força e a durabilidade dos produtos, uma vez que a prova de longa duração exige alto grau de desempenho e resistência, tanto dos pilotos quanto dos equipamentos utilizados. Os motores estacionários Honda são utilizados como propulsores de karts de locação e de competição há mais de 20 anos.

Miguel Cappuccino



COMPUSOFT ERP PARA INTEGRAR A EMPRESA

Compusoft ERP, um programa de gestão de negócios da Compu-Software Sistemas Corporativos, foi desenvolvido especialmente para atender as necessidades de controle gerencial de empresas dos mais diversos segmentos do mercado, especialmente do agronegócio. Sua função é integrar todas as áreas do negócio. O processo é o mais simples possível. Basta incluir a informação uma vez no sistema que ela é compartilhada por toda a organização. E em tempo real, proporcionando agilidade para tomada de decisões, com foco no resultado econômico e financeiro do negócio.

CONCESSIONÁRIOS JOHN DEERE HOMENAGEADOS



Divulgação

Quatro concessionários John Deere, Agro Baggio, com lojas no Mato Grosso; Agrosul Máquinas, presente na Bahia e Piauí; Maqnelson Agrícola, em Minas Gerais e Goiás; e a gaúcha Verdes Vales Sistemas Mecanizados foram reconhecidos como Concessionários Classe Mundial no processo de avali-

ação de 2009. A entrega dos certificados em Guarulhos/SP teve a presença de Mark von Pentz, presidente mundial da Divisão Agrícola e Turf da John Deere, e de Aaron Wetzel, vice-presidente de Marketing e Vendas para a América Latina. O Programa Concessionário Classe Mundial é o programa de de-

envolvimento de qualidade dos concessionários aplicado pela John Deere em todo o mundo. E os concessionários John Deere de todo o Brasil participaram, em novembro, do Encontro Anual com os representantes da empresa para discutir as metas e a estratégia de atuação para os próximos anos.

CASE IH COMPÕE PROGRAMA DE CAPACITAÇÃO

A Case IH é uma das principais parceiras do governo do Mato Grosso no Projeto Parceria Rural Agricultura. Desenvolvido pela Secretaria de Estado de Trabalho, Emprego e Cidadania (Setec), juntamente com prefeituras, sindicatos rurais e empresas privadas, percorre cidades no Mato Grosso com cursos para operador de máquinas e de implementos agrícolas. O programa – único no Brasil – oferece qualificação para profissionais entre 18 e 60 anos. “É um projeto de grande referência e principalmente de inclusão social, pois pessoas de baixa renda e sem escolaridade têm oportunidade de mudar suas vidas”, afirma Rosamaria Ferreira de Carvalho, coordenadora do projeto. “Este programa vem para sanar a necessidade da economia, do produtor e do empregado”, explica. Desde o início dos treinamentos, em agosto de 2003, mais de 6 mil alunos participaram das aulas, dos quais 70% estão empregados.

T7070 DA NEW HOLLAND É O TRATOR DO ANO

O trator T7070 da New Holland conquistou o prêmio “Tractor of the Year” (Trator do Ano) para 2010 na Agritechnica, feira de tecnologia agrícola realizada em Hanover, Alemanha. Reconhecido pelo excelente design, focado na fácil operação da máquina e no conforto do operador, o



Divulgação

T7070 também recebeu o prêmio “Golden Tractor for Design” (Trator de Ouro pelo Design). “A vitória do T7070 Auto Command e de toda a série T7000, junto com as três medalhas conquistadas pela New Holland na Sociedade Alemã de Agricultura, já fez desta uma edição memorável da Agritechnica”, ressalta Carlo Lambro, vice-presidente da New Holland para a Europa.

ANOTE AÍ

O Congresso Nacional de Aviação Agrícola 2010 será realizado em Ribeirão Preto/SP nos dias 23 e 24 de junho. O evento, promovido anualmente pelo Sindicato Nacional das Empresas de Aviação Agrícola (Sindag), reúne grande número de empresas, pilotos, engenheiros, agrônomos, técnicos, empresários, entre outros interessados no segmento, que participam tanto das palestras, quanto da feira. O congresso tem por objetivo promover o debate dos assuntos referentes à aviação agrícola, bem como qualificar os profissionais. Para isso, a programação contará com renomados especialistas em suas áreas, a exemplo do que ocorreu nos anos anteriores. Mais informações no site www.congressosindag.com.br.

A Expoagro Afubra 2010, promovida pela Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra), ocorre de 3 a 5 de março, na BR 471/km 143, em Rincão del Rey, Rio Pardo/RS. O evento é um dos maiores encontros de agricultura familiar do país. Mais informações no www.expoagroafubra.com.br e no telefone: (51) 3713-7700.

Em sua 11ª edição, o Show Agrícola 2010 acontecerá de 3 a 6 de março, em Palma Sola/SC. O evento, realizado pela Empresa Sementes Crestani, tem por objetivo oferecer aos agricultores o que há de inovações no setor agrícola por meio da tecnologia demonstrada nos quatro dias de evento. Haverá lavouras demonstrativas, exposição de máquinas e equipamentos, dinâmica de máquinas, palestras e muito mais. Informações: www.showagricola.com.br.

BIODIESEL AJUDA FATURAMENTO DA GRANOL



Divulgação

A processadora paulista de grãos Granol está praticamente triplicando de tamanho em função do biodiesel. A

empresa já é a maior fornecedora de biodiesel para o programa governamental de disseminação do uso do com-

bustível misturado ao diesel. Mesmo com a crise e seus efeitos no processamento de grãos e na exportação de derivados em geral, Paula Regina Ferreira, diretora financeira da Granol, antecipa que o faturamento total voltará a aumentar em 2009, como acontece desde 2005. Números preliminares indicam que a receita alcançará R\$ 1,717 bilhão, 2,1% mais que em 2008. “A Granol foi uma das primeiras empresas a levar a questão do biodiesel ao Governo. É um produto com grande sinergia com o nosso negócio”, revela Paula.

BIOCOMBUSTÍVEIS REDUZIRAM EMISSÃO DE GASES

A produção mundial de biocombustíveis gerou redução global de 123,5 milhões de toneladas de gases que provocam o efeito estufa em 2009, segundo estudo divulgado pela (S&T)2 Consultants, consultoria especializada em meio ambiente e energia. De acordo com o documento, a queda foi de 57% em relação às emissões que teriam ocorrido se fosse utilizado igual quantidade de combustíveis à base de petróleo. O relatório ainda ressalta que a produção mundial de biocombustíveis passou os 100 bilhões de litros em 2009, o que reduz o consumo em 1,15 milhão de barris de petróleo por dia. Com relação ao biodiesel, a produção global prevista era de 16,4 bilhões de litros, o que reduziria as emissões em 35,9 milhões de toneladas – volume maior que a emissão total da Croácia.

OFERTA DE 40 BILHÕES DE LITROS ATÉ 2015

De acordo com previsão do Global Biofuel Center (GBC), da consultoria Hart Energy, a oferta mundial de biodiesel chegará a 40 bilhões de litros até 2015. A tendência foi projetada com base na análise dos mercados das Américas, Europa, Ásia Central e Oriente Médio. A produção poderia mais do que dobrar. Porém, segundo o GBC, nem todos os projetos atuais funcionarão. A previsão é de que muitas usinas encerrarão as atividades nos próximos cinco anos nestes mercados, o que deve impedir o alcance do mercado aos 94 bilhões de litros de potencial de oferta. O mercado tende a ser excedente mesmo com o cumprimento das metas de adoção da mistura de 10% do biodiesel no diesel (B10) nas regiões analisadas. Neste caso, a oferta seria maior que a demanda em 20 bilhões de litros.

BRASIL ECODIESEL DESATIVA USINAS NO NORDESTE

A Brasil Ecodiesel anunciou a desativação definitiva das suas usinas de produção de biodiesel em Crateús/CE e Floriano/PI. O projeto que previa a produção de biodiesel a partir de oleaginosas alternativas pela agricultura não funcionou. De acordo com comunicado da empresa, a decisão está em linha com a diretiva estratégica de melhor uso dos seus ativos ociosos e se baseia na “dificuldade logística incontornável” de obtenção de matérias-primas e que afetou a competitividade dessas usinas nos leilões organizados pela Agência Nacional de Petróleo (ANP).

BASF VAI CONSTRUIR FÁBRICA EM SP

A empresa alemã Basf vai construir uma fábrica de biodiesel no complexo instalado em Guaratinguetá, em São Paulo. A unidade, cujo início das operações está previsto para o segundo semestre de 2011, produzirá metilato de sódio, um catalisador utilizado na produção de biodiesel. A empresa estima que o faturamento anual da nova linha de produção chegue a US\$ 70 milhões em valores atuais, o que é quase 3% da receita da Basf no Brasil em 2008, que foi de aproximadamente 1,6 bilhão de euros. Segundo a direção da empresa, o projeto será importante para viabilizar o crescimento do mercado de biodiesel em território nacional, que ainda não possui uma fábrica de metilato de sódio. “O intervalo entre a realização do pedido e o recebimento do produto pelo cliente leva 60 dias, se não houver qualquer tipo de problema no transporte”, destaca o diretor da Unidade de Negócios Químicos Industriais da Basf para a América do Sul, Carlos Eggers. Com a construção da fábrica, esse prazo pode cair para até três dias.



ARYSTA DISPONIBILIZA O PRONUTIVA

A Arysta LifeScience oferece ao mercado brasileiro o Pronutiva, um conjunto de soluções que protege e favorece o desenvolvimento das lavouras de diversas culturas. O Pronutiva integra os produtos de proteção de plantas com as melhores especialidades em nutrição vegetal. Com o Pronutiva, a empresa oferece às revendas um portfólio de soluções completo e inovador. Entre os produtos do conjunto Pronutiva, há o Raizal, Biozyme (fertilizante foliar), K-tionic, Foltron, Humiplex e Pilatus.

Arysta LifeScience - Rua Jundiaí, 50 – 4º andar - São Paulo - CEP: 04001-904 - Fone: (11) 3054.5000 - www.arystalifescience.com.br

TIMAC AGRO LANÇA O INOVADOR ENERGIS

A Timac Agro Brasil acaba de lançar mais um produto inovador, o eNergiS, fertilizante nitrogenado granulado, dotado de uma tecnologia exclusiva que permite o melhor aproveitamento dos nutrientes pelas plantas. O produtos da gama eNergiS contêm o Complexo Total N aliado a nutrientes essenciais para as culturas. Desta forma, o eNergiS apresenta menores perdas por volatilização garantindo maior eficiência técnica e econômica à fertilização nitroge-



nada, beneficiando, assim, tanto o meio ambiente quanto os produtores rurais.

TIMAC Agro - Av. Carlos Gomes 1340, 12º andar - Porto Alegre/RS CEP: 90480-001 - Fone: (51) 3382-8700 - www.timacagro.com.br

ACTROS 4844 DA MERCEDES-BENZ

O Actros 4844 8x4, da Mercedes-Benz, é um veículo desenvolvido especialmente para operações fora de estrada, principalmente como basculante para operar em pedreiras, mineração, canteiros de obras, onde o veículo é submetido a esforços

extremos. É equipado com o motor eletrônico Mercedes-Benz OM 501 LA turbocooler, de 6 cilindros em V, com 435 cv de potência e 214 mkgf de torque.

**Mercedes-Benz
Av. Mercedes-Benz, 679
Distrito Industrial
CEP 13.054-750
Campinas/SP
0800.970.90.90
www.mercedes-benz.com.br**



FUNGICIDA DA BASF GARANTE MAIS PRODUTIVIDADE

Brio®

FUNGICIDA BASF

O Brio é o grande lançamento da Basf para a cultura do arroz, primeiro fungicida desenvolvido para esta cultura. O fungicida foi desenvolvido para combater o crescente problema das doenças, que, segundo agrônomos, se tornou sério nos últimos anos. O produto é composto por uma mistura de fungicidas à base de triazol e estrobilurina. Os dois mecanismos de ações diferentes possibilitam segurança na prevenção de resistência de fungos a fungicidas.

Basf S.A. - Av. Brigadeiro Faria Lima, 3.600 - 14º andar - Itaim Bibi - São Paulo - CEP: 04538-132 - Fone: 0800 0192.500 - www.agro.basf.com.br

MIOLO E O CUVÉE TRADITION DEMI-SEC

O Miolo Cuvée Tradition Demi-Sec é límpido, apresenta coloração amarelo-palha com nuances esverdeadas, leve coroa, perlage fina delicada e constante. Os aromas são delicados de frutas tropicais e cítricos, com destaque para abacaxi, melão, pêssego, pera. É refrescante, persistente e consistente o equilíbrio entre aroma e gosto. Na boca, demonstra delicadeza pelo seu equilíbrio de acidez e açúcar, com destacada leveza e suavidade.



Vinícola Miolo Ltda. - RS 444 km 21 - Vale dos Vinhedos - Caixa Postal: 094 - Bento Gonçalves/RS - CEP 95700-000 - Fone: 0800.9704165 - www.miole.com.br

AQUI, A MÁQUINA QUE VOCÊ PROCURA

Levantamento exclusivo da revista **A Granja**, por meio do Deper – Departamento de Pesquisa e Estatística Rural, lista os preços dos principais tratores e colheitadeiras do mercado de máquinas agrícolas. As informações são fornecidas pelas respectivas empresas

e/ou concessionárias com valores médios formados pelas Regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste. Os valores podem variar de acordo com a região, acessórios, tipos de pneus, etc. No caso de máquinas usadas, a variação também ocorre segundo o estado de conservação.



Tratores Agrale

Na medida para quem pensa grande.



www.agrale.com.br

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
4100 4x2	15 cv	32.053	23.514	22.339	21.222	20.161	19.153	18.194	17.285	16.421	15.600	14.820
4100 4x4	15 cv	38.646	28.352	26.934	25.588	24.308	23.093	21.938	20.841			
4100 GLP4x2	15 cv	34.978	25.660	24.377								
4118 4x4	18 cv	41.790	30.658	29.127	27.669	26.285						
4230 4x2	30 cv	48.734	35.753	33.965	32.267	30.653	29.121	27.665	26.281	24.967	23.719	22.533
4230 4x4	30 cv	50.964	37.389	35.619	33.743	32.056						
4230 4 Cargo 4x4	30 cv	51.139	37.477	35.603	33.823	32.132						
5075 4x2	75 cv	84.067	64.272	61.058	58.005	55.105	52.350	49.732				
5075 4x4	75 cv	93.232	71.279	67.715	64.329	61.113	58.057	55.154				
5085 4x2	85 cv	91.462	69.926	66.430	63.108	59.953	56.955	54.108				
5085 4x4	85 cv	99.580	76.133	72.326	68.710	65.274	62.011	58.910				
BX 6110 4x4	105 cv	122.157	92.469	87.845	83.453	79.280						
BX 6150 4x4	140 cv	157.418	117.992	112.092	106.488	101.163	96.105	91.300	86.735	82.398	78.278	74.364
BX 6180 4x4	168 cv	172.852	129.560									

Case IH												
Modelo	Potência	Valor do 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
Farmall 80 pla*	80 cv	87.116										
Farmall 80 cab*	80 cv	97.129										
Farmall 95 pla*	95 cv	93.124										
Farmall 95 cab*	95 cv	103.138										
Maxxum 110 pla*	110 cv	116.063										
Maxxum 110 cab*	110 cv	126.425										
Maxxum 125 pla*	125 cv	127.346										
Maxxum 125 cab*	125 cv	138.047										
Maxxum 135 pla*	135 cv	139.292										
Maxxum 150 cab*	150 cv	150.265										
Maxxum 165 pla*	165 cv	161.290										
Maxxum 165 cab*	165 cv	167.019										
Maxxum 180 pla*	180 cv	172.343										
Maxxum 180 cab*	180 cv	178.072										
MXM Maxxum 135 4x4 cab	137 cv		148.000	118.400	106.560	101.232	96.170	91.361	86.793	82.454	78.331	74.414
MXM Maxxum 150 4x4 cab	149 cv		165.000	132.000	125.400	114.130						
MXM Maxxum 165 4x4 cab	170 cv		181.000	144.800	137.560							
MXM Maxxum 180 4x4 cab	177 cv		198.000	158.400	150.480							
Magnum 220 4x4 cab	220 cv	249.937	199.950	189.952	180.454	171.431	162.860	154.717				
Magnum 240 4x4 cab	240 cv	291.483	233.186	221.527	210.450	199.928	189.931	180.435				
Magnum 270 4x4 cab	270 cv	309.039	247.231	234.869	223.126	211.969	201.371	191.302				
Magnum 305 4x4 cab	270 cv	350.000										





JOHN DEERE

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
5303 4x2	57 cv	50.500	40.400	38.380								
5303 4x4	57 cv	55.300	44.240	42.028								
5403 4x2	65 cv	53.400	42.720	40.580								
5403 4x4	65 cv	63.200	50.600	48.100								
5403 4x2	75 cv			45.360	43.092	40.937	38.891					
5403 4x4	75 cv			51.300	48.700	46.290						
5600 4x2	75 cv							36.946	35.099	33.344	31.677	30.093
5600 4x4	75 cv							43.983	41.784	39.695	37.710	35.825
5603 4x2	75 cv	61.200	48.900									
5603 4x4	75 cv	72.800	58.240									
5605 4x2	75 cv	69.900	55.920	53.100	50.400	47.900	45.500	43.200				
5605 4x4	75 cv	75.700	60.500	57.500	54.655	51.900	49.300	46.800				
5700 4x2	85 cv							48.222				
5700 4x4	85 cv							51.750				
5705 4x2	85 cv	82.000	65.600	62.320	59.204	56.244	53.432	50.760				
5705 4x4	85 cv	88.000	70.400	66.880	63.536	60.359	57.341	54.474				
6300 4x4 Syncroplus	100cv							59.426	56.455	53.632	50.951	48.403
6300 4x4 Syncroplus/Cabinado	100cv							69.852	66.359	63.041	59.889	56.895
6300 4x4 PowerQuad	100cv							66.203	62.893	59.748	56.761	
6300 4x4 PowerQuad/Cabinado	100cv							67.203	63.843	60.651	57.618	
6405 4x4 Syncroplus	106cv					74.283	70.569	67.040				
6405 4x4 Syncroplus/Cabinado	106cv					87.315	82.949	78.802				
6405 4x4 PowerQuad	106cv					82.754	78.616	74.685				
6405 4x4 PowerQuad/Cabinado	106cv					92.921	88.275	83.862				
6415 4x4 Syncroplus	106cv					78.193	74.283					
6415 4x4 Syncroplus/Cabinado	106cv	114.000	91.200	86.640	82.308	78.193	74.283					
6415 4x4 PowerQuad	106cv	134.000	107.200	101.840	96.748	91.911	87.315					
6415 4x4 PowerQuad/Cabinado	106cv	127.000	101.600	96.520	91.694	87.109	82.754					
6600 4x4 Syncroplus	121cv	143.000	114.400	108.680	103.246							
6600 4x4 Syncroplus/Cabinado	121cv							76.243	72.431	68.809	65.369	62.101
6600 4x4 PowerQuad	121cv							87.795	83.405	79.235	75.273	71.510
6600 4x4 PowerQuad/Cabinado	121cv							82.597	78.467	74.544	70.816	
6605 4x4 Syncroplus	121cv							94.149	89.441	84.969	80.721	
6605 4x4 Syncroplus/Cabinado	121cv							73.110				
6605 4x4 PowerQuad	121cv							93.282	88.618	84.187		
6605 4x4 PowerQuad/Cabinado	121cv							87.759	83.371	79.203		
6605 4x4 Syncroplus	121cv							100.033	95.031	90.280		
6605 4x4 Syncroplus/Cabinado	121cv	132.000	105.600	100.320	95.304	90.538						
6615 4x4 Syncroplus	121cv	152.000	121.600	115.520	109.744	104.257	99.044					
6615 4x4 Syncroplus/Cabinado	121cv	143.000	114.400	108.680	103.246	98.083	93.179					
6615 4x4 PowerQuad	121cv	163.000	130.400	123.880	117.686	111.801						
7500 4x4 PowerQuad	140cv											106.211
7500 4x4 PowerQuad/Cabinado	140cv											76.638
									89.387	84.918	80.672	76.638
									100.561	95.533	90.756	86.218

* crepeir optional

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
7505 4x4 PowerQuad	140cv					104.257	99.044	94.092				
7505 4x4 PowerQuad/Cabinado	140cv					117.289	111.424	105.853				
7515 4x4 PowerQuad	140cv	160.000	128.000	121.600	115.520	109.744						104.257
7515 4x4 PowerQuad/Cabinado	140cv	180.000	144.000	136.800	129.960	123.462	117.289					
7715 4x4	182cv	220.000	176.000									
7810 4x4 Importado	200cv								124.950			
7815 4x4 Importado	200cv				166.600							
7815 4x4	202cv	245.000	196.000									
8300 4x4 Importado	240cv											143.848
8400 4x4 Importado	260cv									167.777	159.389	151.419
8410 4x4 Importado	270cv						195.687	185.903	176.608			
8420 4x4 Importado	280cv			228.240	216.828	205.987						
8430 4x4 Importado	310cv	317.000	253.600									

Land Track

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
LT 2804 YTO	28 cv	36.530										
LT 5504 YTO	55 cv	69.920										

Landini

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
Mistral DT 50 4x4	47cv	62.000	49.600									
Technofarm R60 4x2	58cv	62.800	50.240									
Technofarm DT 60 4x4	58cv	68.900	55.120									
Technofarm DT 75 4x4	68cv	77.000	61.600									
Rex DT 80 4x4	75cv	87.000	69.600									
Globalfarm 100 4x4	97cv	98.500	78.800									
LandPower 140 4x4 plat.	140cv	146.100	116.880	111.036								
LandPower 140 4x4 cab.	140cv	161.400	129.120	122.664								
LandPower 165 4x4 plat.	165cv	150.400	120.320	114.304								
LandPower 165 4x4 cab.	165cv	165.400	132.320	125.704								

Massey Ferguson

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
MF 235 4x2	50cv								27.856	26.463	25.140	23.883
MF 250 4x2	50cv								27.856	26.463	25.140	23.883
MF 250 4x4	50cv								30.085	28.580	27.151	25.794
MF 250 XE 4x2 Advanced	50cv	50.000	40.000	38.000	36.100	34.295	32.580	30.951				
MF 250 XE 4x4 Advanced	50cv	54.000	43.200	41.040	38.988	37.038	35.187	33.427				
MF 255 4x2 Advanced	55cv	54.000	43.200	41.040	38.988	37.038	35.187	33.427				
MF 255 4x4 Advanced	55cv	58.000	46.400	44.080	41.876	39.782	37.793	35.903				
MF 265 4x2	65cv								38.548	36.621	34.790	33.050
MF 265 4x4	65cv								40.577	38.548	36.621	34.790
MF 265 4x2 Advanced	65cv		52.440	49.818	47.327	44.960	42.713	40.577				
MF 265 4x4 Advanced	65cv	69.000	55.200	52.440	49.818	47.327	44.961	42.713				
MF 272 4x2	73cv								44.013	41.812	39.721	37.735
MF 272 4x4	73cv								47.355	44.988	42.738	40.601
MF 275 4x2	75cv								44.013	41.812	39.721	37.735
MF 275 4x4	75cv								47.355	44.988	42.738	40.601
MF 275 Advanced 4x2	75cv	79.000	63.200	60.040	57.038	54.186	51.477	48.903				
MF 275 Advanced 4x4	75cv	85.000	68.000	64.600	61.370	58.301	55.386	52.617				
MF 5275 4x2	75cv	79.000	63.200	60.040	57.038	54.186	51.477	48.903	46.458	44.135		
MF 5275 4x4	75cv		64.600	61.370	58.302	55.386	52.617	49.986	47.487	45.113		
MF 283 4x2	83cv								49.584	47.105	44.749	42.512
MF 283 Advanced 4x2	83cv	89.000	71.200	67.640	64.258	61.045	57.993	55.093				



O melhor equipamento, o melhor resultado.
Sempre com as melhores peças.
Peças originais John Deere.



JOHN DEERE

www.JohnDeere.com.br

ESCOLHA SEU TRATOR

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
MF 5285 4x2	85cv	83.000	66.400	63.080	59.926	56.929	54.083	51.379	48.810	46.370		
MF 5285 4x4	85cv	96.000	76.800	72.960	69.312	65.846	62.554	59.426	56.455	53.632		
MF 290 4x2	85cv	92.000							46.000	43.700	41.515	39.439
MF 290 4x4	85cv								51.255	48.692	46.258	43.945
MF 290 Advanced 4x2	85cv	92.000	73.600	69.920	66.424	63.102	59.948	56.950				
MF 290 Advanced 4x4	85cv	98.000	78.400	74.480	70.756	67.218	63.857	60.664				
MF 5290 Export 4x2	88cv	96.000	76.800	72.960	69.312	65.846	62.554	59.426	56.455	53.632		
MF 5290 Export 4x4	88cv	100.000	80.000	76.000	72.200	68.590	65.161	61.902	58.807	55.867		
MF 292 4x2	102cv								49.000	46.550	44.223	42.011
MF 292 4x4	102cv								60.169	57.161	54.303	51.588
MF 291 Advanced 4x4	105cv	104.000	83.200									
MF 292 Advanced 4x2	105cv		82.080	77.976	74.077	70.373	66.855	63.512				
MF 292 Advanced 4x4	105cv	108.000	86.400	82.080	77.976	74.077	70.373	66.855				
MF 5310 4x4	105cv	112.000	89.600	85.120	80.864	76.820	72.980	69.331	65.864	62.571		
MF 297 4x4	110cv								63.512	60.336	57.320	54.454
MF 297 Advanced 4x4	120cv	117.000	93.600	88.920	84.474	80.250	76.238	72.426				
MF 298 4x4	120cv	130.000										
MF 5320 4x4	120cv	126.000	100.800	95.760	90.972	86.423	82.102	77.997	74.097	70.392		
MF 610 4x4	110cv										57.320	54.454
MF 620 4x4	120cv										57.941	55.044
MF 630 4x4	130cv										70.392	66.873
MF 299 4x4	130cv								77.997	74.097	70.392	66.873
MF 299 Advanced 4x4	130cv	140.000	112.000	106.400	101.080	96.026	91.225	86.663				
MF 650 HD 4x4	138cv	140.000	112.000	106.400	101.080	96.026	91.225	86.663	82.330	78.214	74.303	70.588
MF 660 HD 4x4	150cv	160.000	128.000	121.600	115.520	109.744	104.257	99.044	94.092	89.387		
MF 680 HD 4x4	173cv	190.000	152.000	144.400	137.180	130.321	123.805	117.615	111.734	106.147		
MF 6350 HD 4x4	190cv	200.000	160.000	152.000	144.400							
MF 6360 HD 4x4	220cv	230.000	184.000	174.800	166.060							
MF 7140 Cabinado	140cv	210.000										
MF 7150 Cabinado	150cv	246.000										
MF 7170 Cabinado	170cv	253.000										
MF 7180 Cabinado	180cv	257.000										

New Holland

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
4630 4x2	63cv											28.000
4630 4x4	63cv											37.000
5030 4x2	75cv											29.000
5030 4x4	75cv											38.000
5630 4x2	80cv											31.000
5630 4x4	80cv											40.000
7630 4x2	105cv											35.000
7630 4x4	106cv	108.000	75.000	67.000	61.000	55.000	52.000	50.000	48.000	45.000	42.500	41.000
7830 4x4	112cv											45.000
8030 4x4	122cv	117.000	78.000	70.000	62.000	56.000	53.000	52.000	49.000	46.000	44.000	43.500
TT 3840 Std	55cv	66.000	46.400	41.700	37.500							
TT 3840 F	55cv	68.000	46.500	41.900	37.900							
TT3880 F	75cv	75.000	52.500									
TT4030 Std	75cv	75.000										
TL 60 4x2 E	62cv	68.000	52.800	46.000	44.000							
TL 60 4x4 E	62cv	75.000	68.000	48.000	46.000							
TL 65 4x2 E	61cv					36.000	35.000	33.000	32.000			
TL 65 4x4 E	61cv					45.000	43.000	40.500	39.000			
TL 70 4x2	71cv									30.000	28.000	26.000
TL 70 4x4	71cv									33.000	31.500	30.000
TL 75 4x2 E	75cv	78.000	48.000	44.000	41.000	39.000	37.000	35.000	33.000			
TL 75 4x4 E	75cv	84.000	59.000	54.000	49.000	46.000	45.000	44.000	43.000			
TL80 4x2	81cv									29.000	27.500	26.500
TL 80 4x4	81cv								43.000	41.000	39.000	37.000
TL 85 4x2 E	90cv	80.245	64.000	47.000	44.000	42.000	39.000	37.000	35.000			
TL 85 4x4 E	90cv	89.000	68.000	60.000	54.000	50.000	48.000	47.000	45.000			
TL 90 4x2	90cv									37.000	35.000	33.000
TL 90 4x4	90cv									43.000	40.000	39.000
TL 95 4x2 E	98cv			49.000	56.000	43.000	40.000	38.000	36.000			
TL 95 4x4 E	98cv	100.000	72.000	65.000	56.000	51.000	49.000	48.000	46.000			
TL 100 4x2	101cv									36.000	34.000	33.000
TL 100 4x4	101cv									43.000	41.000	39.000
TS 90 4x4 Canavieiro	91cv			75.000	69.000	64.000	59.000	55.000	50.000	46.000		
TS 100 4x4	105cv				54.000	52.000	48.000	46.000	44.000	42.000		
TS 110 4x4	109cv			65.000	55.000	53.000	49.500	47.000	44.000	43.000		
TS 120 4x4	120cv			65.000	56.000	54.000	51.000	48.500	46.500	45.000		
TS 6000 Canavieiro	91cv	105.000	73.000									
TS 6020 4x4	111cv	120.000	84.000									
TS 6040 4x4	132cv	134.000	90.000									
TM 110 4x4	110cv										42.000	38.000
TM 120 4x4	120cv										41.000	39.000
TM 130 4x4	130cv										41.000	39.000
TM 135 4x4	137cv			85.000	75.000	70.000	63.000	58.000	55.000	51.000		
TM 135 4x4 E	137cv			83.000	73.000	68.000	62.000	57.000	54.000	50.000		
TM 140 4x4	140cv										48.000	45.000
TM 150 4x4	149cv			90.000	78.000	72.000	65.000	59.000	56.500	54.000		
TM 150 4x4 E	149cv			90.000	76.000	71.000	64.000	58.000	55.000	53.000		
TM 165 4x4	165cv			94.000	89.000	82.000	75.000	69.000	63.000	58.000		
TM 180 4x4	177cv		127.000	112.000	96.000	81.000						
TM 7010 4x4 SPS	141cv	189.886	100.000	90.000								
TM 7010 4x4 Plat	141cv	146.154	100.000									
TM 7010 4x4 Exitus	141cv	163.432	100.000									
TM 7020 4x4 SPS	149cv	208.230	110.000	99.000								
TM 7020 4x4 Plat	149cv	166.656	110.000									
TM 7020 4x4 Exitus	149cv	183.394	110.000									
TM 7030 4x4 SPS	168cv	227.707	122.000									
TM 7030 4x4 Plat	168cv	188.425	122.000									
TM 7030 4x4 Exitus	168cv	204.590	122.000									
TM 7040 4x4 SPS	180cv	243.034	133.000	120.000								
TM 7040 4x4 Plat	180cv	205.554	133.000									
TM 7040 4x4 Exitus	180cv	221.269	133.000									
T 7040 4x4 Importado	200cv	270.000	270.000									
T 7060 4x4 Importado	223cv	301.050	301.050									



Modelo	Potência	Valor do 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
T3230-4	32cv	45.429										
T3230-4 Série Brasil	32cv	52.240										
T3230-4 Fruteiro 4x4	32cv	43.726										
T5045-4 Fruteiro 4x4	50cv	52.400	41.900									
T5045-4 Série Brasil	50cv	65.230										
T5045-4 4x4	50cv	50.000	40.000									
TTA 18 4x4	18cv	37.877	35.980	34.180	32.470	30.846	29.300					

Valtra

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
585 4x4	47cv	54.000										
685 4x2	61cv	63.000	50.400	47.880	45.486	43.211	41.051	38.999	37.049	35.196	33.436	31.765
685 C	61cv	71.700	57.360	54.492	51.767	49.179	46.720	44.384	42.165	40.057	38.054	36.151
700 4x4	73cv	96.850	77.480	73.606	69.926	66.429	63.108	59.953	56.955	54.107	51.402	48.832
785 4x2	75cv	70.000	56.000	53.200	50.540	48.013	45.612	43.332	41.165	39.107	37.152	35.294
785	75cv	82.000	65.600	62.320	59.204	56.243	53.432	50.760	48.222	45.811	43.520	41.344
800 4x4	80cv	100.100	80.080	76.076	72.272	68.658	65.226	61.964	58.866	55.923	53.127	50.470
885 4x2	84cv									37.152	35.294	33.529
885	84cv									53.127	50.470	47.947
900 4x4	86cv	103.400	82.720	78.584	74.655	70.922	67.376					
985 4x2	103cv									55.610	52.829	50.188
985	103cv									58.881	55.937	53.140
1180	118cv									64.756	61.518	58.442
1280 R	126cv	159.400	127.520	121.144	115.087	109.332	103.866	98.673	93.739	89.052	84.599	80.369
1380	135cv									65.973	62.674	59.541
1580	145cv									78.861	74.918	71.172
1680	150cv									83.242	79.080	75.126
1780	160cv	187.250	149.800	142.310	135.195	128.434	122.013	115.912	110.117	104.611	99.380	94.411
1880	180cv									86.985	82.636	78.504
BF 65 4x2	65cv	63.000	50.400	47.880								
BF 65	65cv	66.000	52.800	50.160								
BF 75 4x2	75cv	68.000	54.400	51.680								
BF 75	75cv	72.050	57.640	54.758								
BH 145	145cv	149.000	119.200	113.240	107.578	102.199	97.089	92.235	87.623			
BH 165	165cv	155.700	124.560	118.332	112.415	106.794	101.455	96.382	91.563			
BH 180	180cv	189.950	151.960	144.362	137.144	130.286	123.772	117.584	111.705			
BH 185 i	185cv	205.950	164.760									
BH 205 i	210cv	239.000										
BL 77 4x2	77cv	80.000	64.000	60.800								
BL 77	77cv	85.000	68.000	64.600								
BL 88 4x2	88cv	84.000	67.200	63.840								
BL 88	88cv	91.000	72.800	69.160								
BM 100 4x4	100cv	111.250	89.000	84.550	80.323	76.306	72.491	68.867	65.423			
BM 110	110cv	119.200	95.360	90.592	86.062	81.759	77.671	73.788	70.098			
BM 120	120cv	122.350	97.880	92.986	88.337	83.919	79.724	75.738	71.951			
BM 125 i	125cv	124.650	99.720	94.734	89.997	85.497	81.223	77.161	73.303			

Yanmar

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
1030 Standard 4x2	26cv	43.300	31.304	29.739	28.251	26.839	25.497	24.222	23.011	21.860	20.768	19.729
1030 Standard 4x4	26cv	48.800	35.263	33.500	31.825	30.234	28.722	27.286	25.922	24.626	23.394	22.225
1145 Standard 4x4	39cv	55.800	41.494	39.419	37.448	35.575	33.797	32.107	30.501			
1145 Standard 4x4 TDFI	39cv	57.400	42.693	40.558	38.530	36.604	34.773	33.035	31.383			
1050 Turbo Completo 4x4	50cv	59.900	43.235	41.073	39.019	37.069	35.215	33.454	31.781	30.192	28.683	27.249
1050 Turbo Básico 4x2	50cv	52.300	35.940	34.143	32.436	30.814	29.273	27.810	26.419	25.098	23.843	22.651
1155 Standard Completo 4x4	55cv	67.500	47.588	45.209	42.949	40.801	38.761	36.823				
1155 Standard Completo SR 4x4	55cv	71.000	50.428	47.907	45.511	43.236	41.074	39.020				
2060 Standard Completo 4x4	55cv	71.100	49.520	47.044	44.692	42.457	40.334	38.318	36.402	34.582		
1175 Completo 4x4	75cv	75.200										

ESCOLHA SUA COLHEITADEIRA

Case IH

Modelo	Separação	Valor da 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
2366	Axial									285.804	271.514	257.938
2388	Axial						350.892	333.347	316.680	300.846	285.804	271.514
2388 - Extreme	Axial				410.400	389.880						
Axial-Flow - 2388	Axial	600.000	480.000	456.000								
Axial-Flow - 2399	Axial	650.000	520.000	494.000								
Axial-Flow - 8010	Axial	850.000	680.000									



Modelo	Separação	Valor da 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
1165	4 - Saca-palhas		197.280	187.416	178.045	169.143	160.686	152.652	145.019	137.768	130.880	124.336
1175 Arrozadeira/Estreia/19 pés	5 - Saca-palhas	310.000	248.000	235.600	223.820	212.629	201.998	191.898	182.303	173.188	164.528	156.302
1175 Básica/16 pés	5 - Saca-palhas	274.000	219.200	208.240	197.828	187.937	178.540	169.613	161.132	153.076	145.422	138.151
1175 Básica/Cabinada/16 pés	5 - Saca-palhas	303.000	242.400	230.280	218.766	207.828	197.436	187.564	178.186	169.277	160.813	152.772
1175 Hydro/19 pés	5 - Saca-palhas	314.000	251.200	238.640	226.708	215.373	204.604	194.374	184.655	175.422	166.651	158.319
1175 Hydro/Cabinada/19 pés	5 - Saca-palhas	334.000	267.200	253.840	241.148	229.091	217.636	206.754	196.417			
1185 Hydro/Cabinada/19 pés	6 - Saca-palhas									177.266	168.403	159.983
1185 Hydro/Cabinada/23 pés	6 - Saca-palhas									198.475	188.551	179.124

ESCOLHA SUA COLHEITADEIRA

Modelo	Separação	Valor da 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
1450 Arroz/Estreia	5 - Saca-palhas		302.400	287.280	272.916	259.270	246.307	233.991	222.292			
1450 Hydro/Cabinada/18 pés	5 - Saca-palhas	378.000	302.400	287.280	272.916	259.270	246.307	233.991	222.292			
1450 Tração/Plataforma/20 pés	5 - Saca-palhas	386.000	308.800	293.360	278.692	264.757	251.520	238.944	226.996			
1550 Hydro/Cabinada/20 pés	6 - Saca-palhas	445.000	356.000	338.200	321.290	305.226	289.964	275.466	261.693			
1550 Hydro/Cabinada/22 pés	6 - Saca-palhas	450.000	360.000	342.000	324.900	308.655	293.222	278.561	264.633			
9650 CTS - Arroz/Estreia - Importada	Axial								211.177	200.618	190.587	181.058
9650 STS 25 pés	Axial	635.000	508.000	482.600	458.470	435.547	413.769	393.081				
9650 STS 30 pés	Axial	645.000	516.000	490.200	465.690	442.406	420.285	399.271				
9660 CTS - Arroz/Estreia - Importada	Axial					420.285	399.271	379.307				
9670 STS - Arroz/Estreia - Importada	Axial	550.000										
9750 STS 30 pés	Axial	690.000	552.000	524.400	498.180	473.271	449.607	427.127				

Massey Ferguson

Modelo	Separação	Valor da 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
5650	5 - Saca-palhas					194.940	185.193	175.933	167.137	158.780	150.841	143.299
5650 Advanced	5 - Saca-palhas	300.000	240.000	228.000	216.600							
6855	6 - Saca-palhas											136.134
6855 Hydro	6 - Saca-palhas									209.000	198.550	188.623
MF - 32 Advanced	5 - Saca-palhas	380.000										
MF - 34	5 - Saca-palhas					292.410	277.790	263.900	250.705			
MF - 34 Advanced	5 - Saca-palhas	450.000	360.000	342.000	324.900							
MF - 38	6 - Saca-palhas	500.000	400.000	380.000	361.000	342.950	325.803	309.512	294.037			
MF - 9790 - ATR	Axial	690.000										

New Holland

Modelo	Separação	Valor da 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
TC - 55 15 pés	4 - Saca-palhas			225.000	204.000	185.000	168.000	151.000	139.000	127.000	115.000	105.000
TC - 57/5070 17 pés	5 - Saca-palhas	340.000	280.000	260.000	232.000	209.500	188.000	169.000	158.000	150.000	142.000	135.000
TC - 57/5070 20 pés	5 - Saca-palhas	360.000	290.000	262.000	233.000	210.000	189.000	170.000	161.000	153.000	145.000	138.000
TC - 59 19 pés	6 - Saca-palhas		337.000	310.000	275.000	247.000	222.000	200.000	190.000	180.000	171.000	162.000
TC - 59 23 pés	6 - Saca-palhas		344.000	315.000	283.000	255.000	230.000	207.000	196.000	186.000	177.000	168.000
TC - 5090 19 pés	6 - Saca-palhas	421.000										
TC - 5090 20 pés	6 - Saca-palhas	440.000		350.000								
TC - 5090 25 pés	6 - Saca-palhas	450.000										
CS - 660 30 pés	6 - Saca-palhas	500.000		370.000	320.000	300.000						
CR - 9060 30 pés	Duplo rotor	650.000										
CR - 9060 35 pés	Duplo rotor	680.000										

Valira

Modelo	Separação	Valor da 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
BC - 4500	5 - Saca-palhas	320.000	256.000									
BC - 7500	Axial	650.000										

ESCOLHA SUA COLHEDORA DE ALGODÃO

Case IH

Modelo	Potência	Valor da 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
420 Cotton Express 4x4	264cv	US\$ 298.000	US\$ 238.000									
620 Cotton Express 4x4	368cv	US\$ 368.000	US\$ 294.000									
625 Cotton Express	370cv	US\$ 503.000	US\$ 402.000									



JOHN DEERE

Modelo	Potência	Valor da 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
9970	253cv	US\$ 300.000	US\$ 240.000	US\$ 216.000	US\$ 194.400	US\$ 180.000	US\$ 162.000	US\$ 145.800	US\$ 131.220	US\$ 129.000	US\$ 127.000	US\$ 125.000
9996	355cv	US\$ 400.000	US\$ 320.000									

Montana

Modelo	Potência	Valor da 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
2805 Cotton Blue	280cv	520.000										

ESCOLHA SUA COLHEDORA DE CANA

Case IH

Modelo	Potência	Valor da 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
A7000/Pneu	335cv	950.000										
A7700/Estreia	335cv	1.150.000										



JOHN DEERE

Modelo	Potência	Valor da 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
CHT 3510/Estreia	332cv	920.000										
CHW 3510/Pneu	332cv	890.000										

Santal

Modelo	Potência	Valor da 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
Amazônia 2000 4x2	336 HP							245.000	233.00	221.000	210.000	199.000
Santal Tandem 6x4	336 HP	800.000	640.000	608.000	578.000	549.000						

Star

Modelo	Potência	Valor da 0Km	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
StarMag CC701	234cv	580.000										



METALÚRGICA SÃO JOSÉ

Fone: (55) 3616-0221 - Celular: (55) 9999-0358
www.metalsj.com.br - e-mail: volnei@metalsj.com.br
 São José do Inhacorá - RS

16

anos


Distribuidor de Adubo Orgânico


Roçadeira


Plataforma Basculante


Arado Subsolador


Plantadeira Manual para Fumo


Para Choque


Toldo


Carrinho para Tarro de leite 30 e 50 litros


Distribuidor de Uréia


Arado Subsolador


Trituradores, Ensiladeiras, Debulhadores


Trituradores, Ensiladeiras, Debulhadores


Trituradores, Ensiladeiras, Debulhadores


Trituradores, Ensiladeiras, Debulhadores


Trituradores, Ensiladeiras, Debulhadores


Trituradores, Ensiladeiras, Debulhadores


Trituradores, Ensiladeiras, Debulhadores

Visite nosso site www.metalsj.com.br

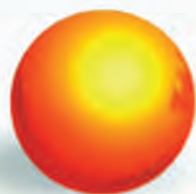
ECONOMIZE PRESERVANDO O MEIO AMBIENTE

Em 2009, clientes como: Walmart, Engemix, Golden Mix, Aços Finos Piratini, Termolar, Tanac, Tectrans, Sulbras / Unidão, F G entre outros, utilizando as soluções da RELUB, usufruíram de enormes economias e contribuíram muito para a preservação do meio ambiente.



RELUB

RECICLAGEM DE ÓLEO
TECNOLOGIA EM COMBUSTÃO



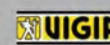
Acesse nosso site e veja como usufruir desses benefícios

WWW.RELUB.COM.BR

Atuação da RELUB em 2009

- ✓ Ampliamos a área de atuação para o Brasil inteiro.
- ✓ Desenvolvemos uma rede nacional de representantes.
- ✓ Reforçamos nossa presença nas áreas agrícola, logística e industrial.
- ✓ Nossos clientes economizaram milhares de reais em manutenção e equipamentos.
- ✓ Milhares de litros de óleo foram recuperados, propiciando a preservação de bilhões de litros de água.

Distribuidor:



Rua : Correa Lima, 1.575 - Porto Alegre - RS - CEP : 90850-250 Fones: (51) 3233.3787/ 3233.6954



TUDO EM SISAL

- fios agrícolas (baller twine)
- fios naturais
- fios tingidos
- cordas
- telas
- tapetes e carpetes



APAEB
VALENTE - BAHIA

Rodovia Luiz Eduardo Magalhães, Km 02
Bairro Petrolina - Valente - Bahia - Brasil
CEP 48890-000 - Fone: (75) 3263-2341 - Fax: (75) 3263-2342
CNPJ 63.104.020/0004-75 - INDÚSTRIA BRASILEIRA
Site: www.apaeb.com.br - E-mail: vendas@apaeb.com.br
Escritório São Paulo: (11) 3379-3815 - comercial@apaeb.com.br

CONHEÇA TAMBÉM...

Valente Tapetes e Carpetes de Sisal.






Agro Spray

CABINES

Tecnologia em cabines agrícolas, florestais, rodoviárias e transformações agrícolas

Atuando há mais de cinco anos em todo território nacional a Agro Spray Cabines e Transformações Ltda. abriu as portas em janeiro de 2003, para atender seus clientes com honestidade, humildade, respeito e com o que existe de melhor no mercado de fabricação.

**CONVÊNIO
CARTÕES:
BNDES E
AGRONEGÓCIOS.**

A Agro Spray é uma empresa que atua na fabricação de cabines para:

- Tratores;
- Colheitadeiras;
- Pá Carregadeiras;
- Tratores de Esteira;
- Moto Niveladoras;
- Retroescavadeiras e etc.

Nossa empresa trabalha com técnico especializado na fabricação de Máquinas de Pulverização de Lavouras, adaptadas em tratores. Ambos, de quaisquer marcas e modelos!

Com a opção do cliente - Ar condicionado ou Ar climatizado



Agro Spray Cabines e Transformações Ltda. Av. Carlota Fontanari, 1170 - Centro-Engenheiro Beltrão - PR CEP: 87270-000
Fones : (44) 3537-3132 / 3537-1100 / 3537-1170 / 9977-2720. ceara@agrospray.com.br / vendas@agrospray.com.br / adriana@agrospray.com.br - www.agrospray.com.br

Um 2010...10!

ANUNCIE NO AGROGUIA

Ligue: (51) 3233.1822

agroguia@agranja.com



Sementes forrageiras Seedco

Tecnologia e qualidade para obter muito mais produtividade.

As melhores sementes forrageiras importadas de Cornichão, Alfafa, Trevo Branco, Trevo Vermelho, Azevém ou Aveias é SEEDCO.

- Produzidas na Argentina, Austrália e Estados Unidos;
- Sementes com alta Tecnologia: peletizadas, inoculadas e tratadas com fungicidas;
- Desenvolvimento Genético com programas em: Milho Pipoca, Sorgo Forrageiro, Milho Silageiro e Girassol Confitero;
- Forrageiras de Inverno: Alfafa, Trevo Branco, Trevo Vermelho, Cornichão, Azevém e Aveias;
- Sementes Legais no Brasil de acordo com a Legislação do Comércio de Sementes e Mudas do Ministério da Agricultura.

www.seedco.com.br

Seedco do Brasil Agricultura Ltda.
Av. Missões, 98 • Navegantes • CEP 90230-000
Porto Alegre / RS • +55 51 4063.8270
comercial@seedco.com.br

seedco
brasil



TORSOL

METALÚRGICA

17 anos
de Experiência
no Mercado

- Fábrica de esteiras transportadoras
- Transporte de sacarias e fardos em geral
- Esteiras com módulo de carga (pesagem)
- Projetos Especiais
- Esteiras Planas
- Esteiras Fixas
- Esteiras Roletada
- Esteiras em "V"
- Esteiras com Balança.

ESTEIRA ARTICULADA
Regulagem de altura em ambos os lados



Endereço: Av. Senador Alberto Pasqualini, 1900 - Três de Maio - RS - Cep: 98.910-000
Fone: (55) 3535.2047 - torsolmetal@terra.com.br - www.torsolmetal.com.br

Vendemos e Consertamos Bombas Submersas para :

Irrigação de lavouras orizícolas para inundação;
Drenagem de áreas inundadas;
Captação de águas em rios, barragens ou lavouras para tratamentos de fluentes, etc.



Venda de Motores :

Elétricos, corrente alternada CA 0 16cv a 500cv
Elétricos de alto rendimento plus
Motores a prova de explosão 0,5cv a 250cv
Motores elétricos e bombas submersas para irrigação na lavoura.

Severo Motores
49 anos

ASSISTÊNCIA TÉCNICA AUTORIZADA WEG
Rua 20 de Setembro, 485 Fone / fax: (51) 3722-4754
Cachoeira do Sul - RS
www.severomotores.com.br
severomotores@severomotores.com.br
Venha Conhecer a nossa Empresa.



www.agranja.com

Conheça o novo web site do Brasil Agrícola
clique e descubra o mundo de informações

Agroguia / Currículos On-Line / Matérias Atualizadas / Revistas A Granja e AG
Cotações/ Previsão do Tempo / Produtos e Serviços/
Agro Oportunidades/ Agenda de Eventos

O BRASIL AGRÍCOLA
agranja

FENOSUL COMERCIAL AGRÍCOLA LTDA

Equipamentos e peças para fenação e silagem.

Distribuidor exclusivo **CISNEL**
para o Rio Grande do Sul
e Santa Catarina



FIOS E CORDAS DE SISAL
CISNEL
COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE SISAL NORDESTE LTDA
WWW.CISNEL.COM.BR



Fone: (54) 3330-1262 / (54) 3330-1660 | www.fenosul.com.br

Topázio
CABINES AGRÍCOLAS TRATORES E COLHEITADEIRAS

Cabines Especiais para Pulverização

Fabricamos vidros de reposição para cabines originais; vidros curvos sob medida e vidros especiais (blindagem, vidro de segurança ou lexan).



**SOLICITE
O SEU
ORÇAMENTO**

Fone (18) 3375.7201 / Fax: (18) 3375.1097 - cabinestopazio@yahoo.com.br - www.cabinestopazio.tk Pedrinhas Paulista - SP

**Quer comprar ou vender
uma propriedade no
campo ou na cidade?**

Anuncie no AGROGUIA!

Fone (51) 3233.1822 - e-mail: agroguia@agranja.com

**RATOS?
MORCEGOS?**

EX-RATTER

TECNOLOGIA ULTRA-SÔNICA
CONTRA RATOS E MORCEGOS

Equipamento de ultra-som com tecnologia japonesa:
sem similar no Brasil.

BRASTÉCNICA

Tel.: (35) 3292-1889

Fax.: (35) 3292-1320

Caixa Postal 101 - Cep 37130-000

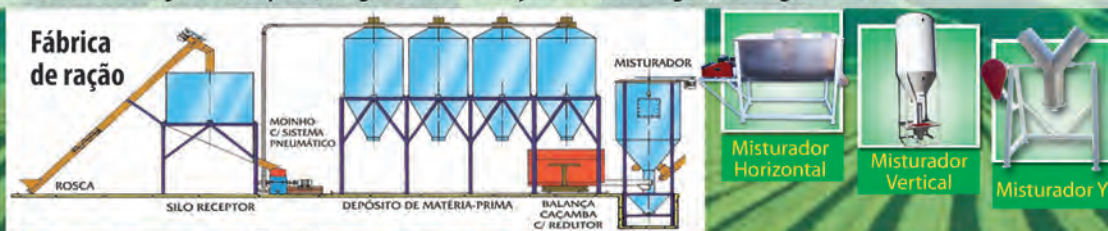
Alenas - MG

btc@brastecnica.com.br

www.brastecnica.com.br



Fabricamos misturadores de ração e sal: Vertical, Horizontal, Tipo Y, em aço carbono e inox
Fábrica de Ração: Creep Feeding, Moinho Granjeiro. Caixa d'água, Forrageira e Silos.



Misturador
Horizontal

Misturador
Vertical

Misturador Y

**MÁQUINAS
P PEREIRA**

**45 Anos
De Tradição**

End: Av: Brasília, 5662 - Vila Yara - Londrina-PR - CEP: 86.027-020 - Fone: (43) 3325-4275 / 3325-5217 Fax: (43) 3334-2364
www.maquinaspereira.com.br - E-mail: mqpereira@sercomtel.com.br - mqagricolas@hotmail.com

Tecnologia para o monitoramento climático e suas tendências.
proporciona ao agricultor segurança e eficácia do preparo do solo à colheita.



Estação Meteorológica Digital

Transmissão radiocontrolada de temperatura, umidade, pressão atmosférica, chuva, velocidade e direção do vento, data logger com memória de 3.000 conjuntos de dados e cabo USB para conexão com PC. Acompanha sensores externos e software.

Para mais
informações
consulte-nos!



Pluviômetro Digital

Transmissão sem fio (máx. 100m);
Escala de indicação - 24 horas de 0~1.000mm;
Escala de indicação - total de 0~10.000mm;
Função de alarme programável;
Temperatura (interna);
Volume de chuva.



Data Logger / Clima Logger

- Transmissão sem fio por até 5 transmissores (até 100m);
- Faixa de temperatura int. de 0+60°C ext. de -30+70°C;
- Faixa de umidade int./ext. 0 a 99% UR;
- Alarme, hora formato 12/24h, calendário e correção de dados;
- Registro de até 1.650 conjunto de dados;
- Máxima e mínima;
- Conexão com PC (RS-232).

Consulte
personalização

Pluviômetro

- Escala de 150mm
- Com suporte



INCOTERM
INDÚSTRIA DE TERMÔMETROS

Av. Eduardo Prado, 1670 - Porto Alegre
Tel.: (51) 3245-7100 - Fax: (51) 3248 -1470
vendas02@incoterm.com.br
www.incoterm.com.br

Tradição que você precisa.
Qualidade que você merece.



AGROPECUÁRIAS

Agrofronza – Produtos Stoller, Manah e Supra. Agropecuária em geral. Fone / fax.: (55) 3542-1052 E-mail : zeferino@terra.com.br Av. Osvaldo Teixeira, 1.349 Tucunduva/RS CEP: 98930-000

Agropecuária Rio do Júlio Ltda. Fone: (47) 9984-3495 rena.joi@terra.com.br Rua: Fernando de Noronha, 75 Ap.301 Joinville/SC. CEP: 89203-072

INOCULANTES E FERTILIZANTES

Total Biotecnologia – Inoculantes para a agricultura. Fone: (41) 3347.1211 Fax.: (41) 3347.1550 E-mail totalquimica@totalquimica.com.br Site: www.totalbiotecnologia.com.br Rua Emílio Romani, 1.190 - Cidade Indl Curitiba/PR CEP: 81460-020

PRODUTOS DA LAVOURA

Bioace Fruits – Produto natural rico em ac. cítrico, próprio para fruticultura. Pode ser usado da muda à pós-colheita, certificado pela Ecocert. Herbotec do Brasil contato@herbotecbr.com.br Fone (11) 3625 -1355 São Paulo/SP.

SEMENTES EM GERAL

Permita que a rentabilidade da sua lavoura seja superior! Conheça os híbridos de milho Prezzotto para grão e silagem. Fone (49) 3441-8800 Xanxerê/SC.

SERVIÇOS

Agros Assessoria Agrônômica Ltda. Projetos ambientais e agropecuários, georreferenciamento. Fones: (53) 3243-2332 / 9975-0336 E-mail : agrosassessoria@brturbo.com.br Rua Duque de Caxias, 954 Dom Pedrito/RS. CEP: 96450-000

A Safras & Cifras atende produtores rurais em todo o Brasil, nas áreas de organização de negócio e sucessão familiar, estruturação tributária e fundiária. Fone (53) 32271010 Site: www.safrasecifras.com.br Pelotas/RS

Etapla Escritório de Assessoria e Planj Agro Pecuario Ltda. Fone: (44) 3642-1826 E-mail etapla@f1net.com.br Rua Bandeirantes, 127 Guaíra/PR CEP: 85980-000

Lírio Gress, procuro emprego, tenho boas referências e experiência em Tambo, sou tratorista, monto a cavalo, vacinação, marcação e coleta de sangue. Contatos (51) 8504-8162 (51) 9655-9356.

Representações Rodighero. Venda de defensivos, insumos agrícolas e tratores Lantreck. Fones: (54) 3345-1232 com o Sr. Vilmar E-mail: rodighero_rep@hotmail.com Sertão/RS.

Sempre Verde Ltda. Georreferenciamento, projetos agropecuários e assistência técnica. Fones: (43) 3557-1518 / 9979-0634 (Calil) E-mail: sempreverde@brturbo.com.br Rua Expedicionário, 87 Arapoti/PR. CEP: 84990-000

Saneagro - Soluções para tanques de decantação e vinhaça, drenagem, dragagem de represas e rios, remoção de vegetação aquática. Fone: (16) 3633-6353 Ribeirão Preto / SP

Schuhrobert Topografia e Agropecuária Ltda. Licenc. ambiental, Sisleg – reserva legal, georreferenciamento rural e urbano, projetos, assistência tec. e loteamento. Fone: (45) 3378-5389 E-mail: schuhrobert@brturbo.com.br Rua Raimundo Leonardi, 861 Toledo/PR. CEP: 85900-110

Terplanta - Planejamento e Assistência Rural Ltda. Especializada em projetos técnicos agropecuários e assistência técnica. Fone/fax: (55) 3742-2536 Cel. (55) 9999-1244 terplanta@terra.com.br Palmeira das Missões/RS.

TFB Advocacia – Direito rural – Pagamento indevido do funeral (Busque 10 anos p/ trás) – Defesas em execuções e/ou revisionais de securitização/Pesa Contato c/ André Bessow - fones (51) 3724-2155 / 9956-3355. E-mail andre@tfbadvocacia.adv.br Rua Sete de Setembro, 842, Cachoeira do Sul/RS

Vansetto e Vitorello Agro Projetos Ltda - Agroplan. Elaboração de Projetos Agropec. e Asses. Resp. tec.: Engº Agríc. Andréia Vitorello Fone:(54) 9956-6290 E-mail: agroplan@tolrs.com.br Rua Vasconcelos 1071, Centro - Campinas do Sul - RS CEP: 99660-000

TRATORES E IMPLEMENTOS

Águia Representações Comerciais. Venda de Máquinas, Implementos e Peças Agrícolas. Fone:(66) 3545-7000 E-mail: aguam@terra.com.br Sorriso/MT.

Comércio de máquinas agrícolas. Fone: (51) 3671-4522 c.a.schedler.maquinas@hotmail.com Rua Belarmino Schinepp, 298 - Olaria Camaquã/RS. CEP: 6180-000

Trator da marca Case modelo MX 135, ano 98 com cabine original case. Valor R\$ 70.000,00 Informações pelo fone: (46) 8803-9141 Coronel Vivida/PR

Vendo 02 colheitadeiras MF-34. Uma ano 2000 e outra 2002/2006. Ótimo estado e bom preço. Fone:

(64) 9641-5582 com Giovani. Rio Verde/GO.

OUTROS

Agrofertil - Matriz: Independência, 95 Passo Fundo fone (54)3581-1986 Filiais: Rodovia BR 285 Km 250 Água Santa fone:(54) 3504-3035, BR 285 Km 274 Mato Castelh. fone: (54) 3615-0065 e BR 285 Km 235 Caseiros fone:(54) 9923-2243.

Binotti Armazéns Gerais Fone / fax: (65) 3549-3454 E-mail: binotti@binotti.com.br Cx.Postal: 22 Lucas do Rio Verde/MT. CEP: 78455-000

Borrachas Urano Ltda. Fone /fax: (51) 3341-6900 / 6918 E-mail: vendas@borrachasurano.com.br Site: www.borrachasurano.com.br Av. Tancredo Neves, 330 Cachoeirinha/RS.

Cairofrio Comércio de Peças p/ Refrigeração Ltda. Fone : (11) 3224.5555 cairofrio@cairofrio.com.br www.cairofrio.com.br Alameda Gleite, 676 São Paulo/SP. CEP: 01215-001

Insuagro Insumos Agrícolas Ltda. Fertilizantes, agroquímicos e compra de cereais Fone: (46) 3535-1353 E-mail: luizinho_rebonato@hotmail.com Rua Leopoldo Preilleper, 467 Verê/PR. CEP: 85585-000

Martiplan C. Martinelli & Cia Ltda Fone / fax.: (45) 3268-1589 martinellilclaudio@bol.com.br Av. Arnaldo Busato, 790 - Cx Postal 95 Santa Helena/PR. CEP: 85892-000

Sultrigo Com. de Trigo e Repres. Ltda. Distribuição de farinha de trigo e derivados. Fones: (73) 3294-3677 / 9986-2243 c/ Antônio E-mail: sultrigo@hotmail.com Praça Independência, 574 Itamaraju/BA CEP: 45836-000

brascab@brascab.com www.brascab.com

BRAS CAB

Bras Cab do Brasil - Rua Ilnah Pacheco Secundino de Oliveira, nº 195 Setor Industrial I - CIC CEP 81460-032 Fone: (41) 3268-0706 e Fax (41) 3268-0707 - Curitiba - PR - Brasil



Bras Cab do Brasil - Fabricação de Cabinas e componentes para máquinas agrícolas e de construção.

Manutec
Máquinas e Equipamentos Agroindustriais



Sugador de grãos

Empilhadeira para sacaria

ESTEIRAS ESPECIAIS PARA UNIDADES DE SEMENTES

MAQUINA DE COSTURA PARA SACARIAS

Molde de unidade para Orto

IJUI - RS
Rua José Gabriel, 631
Ijuí - RS
(51) 3332-7280
manutec_ijui@yahoo.com.br
www.manutecijui.com.br

COMBATA DEFINITIVAMENTE RATOS E MORCEGOS COM O REPELENTE ELETRÔNICO



Tecnologia de ponta
Não afeta animais domésticos
Equipamento ecologicamente correto
Disponível em cinco modelos 300, 700, 1000, 1200 e 1500 m²

Ecotech Projetos Eletrônicos Ltda.
Rua: Selênio, 264 - sala : 303- Bairro: Prado Belo Horizonte - MG
CEP: 30.410-000 - Tel: (31) 3313-7191
Site: www.ecotechprojetos.com.br

SISALÂNDIA
Qualidade e Resistência

Fios e Cordas de Sisal

Fios Agrícolas para fenação
Fios de sisal
Cordas de sisal

Fones:
75 3202-1161
75 3202-1162
75 3202-1166

sisalandia@sisalandia.com.br
www.sisalandia.com.br



Av. Luiz Eduardo Magalhães, 107, Centro, Retirolândia - Bahia

A CABIFORT

Adentra no ramo do mercado de cabines para :
•Tratores •Guindastes •Máquinas Fora De Estradas •Fechamento De Empilhadeiras
•Carenagens Para Guindastes •Plataformas

NOSSE LEMA É:
"PENSOU CABINES PARA TRATORES, GUINDASTES E MÁQUINAS FORA DE ESTRADA LEMBROU CABIFORT".

Para fazer a diferença no ramo desta atividade, proporcionando maior conforto, segurança e qualidade. Há mais de 4 anos e meio no mercado com experiência de 8 anos em projetos e desenvolvimentos nesta área.

Cabifort Indústria e Comércio de Cabines Ltda. Rua: Egídio Antônio Marcarini n.1269 Bairro: Pioneiro
Cep: 95042-590 Caxias do Sul/RS. Fone: (54) 3217-90-65 www.cabifort.com.br cabifort@cabifort.com.br
Localização : Pavilhão ao lado do Sest Senat



DE BOLSAS E VACAS



No “boom” das bolsas da década de 70, não houve novo-rico que não comprasse Mercedes e fazenda. Um deles era meu vizinho no estado do Rio. Acompanhei suas atividades agropecuárias de perto, não só porque morava perto, como também porque presidi o Sindicato Rural que tinha jurisdição territorial sobre as muitas fazendas que comprou.

Criava gado Gir, porque lhe disseram que os zebuínos resistem melhor que os europeus ao rigor dos climas tropicais. O diabo é que está para nascer, aqui ou na Índia, um zebuínio que resista à fome, sobretudo cercado com braúna e sete fios de arame farpado, num morro sem qualquer vestígio de capim.

Novo-riquíssimo, nosso amigo chegava à fazenda em que ficava a sede no princípio das noites de sexta-feira. Até voltar para o Rio, na manhã de segunda-feira, não dava um passo fora do terreiro da sede, nem mesmo para comprar as terras que lhe ofereciam. Assinava as escrituras no Rio.

Passava os finais de semana inteiramente bêbado, aborreado aos litros de Buchanan’s de luxo scotch whisky, assessorado por um bando de vigaristas regionais, gente que indicava as terras, comprava os gados e lhe dava notícia da excelência do rebanho espalhado pelos milhares de hectares.

Nessas fazendas, o quadro era doloroso. Cercas novas, ausência total de pasto, bebedouros feitos a trator no mais fundo das grotas. Vacas, touros e eventuais bezerros mais pareciam lições de anatomia: pele e ossos. Devidamente salitrado em cochos caríssimos, o gado descia ao poço para beber água e ficava por lá até acabar de morrer. Não escapava um. A reposição do rebanho era função dos vigaristas comprando Gir cada vez mais longe, por conta do doutor.

Por acaso, estive com o doutor, para

tratar de problemas do sindicato, num sábado em que os vigaristas davam notícia do gado de determinada fazenda: “Ah, doutor, o rebanho daquela fazenda está uma beleza!”. Também por acaso, passei pela tal fazenda na véspera, levado pelo diretor de nossa cooperativa, e não havia uma só cabeça em condições de sobreviver durante um mês.

Nunca entendi o porquê de os vigaristas não recomendarem a compra de ração, feno e silagem: talvez fosse mais rentável comprar os rebanhos de reposição. Enquanto durou o “boom” das bolsas e a corretora do doutor aguentou, foi um morticínio de Gir que teria acabado com a raça no Brasil, se as bolsas e a corretora não afundassem em poucos anos. Acho que o doutor morreu, porque não encontro seu nome no Google e ele tinha 20 anos mais que eu.

Não faço a menor ideia do fim que levaram as terras, porque saí de lá em 1980, mas que o quadro foi doloroso, foi. E suscita o tema da vigarice nas bacias leiteiras. Nunca houve fazendeiro principiante que não fosse assessorado pelo picareta regional.

O malandro é simpático e sabe encher a bola do principiante, começando com a notícia de que a fazenda comporta 400 vacas, quando não cabem 100. Propriedades à venda, pastos vedados causam boa impressão. Talvez suportassem 200 vacas, se não existisse o período da seca. Aqui no Sudeste e na maioria das terras brasileiras falta neve que convença o fazendeiro da necessidade de guardar comida para os meses em que não há pasto.

O principiante se entusiasma com o verde dos pastos vedados e compra, orientado pelo vigarista, as 400 vacas. O verde acaba num átimo, antes mesmo do período seco. A mortandade é inevitável.

Fosse mais moço, eu compraria uma

área mecanizável que está à venda aqui perto, plantaria milho e capim-napier para fazer milhares de toneladas de silagem e aguardaria a próxima seca para sair comprando vacas moribundas. São milhões à venda, entra ano, sai ano. Morrem algumas nos caminhões, mas as sobreviventes, comendo silagem ao ar livre, num curral de terra, voltam a ficar bonitas e vendáveis. Parece milagre.

O esterco levado do curral de terra para as áreas de plantio de milho e napier permitiria que no ano seguinte o sujeito aumentasse o número de silos e o número de moribundas compradas. Em 10 anos, o fazendeiro fica rico, mas é a tal história: só temos certas ideias quando já não sobra tempo de executá-las.

O malandro é simpático e sabe encher a bola do principiante, começando com a notícia de que a fazenda comporta 400 vacas, quando não cabem 100.

O trabalho seria nenhum. Três ou quatro empregados plantando e ensilando, um ou dois compradores de vacas, no auge da seca, percorrendo as regiões em que a mortandade é braba. Caminhões alugados.

Recuperada a saúde das vacas, os compradores aparecem. E aí temos novo fenômeno curioso. Todo rebanho à venda, com mais de 200 vacas, tem uma porção de cabeceiras. O primeiro comprador escolhe 20 ou 30, que nunca são as melhores, e o segundo comprador tem nova cabeceira para escolher. Afinal, o gado está bonito. Sempre sobram algumas de bicos perdidos, mas essas vão para o corte com lucro. 

